CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

CONSTRUINDO NOVAS PERSPECTIVAS SOBRE A ÁFRICA E AS RELAÇÕES RACIAIS NA GEOGRAFIA ATRAVÉS DE UM CURRÍCULO INTEGRADO

Luana Natureza Peixoto

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Relações Étnico Raciais, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ) como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestrado.

Orientador: Nuno Fragoso Vidal

Rio de Janeiro
Agosto de 2018

CONSTRUINDO NOVAS PERSPECTIVAS SOBRE A ÁFRICA E AS RELAÇÕES RACIAIS NA GEOGRAFIA ATRAVÉS DE UM CURRÍCULO INTEGRADO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestrado.

Luana Natureza Peixoto

Banca Examinadora:

_____

Presidente, Professor Dr Nuno Carlos de Fragoso Vidal (CEFET/RJ) (orientador)

_____

Professora Dra Maria Renilda Nery Barreto (CEFET/RJ)

_____

Professor Dr Amilcar Araújo Pereira (UFRJ)

Rio de janeiro

Agosto de 2018

CEFET/RJ – Sistema de Bibliotecas / Biblioteca Central

P379 Peixoto, Luana Natureza
Construindo novas perspectivas sobre a África e as relações raciais na geografia através de um currículo integrado / Luana Natureza Peixoto.—2018.
xi, 92f. + anexos : il.color. , grafs. ; enc.

Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca , 2018.
Bibliografia : f. 91-92
Orientador : Nuno Fragoso Vidal

1. Etnocentrismo. 2. África - Relações raciais. 3. Racismo. 4. Colonialidade. 5. Geografia - Estudo e ensino. I. Vidal, Nuno Fragoso (Orient.). II. Título.

CDD 305.8

Elaborada pela bibliotecária Mariana Oliveira CRB-7/5929

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu avô que cumpriu sua jornada e nos deixou com seus ensinamentos e saudade. Te adoro. Sempre.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus amigos que me deram apoio nos momentos difíceis e ajudaram a tornar o caminho mais agradável e leve. Ao meu parceiro, Thiago, por todo apoio, amor, afeto, e envolvimento nos debates que me movem. À Luê por me ajudar nos gráficos e sua pré-disposição em ajudar no que fosse preciso, a qualquer hora. À Maria por ler meu texto, revisar e me mostrar que é possível se emocionar com um texto acadêmico, quando fazemos o que realmente acreditamos.

Agradeço à diretora Tetê por possibilitar fazer a pesquisa concomitantemente ao meu trabalho na escola. Ao coordenardor e amigo Pedro Henrique, que me deu toda a força e apoio para ser possível realizar a pesquisa, além de ter sido a pessoa que me apresentou a Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais. Ao professor de História, Quincas, e ao professor de Ciências, Henrique, por permitir que realizasse minha pesquisa em suas aulas. E um agradecimento especial à professora de Geografia, Luciana, que acolheu e entrou no meu projeto de cabeça, disposta a buscar as melhores soluções para a produção do trabalho. Aos meus alunos que foram dedicados às questões propostas, se emocionaram e questionaram a visão eurocêntrica que sempre foi imposta a eles.

Ao meu pai que acompanhou meus passos e me deu força no processo, à minha mãe por sua leveza e amor, e à toda minha família, por estar sempre presente me dando carinho e apoio.

Ao CAPES, pois fui bolsista no processo do mestrado, e por esse apoio foi possível cumprí-lo com êxito.

Ao Professor Doutor Nuno Vidal por me orientar. Aos professores e amigos de curso do Programa de Pós Graduação de Relações Étnico-Raciais que com seus debates, pontos de vista e lugares de fala ajudaram a me tornar uma pessoa mais crítica, e ainda com mais vontade de transformar a educação, em busca de uma sociedade mais justa e igualitária.

"*Desconfiai do mais trivial, Na aparência singelo.*

E examinai, sobretudo, o que parece habitual.

Suplicamos expressamente:

Não aceites o que é de hábito como coisa natural,

Pois em tempo de desordem sangrenta,

de confusão organizada,

de arbitrariedade consciente,

de humanidade desumanizada,

Nada deve parecer natural

Nada deve parecer impossível de mudar"

Bertolt Brehcht

RESUMO

CONSTRUINDO NOVAS PERSPECTIVAS SOBRE A ÁFRICA E AS RELAÇÕES RACIAIS NA GEOGRAFIA ATRAVÉS DE UM CURRÍCULO INTEGRADO

Este trabalho procura atestar a hipótese de que o estudo de África e das relações raciais num contexto de currículo integrado permite, mesmo num curto espaço de tempo de aprendizado, desmitificar vários estereótipos construídos de África e das relações raciais. O objetivo da pesquisa é investigar práticas pedagógicas para estudar a África e as relações raciais num contexto integrado, tendo como estudo de caso o ensino do grupo das disciplinas de Ciências e Humanidades do segundo trimestre do oitavo ano do Ensino Fundamental II, numa escola particular no Rio de Janeiro. Concluímos que o trabalho pesquisado não é decolonial por completo, porém já desafia as estruturas escolares tão engendradas numa visão eurocêntrica e conteudista. As questões de África tiveram resultados positivos, posto que analisamos uma desmitificação do continente. Contudo, referente as questões raciais concluímos que apesar do avanço, as questões de branquitude não foram debatidas o suficiente para que houvesse a transformação esperada, permanecendo certo senso comum sobre o assunto.

Palavras-chave: Educação. Relações Raciais. África. Decolonialidade.

ABSTRACT

BUILDING NEW PERSPECTIVES ON AFRICA AND RACIAL RELATIONS IN GEOGRAPHY THROUGH AN INTEGRATED CURRICULUM

This paper seeks to prove the hypothesis that the study of Africa and racial relations in an integrated curriculum context allows, even in a short time of learning, to demystify several constructed stereotypes of Africa and racial relations. The objective of the research is to investigate pedagogical practices to study Africa and racial relations in an integrated context, having as a case study the teaching of the group of subjects of Sciences and Humanities of the second quarter of the eighth year of Elementary School II, in a private school in the Rio de Janeiro. We conclude that the researched work is not completely decolonial, but it already challenges the school structures so engendered in a Eurocentric and conteudist vision. The African issues have had positive results, since we have analyzed a demystification of the continent. However, with regard to racial issues, we concluded that despite the advance, questions of whiteness were not discussed enough for the expected transformation to take place, with some common sense remaining on the subject.

Keywords: Education. Racial Relations. Africa. Decoloniality.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - O que você entende por raça? 53

Gráfico 2 - Qual a sua cor/raça? 56

Gráfico 3 - Qual o impacto da sua cor/raça sobre sua vida? 58

Gráfico 4 - Você acredita que o termo raça pode ser empregado até os dias atuais para se referir ao ser humano? 61

Gráfico 5 - O que você sabe sobre a África? 63

Gráfico 6 - Qual a influência da cultura africana sobre a construção da identidade brasileira? 66

Gráfico 7.1 - Início do trimestre - Se o Brasil possui a maior população negra fora da África no mundo, porque não observamos essa realidade em nosso cotidiano? 68

Gráfico 7.2 - Final do trimestre – Identifique expressões da desigualdade racial em nosso país. 69

Gráfico 8 - Quais as consequências da escravidão sobre a construção de nossa sociedade? 71

Gráfico 9 – Qual a influência dos europeus sobre o continente africano? 73

Gráfico 10.1 - Início do trimestre – Qual a influência dos
africanos sobre os outros continentes? 74

Gráfico 10.2 - Final do trimestre – Fale um pouco sobre a
influência dos africanos nos outros continentes. 75

Gráfico 11.1 - Atualmente, o continente africano é considerado
mais primitivo ou atrasado do que outros países? 76

Gráfico 11.2 - Por quem? 76

Gráfico 11.3 - Por quê? 77

Gráfico 12 - Qual é a importância do continente
africano para a história da humanidade? 79

Gráfico 13 - Qual a importância da África para o conhecimento,
no passado e no presente? 81

Gráfico 14 - A África pode ser considerada uma unidade
no sentido geográfico e cultural? Justifique a sua resposta. 82

Gráfico 15.1 - Início do trimestre – O que você gostaria de aprender
sobre a África, que você não sabe ou gostaria de aprofundar? 84

Gráfico 15.2: Final do trimestre – Qual das atividades realizadas
neste trimestre foi mais significativa para você? Por quê? 85

SUMÁRIO

Introdução 1

1 Enquadramento Teórico-Conceitual e metodológico 3

1.1 – Metodologia 3

1.2 - O Ensino Crítico e a Decolonialidade 6

1.3 – Raça, Etnocentrismo e a Pedagogia Engajada 18

1.4 - Os estudos de Geografia no Quarto Ciclo 23

2 Contextualização do estudo de África nos programas escolares de geografia: ensino fundamental/8°ano 27

2.1 – A importância da discussão de raça e África na Geografia escolar 27

2.2 – Temáticas de África e Relações Raciais em um currículo integrado 33

3 Estudo de caso e análise de dados 51

Considerações finais 89

Bibliografia 91

Anexo I – Primeiro Questionário 93

Anexo II – Segundo Questionário 94

Introdução

Este trabalho procura atestar a hipótese de que o estudo de África num contexto de currículo integrado permite num curto espaço de tempo de aprendizado desmitificar alguns estereótipos construídos de África e das relações raciais.

O objetivo desse trabalho é investigar práticas pedagógicas para estudar a África e as relações raciais num contexto integrado, tendo como estudo de caso o ensino do grupo das disciplinas de Ciências e Humanidades do 2º trimestre do oitavo ano do Ensino Fundamental II numa escola particular.

Pretendemos demonstrar que o estudo de África num contexto integrado permite num curto espaço de tempo (trimestre) alterar a percepção do continente nos alunos, desfazendo alguns estereótipos, num contexto predominantemente brancos de nível socioeconômico médio-alto.

Minha escolha pelo tema relaciona-se ao fato de eu ter ingressado no mestrado do PPRER, Programa de Pós Graduação em Relações Étnico-Raciais, onde o estudo da África e das relações raciais no Brasil tem um relevo especial, e que despertou o meu interesse investigativo nestas matérias. Deve-se também ao fato de eu ser professora auxiliar há quatro anos na escola onde desenvolvi o estudo, estando presente em todas as matérias, acompanhando as aulas com o professor de cada disciplina, contribuindo e ajudando, acolhendo os alunos de adaptação e dando o suporte necessário para uma aprendizagem com mais significado.

Acredito estar num lugar privilegiado de observação para a pesquisa, no qual tenho uma função atuante, mas ao mesmo tempo de observadora. Assumindo, portanto, uma metodologia de observação participante. Esta posição contribuiu muito para a pesquisa, pois não fui uma figura diferente no grupo, conseguindo assim, resultados mais próximos à realidade. Tive, no entanto, atenção à necessidade de manter o distanciamento e objetividade científica necessários que por vezes podem prejudicar o processo de observação participante.

Minha escolha pelo tema relaciona-se com a percepção de haver uma falta do estudo de África e o debate em torno das questões raciais nas escolas. A Geografia – que é o meu foco de estudo –, no geral, debate sobre os conflitos de classe como sendo os únicos conflitos sociais existentes e, além disso, tem o estudo bastante eurocentrado, deixando de lado muitas vezes outros conhecimentos. Pela necessidade de falar sobre outros pontos de vista e desejo de compreender a complexa dinâmica das relações raciais, ingressei no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, onde este tipo de questão é o foco do programa.

A pesquisa de caso em apreço centra-se no trimestre que vai de 26 de maio a 6 de setembro de 2017, na turma de vinte e seis alunos do segundo trimestre do 8° ano numa escola particular da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro.

No sentido de percebermos a alteração de percepções e alteração de estereótipos sobre a África, aplicamos um questionário aos alunos no início e no final do trimestre (anexo I). Além disso tivemos, como complemento, um diário de observação de campo enquanto professora auxiliar que trabalha na sala de aula junto ao professor regente. Para percebermos em que consistem as metodologias de estudo integrado, iremos descrever os materiais e métodos utilizados pelos professores. Os métodos de pesquisa serão, portanto, qualitativos e quantitativos, por via de observação participante, diário de campo e questionário.

Estudamos o grupo disciplinar de História, Geografia e Ciências, por serem as disciplinas que integram o estudo de África por meio do currículo integrado, embora o foco maior seja na disciplina de Geografia.

Deste modo, o trabalho encontra-se estruturado em três capítulos, sendo o capítulo I dedicado ao enquadramento teórico-conceitual, o capítulo II centrado na contextualização do estudo de África e das relações raciais no Brasil nos programas escolares, com especial relevo para o ensino fundamental, 8° ano, o capítulo III dedicado ao estudo de caso, e para finalizar as conclusões e considerações finais.

1 Enquadramento metodológico e teórico-conceitual

1.1 Metodologia

Contexto do estudo

A escola em que trabalho utiliza como metodologia um projeto a cada ano, como guia dos estudos. No ano que me inscrevi na prova do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais o projeto institucional da escola era entitulado “Saber conviver, saber cuidar”. Foi um ano intenso na escola, em que muitos conceitos e senso comuns foram questionados e estudados. É uma escola de maioria branca e um dos grandes temas debatidos foi o racismo.

Além disso, nas aulas de história enfatizaram-se outros pontos de vista em busca de um conhecimento menos eurocentrado, para poder assim se trabalhar com um olhar mais cuidadoso sobre a vinda forçada dos africanos para o Brasil, seu modo de vida anterior à escravidão provocada pelos europeus, além das consequências dessas relações e conflitos no Brasil. A partir dessas reflexões surgiu a oportunidade de me inscrever para o curso de mestrado e minhas indagações acerca da Geografia da África e as relações raciais se intensificaram.

Inicialmente, a pesquisa foi sobre as transformações ocorridas nos livros didáticos de Geografia relacionados à África adotados pelo Colégio Pedro II, a partir da Lei 10.639/2003. Trabalhei durante sete meses no projeto, mas estava com dificuldade de progredir na pesquisa. Não tinha conseguido me envolver como gostaria e percebia que essa questão estava relacionada à minha falta de vínculo com o projeto. Não trabalhava tanto com livros didáticos e não tinha nenhuma relação com o Colégio Pedro II. Minha opção por esse colégio era apenas por se tratar de um colégio público bastante significativo e importante no contexto nacional. No entanto, tais fatores não eram suficientemente motivadores e percebi que a melhor alternativa, por mais difícil e trabalhosa que fosse, era trocar de projeto e descobrir o que realmente me movia para escrever e pesquisar. Concluí que nada seria melhor do que conseguir unir minha prática de pesquisa com o meu espaço de trabalho.

A escola pesquisada trabalha com projeto institucional todos os anos, unindo diversas correntes teóricas e adaptando-as à nossa realidade. Todo ano através de debates e propostas de alunos, professores e pais, escolhe-se qual será o projeto institucional do ano. No ano de 2017, o projeto institucional foi o “Zoom: diferentes formas de ver o mundo”, que englobaria o estudo do continente africano com mais ênfase.

O âmbito do estudo

No Ensino Fundamental II, este projeto está vinculado aos eixos estruturantes do currículo de Ciências e Humanidades. As disciplinas de História, Geografia e Ciências dialogam entre um currículo integrado e o projeto institucional do ano. O segundo trimestre do oitavo ano teve como macro-tema do programa integrado de Ciências e Humanidades os Discursos Raciais e Teorias Científicas. A História trabalhou o Imperialismo e a Segunda Revolução Industrial: expansão europeia na África e na Ásia; e Primeira Guerra Mundial. Ciências trabalhou a Teoria da Evolução; evolução humana; genética; Darwinismo e crítica ao darwinismo social; árvore filogenética dos reinos; e adaptação. Já a Geografia trabalhou com o tema, África: estereótipos, regiões, heranças, questões contemporâneas. Esperou-se com o trabalho integrado experiências produtivas e diversificadas, proporcionado uma leitura crítica da realidade, podendo assim haver uma desconstrução do letramento dominante.

O projeto inicial observava somente as aulas de Geografia, mas por perceber o quanto o conhecimento apresentado e debatido estava interligado, achei que era muito importante analisar as três disciplinas. Todas problematizaram questões do mesmo âmbito, cada uma com o seu foco, para além do seu diálogo com o projeto institucional do ano.

Os métodos de análise e a sua operacionalização

Por acreditar que um só método não dá conta das necessidades da pesquisa, trabalhamos com mais de um método, que no nosso caso será quantitativo e qualitativo, com recurso de questionários, observação participante e não participante e com diário etnográfico de campo. Conforme diria Cano,

> *O pesquisador, idealmente, deve conhecer o máximo de técnicas possível, o que lhe permitirá escolher a que mais se ajuste ao seu proposito ou, melhor ainda, incorporar várias delas no mesmo projeto de pesquisa, uma estratégia conhecida como triangulação* (CANO, 2012, p.110. Grifo do autor).

Tentamos assim seguir estas orientações, triangulando as diversas fontes e técnicas para uma análise mais fundamentada. O questionário foi aplicado aos alunos no início e no final do

trimestre, e as observações feitas em sala de aula foram uma importante fonte de pesquisa para fundamentar a análise sobre quais práticas estão sendo abordadas em sala de aula, como está sendo recebida pelos alunos e quais os resultados encontrados em nossas hipóteses de pesquisa. Acompanhei todas as aulas de Geografia, História e Ciências do trimestre, observei as propostas dos professores, seus encaminhamentos e, principalmente, os debates e as produções realizadas pelos alunos.

A aplicação dos questionários, no início e no final do trimestre, e os diários de campo, permitiram observar, através dos sujeitos da pesquisa, as suas visões acerca da construção dos conceitos ao longo do trimestre, podendo evidenciar se os objetivos foram alcançados ou não e o que poderia ter sido feito de diferente. Também acompanhei algumas reuniões do coordenador de Ciências e Humanidades com os professores de História, Geografia e Ciências. Para além disto, fiz algumas reuniões com a professora de Geografia e outras com o coordenador, para compreender as etapas de construção das práticas pedagógicas e o porquê das escolhas implementadas.

Conforme referido acima, minha observação foi mista (participante e não participante). A não participante se deu por eu não ser a professora regente, posição que me permitiu em diversos momentos ter um distanciamento na observação dos sujeitos da pesquisa. A observação participante se deu no contexto das minhas funções enquanto professora auxiliar, com poder de intervenção e diálogo com os sujeitos da pesquisa. Não obstante, podemos sempre problematizar sobre esta capacidade de articulação de observação participante e não participante, devendo o observador fazer um esforço para conseguir atuar e distinguir as duas dentro da sua prática de análise.

Inicialmente conversei com o coordenador de Ciências e Humanidades sobre o meu interesse em fazer uma pesquisa na escola e para saber como poderia ser realizada. Ele gostou da proposta e encaminhou a ideia para a direção. Em princípio eu trabalharia com gravação, pois gostaria de ter mais um meio de guardar os diálogos e não perder algo de importante durante o processo, contudo a direção achou melhor não haver gravação pela dificuldade que seria pedir autorização para os pais. Tive uma reunião com a professora de Geografia e ela gostou muito da ideia, relatando que esse seria seu primeiro ano dando a matéria de África e que seria interessante eu estar junto para compreender, analisar e sugerir alterações às metodologias de trabalho utilizadas.

A produção do questionário foi facilitada com as reuniões com os professores. Após a produção do questionário, apresentei à professora de Geografia, debatemos sobre as questões e acrescentamos outras. Depois solicitei a aprovação do meu orientador e em seguida para a direção e coordenação de Ciências e Humanidades da escola.

A primeira reunião do grupo de Ciências e Humanidades foi com o intuito de decidir quais seriam os conteúdos a serem tratados no segundo trimestre, tendo a necessidade de relacionar o projeto institucional da escola, “Zoom: Diferentes formas de ver o mundo”, com as três disciplinas relacionadas. Como o foco preponderante desta pesquisa era na disciplina de Geografia, reuni separadamente com a professora de Geografia após a realização do primeiro questionário para analisarmos os resultados, tendo posteriormente também debatido com o orientador. Fizemos um levantamento e apresentamos para os alunos para iniciarem-se os debates sobre o tema.

1.2 O Ensino Crítico e a Decolonialidade

O Brasil é um país fortemente influenciado pela cultura africana, desde a sua comida, música, religião e várias outras expressões da vida em sociedade. Contudo, por ter entrado no país já de forma marginal, de maneira forçada e escrava (subjugada), sua cultura também ficou durante séculos à margem da sociedade ou subalternizada. Também podemos observar o reflexo dessa questão nos dias atuais através do ensino escolar, no qual se valoriza uma visão eurocêntrica de mundo, ou seja, a escola está vinculada aos valores, cultura e tradições dos europeus, além da influência dos Estados Unidos, por serem as grandes potências econômicas e políticas mundiais, que acabam também por exercer uma influência cultural dominante no mundo.

> *Significa dizer que o saber ocidental constroi uma nova consciência planetária constituída por visões de mundo, auto-imagens e estereotipos que compõem um “olhar imperial” sobre o universo. Assim, o conjunto de escrituras sobre a África, em particular entre as últimas décadas do século XIX e meados do século XX, contém equívocos, pré-noções e preconceitos decorrentes, em grande parte, das lacunas do conhecimento quando não do proprio desconhecimento sobre o referido continente.* (HERNANDEZ, 2005, p.18)

Nas últimas décadas, fruto em grande medida da alteração da consciência social e das ações dos movimentos negros, assistimos à emergência da educação brasileira incluir a história de um continente de onde é originária grande parte da população do país, as influências geradas pelas dinâmicas que ocorreram na África e, principalmente, sua ligação com o Brasil, muito para além do tráfico de escravos e da escravatura usualmente estudada. A Lei 10.639/2003 veio estabelecer legalmente esta necessidade.

No entanto, são ainda muitos os desafios para alterar o ensino eurocêntrico dominante e, por isso, é tão importante o aprofundamento sobre este tema, que traz novas perspectivas e embasamento crítico das ciências sociais e humanas. É fundamental tratar estas temáticas que foram durante tanto tempo ignoradas pelo sistema de ensino e analisar a sua aplicabilidade em sala de aula. O nosso passado eurocêntrico, nas suas diversas dimensões, faz com que o senso comum sobre a África seja deturpada reafirmando a perspectiva dominante. Como desconstruir pré-noções e preconceitos sobre um continente que, mesmo fazendo tanta parte e diálogo com a nossa cultura, permanece desconhecido?

É necessário nas Ciências e Humanidades uma prática pedagógica que instigue, estimule e questione o modelo posto e que crie novas percepções para os alunos. Para a formação de cidadãos críticos que compreendam as desigualdades sociais e raciais existentes e para que lutem por uma sociedade mais justa e igualitária, se faz necessário mostrar outros pontos de vista, diferentes dos pré- concebidos, preconceituosos e estereotipados que estão por toda a parte.

> *E possível que a escola tenha maior poder de saturação ideologica, por ter uma atuação sistemática, durante anos a fio, sobre os que nela permanecem. O processo de seletividade dos segmentos sem prevalência historica na nossa sociedade, são alguns dos mecanismos produzidos para manter a ideologia dominante. O produto final de todo esse processo está configurado no currículo eurocêntrico vigente nas escolas brasileiras, em todos os níveis de ensino* (MUNANGA, 1996, p.141).

Portanto, a escola tem o grande poder de formação ideológica dos alunos e faz-se necessário compreender quais mudanças podemos promover para que se construa um ensino que compreenda as diferenças, que saiba apontá-las e discutí-las dentro do contexto social existente. Dar embasamento aos alunos negros que sofrem racismo e fazer com que os alunos brancos compreendam os privilégios existentes no dia-a-dia só pela cor da pele, desmascara a ideia de democracia racial e conscientiza os estudantes. É preciso haver conhecimento para entender, respeitar e integrar as contribuições das diversas culturas existentes. Dentro do nosso contexto escolar, podemos perceber que as culturas oriundas de grupos marginalizados são minimizadas e invisibilizadas nos currículos e livros didáticos e, quando representados, ocorrem de maneira caricatural e estereotipada.

> *Na verdade, na escola é negado ao estudante o conhecimento de uma historia que efetivamente incorporasse a contribuição dos diferentes estoques étnicos a formação de nossa identidade, com o agravante de que a historia parcial ali apresentada como exclusiva é aquela dos vencedores, dos colonizadores ou, para precisar a afirmativa, historia celebratoria das classes economica e politicamente mais bem sucedidas.* (MOURA, 2005, p.78)

O ensino crítico é fundamental e estratégico para se pensar em uma sociedade mais justa e democrática. Repensar o que é ensinado e o porquê é ensinado traz mais significado para a sala de aula e faz com que os alunos aprendam coisas que façam diferença e sentido no seu dia a dia. “O ensino crítico relaciona-se com a forma como se ensina em sala de aula, seus objetivos, seu papel na sociedade e a habilidade de agir reflexivamente” (FERREIRA, 2006, p.33).

Quando se delimita o que será ensinado, imediatamente se escolhe o que não será. Parece óbvia a frase, mas é fundamental se pensar o conteúdo que está sendo escolhido para passar para os alunos e porque não são ensinadas outras coisas. O que torna um conteúdo mais importante do que outro? De onde vem essas fontes de estudo? O que é legitimado pela ciência e pela sociedade?

Nessa forma de se pensar a aprendizagem, também é essencial cuidar das diferentes formas de conflitos existentes. O “ensino crítico também discute os conceitos de ideologia, poder, classe social, consciência crítica e empoderamento, relacionados à raça, gênero e classe” (FERREIRA, 2006, p.35). Para uma compreensão de nossa sociedade é importante entendermos as disputas de poder existentes, os preconceitos e o racismo que fazem com que as estruturas sociais permaneçam desiguais. E o espaço escolar não é diferente, é reflexo do que vivemos, “com as múltiplas e contraditórias dinâmicas de poder e movimentos sociais que fazem da educação um lugar de conflito e luta, e com o que tudo isso significa para o trabalho educativo” (APPLE, 2001, p.39).

Neste sentido, a escola também é espaço de luta, e as ideologias são repassadas, tendo consciência disso ou não. Visto isso, é importante que se compreenda e tenha consciência do que está sendo passado aos estudantes, para não reproduzir ideias reacionárias e preconceituosas. O espaço do professor é de eterno questionamento, sobre a melhor forma de passar as informações e de repensar o que é proposto para os alunos.

Logo, nos perguntamos: qual o conhecimento que devemos ensinar? Qual o conhecimento que tem mais valor? De *quem* é o conhecimento que tem mais valor? (APPLE, 2001). O nosso

currículo, conforme referido, está extremamente relacionado a um modelo eurocêntrico, além dos próprios conteúdos privilegiarem a história dos europeus. Pensar o que cabe no nosso currículo, o que precisamos adaptar e repensar traz um movimento importante à escola. É necessário refletir sobre que escola queremos e qual o tipo de ensinamento é fundamental para os jovens. O ensino de África e sua relação com o Brasil enquadra-se nestes desafios de mudança do paradigma da educação no Brasil.

> *A tradição de interrogar radicalmente escolas e outros lugares pedagogicos, de perguntar quem se beneficia de suas formas dominantes de currículo, ensino, avaliação e políticas, de discutir sobre o que poderiam fazer de forma diferente, e de fazer perguntas reflexivas sobre o que teria que mudar para que isso acontecesse* (APPLE, 2001, p.39).

Esse questionamento nos leva a perceber que existe uma hegemonia quanto à raça, cultura, gênero e classe social, que nos impõe uma forma de pensar e privilegiar certos grupos sociais. Esse formato branco, europeu, masculino e elitizado, está relacionado a uma disputa de poder. As brechas ocorrem através de muita luta dos grupos discriminados.

> *Esses perigos surgem quando pressupomos, como fizeram algumas pessoas, que sempre há uma correspondência precisa entre qualquer conhecimento considerado "legítimo" ou "oficial" e a visão de grupos dominantes sobre o mundo. Isso é demasiado simplista, já que o conhecimento oficial costuma ser resultado de lutas e concessões mútuas e, as vezes, pode representar vitorias fundamentais, e não só derrotas, de grupos subalternos* (APPLE; BURAS, 2006; APPLE, 2000).

As relações entre conhecimento e poder são complexas e muitas vezes contraditórias. Elas representam as disputas existentes e ocorrem de forma desigual. Reproduzir o que nos é passado por um grupo hegemônico sem refletir e buscar novos conhecimentos baseados em nossa cultura, ou em outras também marginalizadas em um contexto mundial, é continuar com a colonialidade do conhecimento.

Não estamos querendo descredibilizar a ciência e o conhecimento produzido pelas potências políticas e econômicas mundiais, mas sim abrir um espaço para que outras formas de pensar e outros estudos também sejam valorizados e possam influenciar em nosso cenário. Conhecimento é poder. Valorizar um único modelo de conhecimento é ensinar que só aquele

modelo é o correto, é o coerente, podendo refletir a esse discurso todos os outros espaços de troca, como o meio acadêmico, a moda, a forma de se alimentar, de se divertir. Quando o que aprendemos faz parte de uma reflexão eurocêntrica, todo o restante fica prejudicado, havendo um apagamento da historicidade e de outros pontos de vista.

> *E muitos de nos precisam ser constantemente lembrados da necessidade de fundamentar nosso trabalho em um entendimento muito mais profundo das realidades enfrentadas todos os dias pelos oprimidos. Qualquer trabalho em educação que não se baseie nessas realidades pode acabar sendo mais um ato de colonização* (APPLE, 2001, p.46).

Por isso, se tratando das relações raciais, é fundamental colocar a questão das desigualdades em nossa sociedade, demarcar que existe uma questão racial importante a ser discutida no Brasil, e que nossos conflitos não são meramente sociais, como a "democracia racial" pressupõe. Outro ponto é a importância em se estudar a história e geografia da África, compreendendo que este continente está bastante relacionado com o nosso país e influenciou muito na construção de nossa linguagem, cultura e educação. É fundamental para se "desestabilizar crenças acerca do racismo no Brasil, reposicionar identidades historicamente subjugadas e formar cidadãos críticos e atuantes para a sociedades (OLIVEIRA & PINHA, 2012, p.10).

A Lei 10.639/2003 vem para legitimar essa importância e tornar obrigatório o ensino da "História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil" (BRASIL, 2003). Essa lei só foi necessária devido ao silenciamento existente nos meios escolares sobre esses estudos e só foi possível através de muita luta do movimento negro e estudiosos no assunto, que se esforçaram pela sua inclusão nos currículos escolares.

> *Dentre os principais eixos norteadores da Lei 10.639/2003 – subsidiados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Etnico-raciais e para o Ensino de Historia e Cultura Afro-brasileira e Africana (2004) –, destacamos: a) o desenvolvimento de ações e posturas que valorizem a identidade, historia e cultura dos afro-brasileiros; b) a compreensão da luta do povo negro e do sofrimento social a ele causado*

> *ao longo da historia; c) a implementação de medidas pedagogicas e curriculares cotidianas, não esporádicas, que eduquem alunos, professores, pais e toda comunidade escolar para a eliminação de preconceitos* (OLIVEIRA & PINHA, 2012, p.10).

A lei foi fundamental para se concretizar uma demanda que havia nas escolas para se discutir e implementar. Trabalhos acadêmicos começaram a ser produzidos em maior quantidade para suprir uma demanda necessária. Contudo, ainda há uma grande dificuldade das escolas abrirem espaço para estes conteúdos e isso passa por um processo de decolonialidade, cujo conceito e discussão será central para o nosso trabalho, como a seguir se mostra.

Conceitos de colonialidade e decolonialidade

O conhecimento que consideramos “válido” vem de um caminho epistemológico, que vai de encontro com o que se reconhece como cientificamente correto. Este caminho que estamos habituados está vinculado ao eurocêntrico, que legitima a sua forma branca e patriarcal de ver o mundo, de fazer ciência e compreender questões. Qualquer coisa que fuja a isso, não é valorizada e, em sua maioria, nem aceita.

> *Toda a experiência social produz e reproduz conhecimento e, ao fazê-lo, pressupõe uma ou várias epistemologias. Epistemologia é toda a noção ou ideia, reflectida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido. E por via do conhecimento válido que uma dada experiência social se torna intencional e inteligível. Não há, pois, conhecimento sem práticas e actores sociais. E como umas e outros não existem senão no interior de relações sociais, diferentes tipos de relações sociais podem dar origem a diferentes epistemologias. As diferenças podem ser mínimas e, mesmo se grandes, podem não ser objecto de discussão, mas, em qualquer caso, estão muitas vezes na origem das tensões ou contradições presentes nas experiências sociais sobretudo quando, como é normalmente o caso, estas são constituídas por diferentes tipos de relações sociais.* (SANTOS, MENESES, 2010, p.9)

Todo o estudo tem uma epistemologia, um objetivo para a implantação dessa epistemologia, toda aula tem um objetivo, e toda a ideia quer se passar um ponto de vista específico, sendo consciente ou não. Esse debate vai de encontro às grandes discussões em torno do projeto “Escola sem Partido”, por exemplo, que coloca a questão do posicionamento político como algo possível de se desvincular com uma aula, com a postura do professor perante o mundo, e os posicionamentos da escola. Quando se escolhe certo conteúdo para se passar para os estudantes, quando se gasta mais tempo em uma matéria do que em outra, quando se mostra apenas um ponto de vista da História, consequentemente, há uma escolha, há um posicionamento político. A disciplina de História ser guiada basicamente sobre o direcionamento histórico europeu, influencia diretamente no que construímos em nosso imaginário de mundo.

Dentro de uma sociedade com ideias e valores brancos, é necessário se desconstruir a representação negativa e estereotipada do negro. Desmontar estereótipos em sala de aula é fundamental para compreender-se as raízes dessas taxações e os motivos da permanência de sua existência.

> *A idéia de raça, em seu sentido moderno, não tem historia conhecida antes da América. Talvez se tenha originado como referência as diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados, mas o que importa é que desde muito cedo foi construída como referência a supostas estruturas biologicas diferenciais entre esses grupos.* (QUIJANO, 2005, p.117)

Somos seres bastante similares em nossas características físicas, todos temos dois olhos, boca, nariz. Contudo, somos seres bastante diversos ao mesmo tempo, formato do olho, tamanho da boca, nariz, tom de pele, tipo de cabelo. Dentre nossas distintas características, escolheu-se algumas para diferenciar a raça. Ter uma sobrancelha maior ou menor, por exemplo, não faz com que um grupo seja destacado e considerado com características intelectuais e psicológicas inferiores ou superiores. Eles simplesmente são considerados com características físicas distintas.

Agora, o que faz a distinção de cor de pele – principalmente - trazer o pressuposto que certos seres humanos não possuem o mesmo nível intelectual do que outros? As grandes navegações vieram com o objetivo de conquistar coisas, de se ter poder e explorar. E podemos perceber que a forma como se deram essas relações com os outros povos se pautaram nesse objetivo. Se seguiu um padrão de interesse,

> *e na medida em que as relações sociais que se estavam configurando eram relações de dominação, tais identidades foram associadas as hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes, com constitutivas delas, e, consequentemente, ao padrão de dominação que se impunha. Em outras palavras, raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população.* (QUIJANO, 2005, p.117)

O discurso racial estabeleceu-se como justificativa para formas abusivas de relação, exploração de trabalho humano, e de privilégios para os considerados brancos. Este modelo se reiventa ao longo dos anos, e permanece até hoje no senso comum. Cabe a nós agora pensarmos formas de descontruir essas verdades falaciosas, que influenciam na vida de todos.

> *Para se reconstruir, em outras bases, todo imaginário em torno do que foi a escravidão negra no Brasil, faz-se necessário contar a historia a partir do ponto de vista dos escravizados. Caso contrário, as consequências atrozes da escravidão na vida da população negra até os dias atuais tendem a ser invisibilizadas e, com isso, todo o projeto de produção de valores, atitudes e saberes comprometidos com a formação de uma democracia plena, que reconheça a identidade, historia e cultura dos afrodescendentes, ficaria comprometido.* (OLIVEIRA, PINHA, 2012, p.11)

O ponto de vista de um estudo faz com que nossa compreensão e entendimento de um assunto, possam ser completamente diversos se forem realizados através de outro prisma. Por isso, ao estudar algo é essencial que saibamos o lugar em que está o autor ou a história contada, o que quer se contar e seu porquê. Nossa história é essencialmente contada pelos “vencedores”, por quem conquistou uma hegemonia dentro do contexto atual. E se tratando de raça, a hegemonia branca colonizadora silenciou muitas vezes a história negra no Brasil, deixando de contar, por exemplo, resistências importantes para a construção de nossa sociedade.

> *O colonialismo denota uma relação política e economica, na qual a soberania de um povo está no poder de outro povo ou nação, o que constitui a referida nação em um império. Diferente desta idéia, a colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado*

> *do colonialismo moderno, mas em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, se relaciona a forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si através do mercado capitalista mundial e da idéia de raça. Assim, apesar do colonialismo preceder a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo. Ela se mantém viva em textos didáticos, nos critérios para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no sentido comum, na auto-imagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna. Neste sentido, respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente.* (TORRES, 2007, p. 131).

A colonialidade está relacionada à forma com que as relações são dadas e valorizadas, no contexto de um país marcado historicamente pelo processo colonial. Esse sistema influencia até os dias de hoje e passa desapercebido, como se as regras sociais só pudessem permear essa conjuntura instaurada. Esse formato influencia diretamente a educação e, consequentemente, como serão estabelecidos os parâmetros escolares e os conteúdos selecionados como de maior relevância. Quando tratamos da História Geral que é dada nas escolas, podemos observar que a maior parte dos conteúdos ensinados ocorrem na Europa, ou mostram o ponto de vista europeu. Até o processo do Imperialismo, que foi sofrido em terras africanas e asiáticas, na maioria das escolas é passado somente o ponto de vista do explorador.

> *Quijano (2005) vai propor o conceito de colonialidade do poder para referir-se a essa situação. Esta seria uma estrutura de dominação que submeteu a América Latina, a África e a Ásia, a partir da conquista. O termo faz alusão a invasão do imaginário do outro, ou seja, sua ocidentalização. .ais especificamente, diz respeito a um discurso que se insere no mundo do colonizado, porém também se reproduz no locus do colonizador. Nesse sentido, o colonizador destroi o imaginário do outro, invizibilizando-o e subalternizando-o, enquanto reafirma o proprio imaginário. Assim, a colonialidade do poder reprime os modos de produção de conhecimento, os saberes, o mundo simbolico, as imagens do colonizado e impõe novos. Opera-se, então, a naturalização do imaginário do invasor europeu, a subalternização epistêmica do outro não-europeu e a propria negação e o esquecimento de processos historicos não-europeus. Essa operação se*

> *realizou de várias formas, como a sedução pela cultura colonialista, o fetichismo cultural que o europeu cria em torno de sua cultura, estimulando forte aspiração a cultura europeia por parte dos sujeitos subalternizados. Portanto, o eurocentrismo não é a perspectiva cognitiva somente dos europeus, mas torna-se também do conjunto daqueles educados sob sua hegemonia* (CANDAU, 2010, p.19).

A colonialidade fortalece o eurocentrismo e faz com que mais povos sejam influenciados por essa forma de ver o mundo. Entretanto há uma distinção grande quando se fala de eurocentrismo na Europa e nos países colonizados. A forma com que os europeus se viram será como o centro do mundo do comércio, das descobertas e, principalmente, do saber. Isso pode trazer grandes prejuízos, já que não há a abertura para se compreender outras formas de existência diferente a deles.

Contudo, os grandes prejudicados serão os colonizados, que negarão sua própria existência em prol de uma ideologia, de uma forma de pensar. O que é seu é menor, menos importante, pode ser esquecido. E o que é do outro, vem com propriedade, com valor. Isso influencia na sua identidade, em suas tradições e sua auto-estima. Como estar em um lugar em que não há nada de bom que venha do próprio lugar, de seu próprio povo? O que é considerado certo, aceito, é que quanto mais próximo cultural e esteticamente da Europa, mais encaixado e bem visto socialmente a pessoa será. Por isso, as escolas se enquadram nesse modelo, e os colonizados passam a acreditar nas teorias, conhecimentos e verdades universais construídas pelos europeus.

Como Candau afirma,

> *(...) evidenciou-se também uma geopolítica do conhecimento, ou seja, o poder, o saber e todas as dimensões da cultura definiam-se a partir de uma logica de pensamento localizado na Europa* (2010, p.21).

A partir dessa constatação, observa-se a necessidade de contrapor essas ideias. Não negar todo o conhecimento construído pelos países hegemônicos, mas conseguir estudar outras formas de pensamento, estrutura, que foram silenciadas nesse processo.

> *A ideia central é, como já referimos, que o colonialismo, para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemologica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu a supressão de muitas formas de saber proprias dos povos e/ou nações colonizados. As epistemologias do Sul são o conjunto de intervenções epistemologicas que denunciam essa supressão, valorizam os saberes que resistiram com êxito e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos.* (SANTOS, MENESES, 2010, p.13)

As epistemologias do Sul para o Sul, pensada por Boaventura dos Santos, faz refletirmos a falta de troca de conhecimento entre países explorados, que em um conhecimento eurocêntrico são denominados “subdesenvolvidos”, ou “em desenvolvimento”. Absorvemos o que a Europa produz, e pouco é estudado sobre o que os países vizinhos estão produzindo de conhecimento. Além de deixarmos de estudar outras perspectivas, podemos perder a oportunidade de fazer discussões que são muito mais próximas a nós, já que os países latinos, e mesmo africanos, têm similaridades em suas necessidades, produções, forma de se comunicar, além de outras diversas esferas.

> *A Colonialidade do Saber nos revela, ainda, que, para além do legado de desigualdade e injustiça sociais profundos do colonialismo e do imperialismo, já assinalados pela teoria da dependência e outras, há um legado epistemologico do eurocentrismo que nos impede de compreender o mundo a partir do proprio mundo em que vivemos e das epistemes que lhes são proprias.* (PORTO-GONÇALVES, p.3, 2005)

Conseguir valorizar o que os países considerados “periféricos” têm de cultural, científico e de história, entender sua dinâmica territorial a partir de quem vive no lugar, fazendo com que se consiga um estudo mais verdadeiro, justo e interessante. Esse processo se denomina decolonialidade que “representa uma estratégia que vai além da transformação da decolonização, ou seja, supõe também construção e criação. Sua meta é a reconstrução radical do ser, do poder e do saber (CANDAU, 2010, p.24). Compreendendo esse processo, cabe aos colonizados decolonizarem seus imaginários, através de estudos e do reconhecimento da riqueza de sua cultura.

> *Esse pensamento crítico pode se constituir desde a colonialidade e propõe que se crie novas comunidades interpretativas que ajudem a ver o mundo de uma perspectiva "outra". Esse enfoque quer se constituir como um projeto alternativo ao racismo epistêmico e a colonialidade do ser, do saber e do poder* (CANDAU, 2010, p.26).

Uma das grandes necessidades de transformação e luta pela decolonialidade se vincula ao racismo, que ainda anda bastante presente em nosso meio. Valorizar nossa cultura e nosso povo faz com que entendamos que não somos todos iguais, principalmente por questões históricas, e precisamos corrigir problemas estruturais.

> *A opção descolonial é epistêmica, ou seja, ela se desvincula dos fundamentos genuínos dos conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento. Por desvinculamento epistêmico não quero dizer abandono ou ignorância do que já foi institucionalizado por todo o planeta.* (MIGNOLO, 2008, p.290)

Identificar, transformar e corrigir os estereótipos e a invisibilidade do negro nos currículos e materiais pedagógicos, é necessário para que se deixe de fortalecer uma colonialidade do poder, do saber e do ser, que se reflete numa conjuntura como se houvesse uma inferioridade negra e uma superioridade racial branca. A Lei 10.639/03 vem com esse propósito trazendo a possibilidade de novas construções teóricas para uma proposta de interculturalidade crítica e de uma pedagogia descolonial (CANDAU, 2010).

> *Nesse sentido, a proposta de uma pedagogia decolonial e de interculturalidade crítica requer a superação tanto de padrões epistemologicos hegemonicos no seio da intelectualidade brasileira quanto a afirmação de novos espaços de enunciação epistêmica nos movimentos sociais.* (CANDAU, 2010, p.36)

Portanto, pensar a escola através da pedagogia decolonial faz com que seja necessário refletir sobre os modelos implantados, os conteúdos privilegiados e os pontos de vista usados. O estudo crítico traz um novo olhar sob o conhecimento e novos debates. Debater as relações raciais e questionar os estereótipos existentes sob a África, tornam-se essenciais em sala de aula,

para que os alunos desfaçam sensos comuns e aprendam a lidar com as relações sociais existentes. É no contexto desta discussão teórica que inserimos a nossa análise e avaliamos o nosso estudo de caso.

1.3 Raça, Etnocentrismo e a Pedagogia Engajada

Nesse subcapítulo vamos debater a importância de uma pedagogia engajada, disposta a questionar o que é posto pelo senso comum e pela cultura dominante. Para a formação de pessoas que compreendam melhor os processos de exclusão e desigualdade social. A categoria raça, muitas vezes, esquecida, silenciada no nível educacional, é de essencial importância para o debate sobre sociedade. Também falaremos sobre o etnocentrismo, no qual nos influencia com o que consideramos mais científico, mais correto e mais importante para a vida escolar.

Esse debate vem de encontro com a necessidade de se instaurar as questões colocadas na Lei 10.639/2003, que mesmo depois de tanto tempo implantada ainda anda a passos lentos. A obrigatoriedade sobre o estudo da África e dos afrobrasileiros, traz uma urgência em debates que devido o currículo eurocentrado existente ficou durante anos silenciado. Por isso, agora é essencial o debate e a implantação de tais temas, mesmo porque muito se avançou nos trabalhos acadêmicos, na disseminação de cursos específicos e nas produções de livros. Visto isso, entendemos que há uma necessidade dos professores se adaptarem a essas questões, e as escolas darem o devido suporte para a implementação de um estudo decolonial, no qual se pense também nas epistemologias do Sul para o Sul (SANTOS, 2009).

Podemos observar atualmente um grande desinteresse dos estudantes pelas matérias dadas em sala de aula. Um dos motivos para essa desmotivação está relacionada a falta de relação dessas disciplinas com o seu espaço vivido, com as suas relações e vivências. Os currículos escolares muitas vezes não são questionados e adaptados para as necessidades dos estudantes. Isso faz com que a escola seja cada vez mais ineficiente e menos transformadora. Como diz a autora Bell Hooks sobre sua função como professora, os estudantes,

> *querem um conhecimento significativo. Esperam, com toda razão, que eu e meus colegas não lhes ofereçam informações sem tratar também da ligação entre o que eles estão aprendendo e sua experiência global de vida.* (2013, p.33)

Esse debate também vai de encontro com o que os estudantes podem não ter clareza em suas vivências, mas que quando começa a ser debatido conseguem absorver e passa a fazer sentido. A questão da raça pode entrar nesse formato, já que é um debate recente dentro do ensino escolar. A desigualdade de classe, por exemplo, já é compreendido no senso comum e não é mais questionada, posto que já foi debatida inúmeras vezes tanto no espaço escolar como em outros. Já a raça ainda é questionada por muitos por sua existência no Brasil, já que a ideia da "Democracia Racial" vem sendo transmitida por gerações. Desmitificar a existência da igualdade de raça no país torna-se urgente para o fim de injustiças.

> *Não podemos negar que, na construção das sociedades, na forma como negros e brancos são vistos e tratados no Brasil, a raça tem uma operacionalidade na cultura e na vida social. Se ela não tivesse esse peso, as particularidades e características físicas não seriam usadas por nos, para identificar quem é negro e quem é branco no Brasil. E mais, não seriam usadas para discriminar e negar direitos e oportunidades aos negros em nosso país. E essa mesma leitura sobre raça, de uma maneira positiva e política que os defensores das políticas de ações afirmativas no Brasil tem trabalhado*. (GOMES, 2005, p.48)

Se o nosso fenotípico impacta em nossas relações, se podemos observar a segregação espacial relacionada a cor da pele, é fundamental que se discuta essa questão em sala de aula, que possamos compreender como impacta, os motivos, os porquês e como se trabalha essa questão? Biologicamente falando, não existem diferentes tipo de raça, mas se podemos observar essas desigualdades, podemos afirmar que socialmente esta categoria existe.

> *Ou seja, se cientificamente a realidade da raça é contestada, política e ideologicamente esse conceito é muito significativo, pois funciona como uma categoria de dominação e exclusão nas sociedades multirraciais contemporâneos observáveis.* (MUNANGA, 2012, p.15)

Portanto, estudar as relações raciais torna-se fundamental para a construção de relações mais saudáveis e menos hierárquicas. A visibilidade dessa discussão só tornou-se possível com muita luta dos movimentos negros no Brasil, e como afirma Nilma Gomes,

> *Como discurso e prática social, a raça é ressignificada pelos sujeitos nas suas experiências sociais. No caso do Brasil, o movimento negro ressignifica e politiza afirmativamente a ideia de raça, entendendo-a como potencia de emancipação e não como uma regulação conservadora; explicita como ela opera na construção de identidades étnico-raciais.* (GOMES, 2012, p.731)

Expandir esse debate é minimizar os ataques racistas que ocorrem todos os dias, é diminuir a dor de muitos e trazer maior consciência a essa nova geração, para que se dê um basta nas reproduções preconceituosas. Debater esse assunto é transgredir o que a cultura dominante nos impõe, de debater esse lugar social que o homem branco tem em nossa cultura, e trazer visibilidade a quem esteve a margem durante tanto tempo. É preciso se repensar o ensino e o currículo posto.

> *Pedindo a todos que abram a cabeça e o coração para conhecer o que está além das fronteiras do aceitável, para pensar e repensar, para criar novas visões, celebro um ensino que permita as transgressões – um movimento contra as fronteiras e para além delas. E esse movimento que transforma a educação na prática da liberdade.* (HOOKS, 2013, p.24)

A educação deve ser de fato transformadora de nosso status quo,. Não refletir faz do professor um mero reprodutor das morais impostas e dos preconceitos existentes. Se queremos evoluir, precisamos nos transformar, nos formar, e mudar os paradigmas escolares. Pensando nisso, é necessário se pensar sobre a influência européia e colonial existente em nossa educação. Na definição de Nilma Gomes,

> *O etnocentrismo é um termo que designa o sentimento de superioridade que uma cultura tem em relação a outras. Consiste em postular*

> *indevidamente como valores universais os valores proprios da sociedade e da cultura a que o indivíduo pertence.* (GOMES, 2005, p.53)

E por termos uma cultura colonial, nos apropriamos das ideias de superioridade dos valores europeus, e agregamos a nossa cultura, esquecendo-nos de outras importantes fontes de sabedoria que poderiam ser melhor aproveitadas e estudadas. A centralidade do saber europeu, nos traz o perigo de uma visão única, na qual está cercada de preconceitos. O etnocentrismo está em nosso currículo, nas falas dos professores, nas imagens dos livros didáticos, nas escolhas dos conteúdos apresentados. Só será possível utrapassar o eurocentrismo com uma visão crítica, e uma pedagogia engajada, disposta a romper com o que se apresenta como natural.

> *A consideração da Europa ocidental vista como centro da civilização e da ciência moderna e entendida como forma acabada e universal de conhecimento implica a aceitação de que existe uma periferia. Uma periferia não so geográfica, mas economica, política e racial.* (GOMES, 2012, p.731)

Essa periferia da qual fazemos parte deve ser pensada e valorizada. “Se a lógica do pensamento abissal é tornar os Outros inexistentes e inferiores, a lógica desses Outros é conquistar o seu lugar de existência” (GOMES, 2012, p.733). É essa busca que acreditamos trazer sentido aos estudos, fazer com que a História e a Geografia tragam novos significados e significantes. Trazer novas leituras e novas epistemologias possibilitam um novo estar no mundo, uma nova compreensão do que somos e representamos para este mundo globalizado. Compreender nossa realidade social e nossa função social fazem com que nos tornemos mais conscientes e mais propensos a transformações necessárias.

> *Para lecionar em comunidades diversas, precisamos mudar não so nossos paradigmas, mas também o modo como pensamos, escrevemos e falamos. A voz engajada não pode ser fixa e absoluta. Deve estar sempre mudando, sempre em diálogo com um mundo fora dela.* (HOOKS, 2013, p.22)

Por isso, é essencial sempre pensarmos quem são esses estudantes com quem estamos trabalhando, qual sua realidade, e o que pode ser transformado. Dentro dos contextos sociais existem necessidades diferentes de estudos, para uma nova compreensão de mundo que muitas vezes não está de fácil análise, tendo em vista sua realidade.

Crianças e adolescentes de classe mais pobres terão necessidades diferentes de classes mais elevadas, a própria questão cultural influenciará para o interesse e maior conexão com os estudos. Da mesma forma, é importante pensar, por exemplo, como tratar das questões raciais num contexto branco ou em um contexto negro, quais são os tipos de abordagens necessários para trazer significado a esse estudo, como tocar essas crianças, e mexer com o senso comum. “Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo” (HOOKS, 2013, p.25).

Devemos perceber que o assunto raça e a influência do nosso fenotípico em relação ao mundo, mexe profundamente com sentimentos e memórias. Trabalhar com essas questões em sala de aula requer cuidado e sensibilidade, já que nossos estudantes são pessoas que sentem e vivem experiências únicas devido sua história e aparência. E caso não sintam na pele, ou não percebam, precisam ser levados a reflexão. Seja qual for a raça daqueles indivíduos, todos podem se mobilizar com o tema, as marcas existentes ou não naqueles corpos já irão render importantes discussões a respeito da questão.

> *Tomada de consciência de uma comunidade de condição historica de todos aqueles que foram vítimas da inferiorização e negação da humanidade pelo mundo ocidental, a negritude deve ser vista também como afirmação e construção de uma solidariedade entre as vítimas.* (MUNANGA, 2012, p.20)

Aprender sobre a condição histórica negra que influenciou todo o crescimento de cidades, o desenvolvimento capitalista e que enriqueceu tantos homens brancos, pode trazer a reflexão sobre por que atualmente chamamos alguns países de desenvolvidos e outros de subdesenvolvidos, ou em desenvolvimento. Os países desenvolvidos têm melhor infraestrutura, emprego, saúde e educação de qualidade, mas como foi possível adquirir tal estabilidade política e econômica? No senso comum, são esquecidas as formas de exploração que afetaram extremamente culturas e pessoas, e muitos acreditam que os países considerados desenvolvidos compreendem um povo culturalmente mais evoluído, e por isso esses países possuem todas

essas vantagens locacionais. O próprio nome dá a entender esse pensamento, mostrando que o eurocentrismo influencia diretamente culturas com colonialidade.

Além da condição histórica é fundamental compreendeer que a influência do racismo impacta ainda hoje sobre os corpos negros. A desigualdade racial é visível no Brasil, e muitos ainda pensam que a desigualdade social existente em nosso país é somente de classe.

> *Por isso é preciso falar sobre a questão racial, desmistificar o racismo, superar a discriminação racial. Diferentemente do que alguns pensam, quando discutimos publicamente o racismo não estamos acirrando o conflito entre os diferentes grupos étnico/raciais. Na realidade é o silenciamento sobre essa questão, que mais reforça a existencia do racismo, da discriminação e da desigualdade racial.* (GOMES, 2005, p.51)

A escola tem um papel fundamental nessa tomada de consciência, posto que é um dos grandes disseminadores do saber. Compactuar com essa discussão é tornar possível pessoas mais conscientes e uma sociedade mais igualitária. E como afirma Bell Hooks, “Eu nunca quisera abandonar a convicção de que é possível dar aula sem reforçar os sistemas de dominação existentes” (2013, p.31). Transformar é preciso. E só é possível através de reflexão e luta.

1.4 Os estudos de Geografia no Quarto Ciclo

O Parâmetro Curricular Nacional (PCN) de Geografia tem algumas questões importantes para serem colocadas no atual trabalho. O PCN influencia e direciona os estudos de todo o país e, por isso, é fundamental compreendermos onde estão colocadas as questões sobre as relações raciais e o estudo da África. Foi analisado o texto referente ao quarto ciclo do Ensino Fundamental II, que se refere ao oitavo e nono ano. Com o texto também podemos justificar a importância desses temas para a formação dos estudantes em indivíduos mais conscientes, menos preconceituosos, compreendendo melhor os estereótipos existentes na nossa sociedade.

> *Numa fase contestatoria como é a adolescência, é essencial criar situações de aprendizagem de autocontestação. Numa sociedade*

> *diversificada deve-se também considerar nesse universo do mundo jovem aqueles grupos conservadores, sectaristas, racistas, preconceituosos etc. .as essa diversidade do mundo jovem aponta justamente aquilo que o professor pode considerar como uma postura de trabalho: o jovem não deve ser estigmatizado por esta ou aquela imagem ou grupos.* (BRASIL, 1998, p.94)

O jovem é fruto do meio e irá reproduzir as formas de se relacionar e de pensar da sociedade a sua volta. Por isso, os jovens precisam ser levados à reflexão para que não reproduzam os mesmos padrões estereotipados, preconceituosos e racistas. Para haver mudança é necessário trabalho e luta, para que se desconstrua ideias pré-concebidas e sem reflexão.

> *E muito importante para o professor propor uma Geografia que forme um cidadão capaz de trabalhar a informação disponível no mundo. Informações que se tornaram invasoras das nossas casas por meio da televisão e Internet e que muitas vezes iludem, criam falsos valores, induzem ao preconceito.* (BRASIL, 1998, p.95)

A escola pode ser um lugar transformador, mas isso só acontecerá se o empenho dos professores estiver relacionado ao estímulo da capacidade de pensamento das crianças. Uma escola com uma quantidade demasiada de conteúdos não faz dela uma escola pensante. É importante criar metodologias e propostas que façam o aluno chegar às suas reflexões e buscas. É preciso repensar o lugar da escola em nosso mundo atual, que está lotado de informações em diferentes formatos de mídias. Atualmente, esta mídia tem uma grande influência na formação das pessoas e é muito importante a escola ter um papel de desconstruir e discutir o projeto branco, heteronormativo e patriarcal que é passado todos os dias em rede nacional.

> *Cada vez mais torna-se evidente que não foi somente o mundo que mudou, mas, também, as leituras teoricas que vêm sendo feitas sobre ele. As leituras reducionistas, que explicavam tudo em função de conjuntos rígidos movidos por interesses políticos e economicos, perdem lugar para permitir incluir outros feitores e outras leituras, como as culturais e religiosas.* (BRASIL, 1998, p.107)

O mundo é muito diverso e, por isso, influenciado por uma grande gama de interações, formas de se relacionar, pensar e se comunicar. A partir desse contexto o estudo científico passou a compreender a importância de dar conta de processos, que passavam desapercebidos pela academia. Hoje podemos perceber uma busca por sentido em diversas gamas de nossa sociedade. Nossa cultura tem grande influência sobre nossas vidas. É ela que nos rege, que diz o que é certo e errado, o que podemos ou não fazer, que música escutamos e como nos comportamos, sendo de extrema importância para nossa compreensão de mundo.

> *O aluno nessa faixa etária de sua aprendizagem já pode começar a compreender o significado da política e dos conflitos étnicos e sociais que ocorrem no interior das sociedades. O professor deverá ajudá-lo na compreensão de que, em grande parte, esses conflitos nascem da disputa pelo poder, seja de uma classe, etnia ou de um territorio sobre outro.* (BRASIL, 1998, p.107)

Dentro de nosso contexto capitalista existem diversas formas de hierarquia e relações de poder, que precisam ser desmembradas em sala de aula. Muito dessas disputas são invisibilizadas pelos modelos já instaurados e vistos como senso comum. Os temas abaixo tratam dos temas transversais, que não estão relacionados a um ano específico ou a alguma matéria. Esses temas podem estar ao longo dos anos letivos e são fundamentais para a construção de cidadãos conscientes, que saibam seus direitos, sua diversidade, respeitando a si e aos outros.

> *Temas relacionados com a Etica, Pluralidade Cultural, Trabalho e Consumo, Saúde, Orientação Sexual, .eio Ambiente, que fazem parte do universo desse cotidiano, poderão ser incluídos nas preocupações do professor de Geografia e dos demais professores das outras áreas de conhecimento do terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. E preciso lembrar que esses temas transversais são emergentes no seu cotidiano e que, além de possibilitar a formação integrada do aluno, poderão garantir o trânsito pela interdisciplinaridade no currículo das escolas. O aluno estará, assim, percebendo que a preocupação do professor não estará se limitando a uma visão estreita de sua área, mas fazendo dela um momento de valorização de sua personalidade, destacando temas presentes em seu*

> *cotidiano, e que a escola e a sala de aula representam lugares de debates e de possibilidades de explicação e compreensão desses assuntos.* (BRASIL, 1998, p.38)

O currículo integrado traz mais significado para o estudo, pois é possível compreender um mesmo assunto por meio de abordagens diferentes, com outros olhares. Os temas que atravessam as disciplinas são fundamentais para se politizar os espaços, conscientizar e compreender as relações sociais que determinam nossas formas de nos relacionar. Construir estudantes críticos e politizados pode trazer grandes benefícios à nossa sociedade.

> *O trabalho educativo que ocorre na escola é sempre marcado por concepções, valores e atitudes, mesmo que não explicitados e, muitas vezes, contraditorios. Em Geografia, as questões sociais fazem parte de seu proprio objeto de estudo. .esmo assim é fundamental abordá-los em diferentes contextos de aprendizagem, tanto na propria área como no convívio escolar.* (BRASIL, 1998, p.42)

Não existe uma escola, uma aula, um professor sem um posicionamento político. Nesse caso, não estamos falando de levantar bandeira por algum partido, mas sim, que quando se decide quais conteúdos serão passados em uma aula, a forma que será passada e o que se apresentará do tema, os valores do professor e/ou da escola estão sendo passados. A forma com que a escola se vincula com os alunos e o que se é valorizado, tudo isso está relacionado às construções que o aluno vai assimilando ao longo de sua vida. A Geografia tem um papel importante nessa construção, pois trabalha o ser humano, a sociedade e as formas de nos relacionarmos no espaço.

2 Contextualização do Estudo de África e Relações Raciais nos Programas Escolares no Ensino Fundamental II – 8 ANO

2.1 A importância da discussão de raça e África na Geografia Escolar

Nesse capítulo contextualizaremos os estudos de Geografia no 8o ano do quarto ciclo do ensino fundamental II e debateremos a importância de tratar as questões raciais nesse período escolar. A Geografia tem uma importância fundamental para a nossa compreensão no espaço em que vivemos e o resto do mundo. Compreender as dinâmicas existentes no território e como as formas de relações influenciam nossas vidas traz uma nova perspectiva e uma consciência necessária.

Algumas perguntas surgem com o desenvolvimento do programa de estudos do 8 ano: Por que estudar sobre as relações raciais em Geografia? Como relacionar essa questão à História e às Ciências? Por que privilegiar o continente africano em um trimestre escolar? Como buscar formas menos eurocentradas para esse estudo? Como compreender os conflitos e fazer um enquadramento político- sócio-econômico do continente africano? Como trabalhar as relações entre relevo, hidrografia, fauna e flora em um trimestre sobre um continente tão grande? O que permanece de diferentes percepções para os alunos? Essas questões são debatidas ao longo de todo o capítulo 2.

A Geografia trata do estudo do espaço e sua interação com o ser humano. Ao longo da história da Geografia configurou-se a classe como análise dos conflitos e interações no território. Entretanto, como já foi dito, outras formas de hierarquização influenciam nosso meio e é fundamental para a compreensão das relações sociais que se estude e discuta as questões de raça, por uma influência histórica, e as formas de relacionamento social daí decorrentes. Essa questão influencia os conflitos existentes no espaço e na ocupação que se faz do território.

> *E por isto que o sentido do aprender e ensinar a Geografia é se posicionar no mundo. E, precisamos assumir uma dupla acepção do que chamamos "se posicionar no mundo": (i) conhecer sua posição no mundo, e para isto o indivíduo precisa conhecer o mundo; (ii) tomar posição neste mundo, que significa se colocar politicamente no processo de construção e reconstrução desse mundo. Se posicionar no mundo é, portanto, conhecer*

> *a sua posição no mundo e tomar posição neste mundo, agir.* (SANTOS, 2010, p.142)

Aprender Geografia também é uma construção política, que faz percebermos a nossa influência no meio em que vivemos e como se dão as relações no território.

> *Ao servir para conhecer o mundo e indicar onde você se encontra nesse mundo, esse referencial serve para nos localizarmos, para nos orientarmos (ou, nos ocidentarmos!) no mundo* (SANTOS, 2010, p.143).

Ao dizer isso, Emerson Santos questiona que referencial é esse que utilizamos para nos orientar e qual o ponto de vista que utilizamos para conhecer o mundo? Somos educados a compreender o mundo ocidental como o ideal, e as ideologias que são passadas para nós, muitas das vezes nos são incorporadas sem grandes reflexões.

> *Além dos conceitos e categorias fundamentais de análise do espaço, temos que destacar que os mapas também são poderosos instrumentos de construção de visões de mundo e de posição no mundo. O que eles mostram e o que deixam de mostrar são critérios de verdade, de construção de existências e não-existências. Se reconhecer, e a forma como se é representado e se é reconhecido num mapa também é instrumento poderoso de construção de posturas e tomada de posições. Acostumar a ver o mundo através da projeção de .ercator - que coloca a Europa no centro, e que além disso confere ao Hemisfério Norte uma área que é quase sempre pelo menos uma vez e meia o Hemisfério Sul - é um eficaz meio de reafirmar o eurocentramento do mundo e a superioridade do Norte sobre o Sul. Da mesma forma, ver ou não o seu grupo social num mapa é uma eficaz política de identidade. Conhecer a sua posição e tomar posição são aspectos vinculados, e para os quais o ensino de Geografia tem papel pronunciado.* (SANTOS, 2010, p.143)

Os mapas que utilizamos como padrão privilegiam o Norte com o tamanho e a Europa ganha a centralidade. Mesmo se refletirmos sobre isso em sala de aula, esse padrão mexe com

nosso inconsciente, que faz vermos esses países muito maiores do que o são. É importante refletirmos sobre novos formatos de mapas para instaurarmos nas escolas e mostrar outros pontos de vista que não seja, como esse, imposto por uma hegemonia.

> *A Geografia serve então para a construção de referenciais posicionais do indivíduo no mundo – e, aqui, falamos de "mundo" como uma noção que atenta para a complexidade espaço-temporal das relações sociais do/no espaço vivido, relações que o constroem, o influenciam, são influenciadas por ele, enfim, o constituem bem como são por ele e nele constituídas, numa relação de imanência que torna indivíduo e mundo algo tão indissociáveis quanto estrutura (social, economica, espacial, etc.) é em relação a experiência. Isto torna a leitura espacial das relações raciais uma tarefa importante, pois a raça é um princípio social de classificação de indivíduos e grupos, construído artificialmente para o ordenamento de relações de hierarquias e poder.* (SANTOS, 2010, p.144)

Deste modo, é de essencial importância que a questão racial esteja nos debates das aulas de Geografia. Nos currículos antigos, o único debate entre grupos existentes na disciplina se referia à questão de classe. Contudo, podemos perceber que além da classe, temos muitos motivos para falar tanto de raça, quanto de gênero. Vivemos em uma sociedade extremamente racista, homofóbica, heteronormativa, patriarcal. Portanto, a discussão de espaço e sociedade não pode se findar na questão de classe. Seria uma discussão insuficiente e incompleta.

> *A sociedade brasileira, cujas elites e Estado já tiveram um projeto de branqueamento da população, e que durante muito tempo se proclamou uma democracia racial, vem cada vez mais admitindo que tem no racismo um de seus persistentes (e, incomodos) pilares. E, isto tem dimensões espaciais. Afinal, como nos diz Carlos Walter Porto-Gonçalves, "(...) uma sociedade que constitui suas relações por meio do racismo, (...) [tem] em sua geografia lugares e espaços com as marcas dessa distinção social: no caso brasileiro, a população negra é francamente majoritária nos presídios e absolutamente minoritária nas universidades; (...) essas diferentes configurações espaciais se constituem em espaços de conformação das subjetividades de cada qual" (2002, pg. 4).* (SANTOS, 2010, p.144)

Podemos perceber essa dimensão espacial em vários âmbitos da sociedade, inclusive no espaço escolar. No contexto brasileiro, estar em uma escola particular é provavelmente ter, em sua grande maioria, brancos, principalmente se aumentarmos a renda deste meio analisado. Da mesma forma, a depender da localização, estar em uma escola pública terá grande chance de sua maioria de alunos ser negra. Ou seja, as segregações espaciais estão claramente dadas e os alunos precisam compreender os contextos históricos e geográficos que fazem suas relações diárias serem definidas. Debater o que é raça e qual a influência dela sob nossas relações e espacializações é fundamental para a compreensão do que ocorre à nossa volta. “A ‘raça é, então, um constructo que, ancorado em leituras do espaço, estrutura também relações de poder com o espaço e no espaço” (SANTOS, 2010, p.146).

As formas com que se dão essas interações raciais estão imbuídas de abandono e racismo, se constituindo assim em relações de poder, nas quais os brancos se privilegiam com estudo de qualidade, saneamento básico e uma infra- estrutura que faz esse grupo permanecer hegemônico, enquanto os negros, além de estarem espacialmente prejudicados, devido à marginalização imposta pelo contexto histórico, estão ainda sujeitos ao racismo que faz com que as estruturas permaneçam e sejam ainda mais difíceis de serem quebradas. Em sala de aula, o ponto de vista eurocêntrico faz com que as construções feitas sejam através de uma história única.

> *Assim, culturas, povos, regiões geoculturais são hierarquizadas, através da adoção de uma visão de mundo, de historia e geografia universais, que é uma visão de espaço-tempo que transforma simultaneidades em sucessividades* (SANTOS, 2010, p.146).

Isto gera grande influência em nosso imaginário, relacionando-se com a auto-estima dos estudantes, com a identificação do espaço-tempo colocado e com a possível negação de sua história, de seus ancestrais. O silenciamento que ocorre perante as outras formas de ver o mundo e as outras conquistas feitas ao longo da história, faz desaparecer a história de grupos raciais que são essenciais em nossa formação, sejamos negros, índios, ou não. Essa exclusão racial na construção de nossa educação, além de fazer desconhecermos a história e outras formas de ver o mundo, faz com que nosso imaginário só compreenda o modelo europeu de mundo, fazendo com que valorizemos suas formas de se relacionar, sua construção de ciência, cultura, seu lugar e sua história. É como se o resto do mundo não fosse tão importante, tão “desenvolvido”.

> *Isto é um poderoso instrumento de produção de "não-existências", de desqualificações que legitimam a dominação. Na verdade, esta narrativa produz a imagem espacial segundo a qual os processos historicos de "contato" entre a região centro e as demais apareçam como um "transbordamento" de processos internos aquela que é o centro da narrativa.* (SANTOS, 2010, p.147)

Emerson Santos nos mostra abaixo duas propostas nas quais estão bastante relacionadas ao 8o ano e o trabalho da pesquisa. O debate sobre raça é de extrema importância para se compreender que os conflitos e preconceitos existentes em nossas relações sociais não estão somente ligados à classe. Debater raça faz-se fundamental e urgente, para que as injustiças existentes possam finalmente cessar. A ênfase no trabalho sobre África é fundamental para se desmitificar estereótipos e compreendermos melhor esse continente tão rico e cheio de história que foi durante tanto tempo trabalhado de forma rasa e preconceituosa.

> *(i) O debate raça & modernidade, que aponta como a raça é um princípio regulador de relações sociais fundamental para a afirmação do capitalismo a partir do século XIX, permitindo a estruturação de sistemas de dominação em escala internacional e intercontinental (o eurocentramento do mundo), e intranacional e no cotidiano das relações sociais e socio-espaciais - a dominação dos brancos, ou, eurodescendentes, que se reproduz ao redor de todo o mundo (Quijano, 2007; Hintzen, 2007) e a hierarquização racial da força de trabalho permitindo ao capital aumentar as taxas de exploração de grupos raciais discriminados e também dos aparentemente favorecidos. Tentamos aqui introduzir também a ideia de uma leitura de totalidade de um sistema-mundo-moderno-colonial, defendida (ou, construída) por Wallerstein (1991), Quijano (2000, 2005, 2007), .ingolo (2003, 2004) e Porto-Gonçalves (2005, 2007), entre outros.* (ii) *O ensino sobre a África, marcado hoje pela influência das narrativas eurocentradas. Os marcos estruturantes do que se fala sobre a África (a colonização, a "partilha", a descolonização, os conflitos pos-independência como expressão da disputa entre blocos capitalista e socialista, entre outros) são quase todos remetidos ao contato com a Europa – o mesmo se aplica as Américas e a Ásia, quando a recíproca não é verdadeira: a*

> *colonização so é definidora do que são os continentes periféricos, mas o papel dela para as revoluções industriais, economicas, sociais e políticas na Europa não é abordada. Esta narrativa é, na verdade, fruto de um conjunto de "generalizações e simplificações que pretendem 'encaixar' a África no esquema desenvolvido para explicar linearmente o progresso civilizacional do Ocidente" (.eneses, 2008, p. 7-8). Omissões, distorções, ausências, fabricações e estereotipos constroem uma narrativa sobre a África onde ela aparece como um continente desistoricizado e desgeografizado – as referências tanto de periodização quanto de organização espacial são todas exogenas7. Desconstruir e reconstruir a ideia de totalida-de-mundo e fazer o mesmo para a África é, portanto, um exercício fundamental. Como seria uma periodização e regionalização da África que tomasse como ponto de partida a sua dinâmica anterior as chamadas "Grandes Navegações""? A África é retratada no ensino sempre através de seus aspectos pejorativos, tragédias sociais, associação a estereotipos degradantes (primitivismo, p.ex.), enfim, uma abordagem que referencia num quadro social adverso de África o quadro de inserção social subalternizado e inferiorizado dos descendentes de africanos na experiência da diáspora.* (SANTOS, 2010, p.147)

Acredito que uma das grandes dificuldades no ensino da África seja a seleção de narrativas que não estejam envolvidas com a questão europeia e o Imperialismo. Ainda não há um grande tempo disponível na carga curricular para as questões de África e os professores acabam selecionando debater sobre as questões que remetem ao envolvimento do continente com a Europa. É preciso refletir sobre essas escolhas e ver o que é possível selecionar para que compreendamos melhor um continente tão cheio de histórias e diversidades.

Através desses temas é possível explorar o estudo das novas dinâmicas mundiais, outras relações sociais e trocas de mercado, que fazem compreendermos melhor relações praticamente esquecidas em um contexto eurocentrado. Compreendermos África e América Latina é, então, fundamental para entendermos a realidade.

2.2 Temáticas de África e Relações Raciais em um currículo integrado

Neste subcapítulo iremos analisar como os professores se organizaram na escola pesquisada para construir uma linha de raciocínio que se interrelacione, mostrando seus objetivos, as atividades que ocorreram no trimestre e seus planos de aula. Dentro dos temas África e Relações Raciais existe uma infinidade de possibilidades de trocas e estudos relacionados à Geografia, História e Ciências. Conseguir unir um macrotema a essas três disciplinas faz com que o estudo não fique solto e faça mais sentido para os alunos, o que gera mais interesse e compreensão das reflexões dadas.

Os professores discutiram e analisaram diversos conceitos, relações e discussões para a compreensão do que é África hoje, como esse continente interage com o mundo, quais suas influências e quais foram as relações históricas que influenciaram sua atual situação. Na tentativa de quebrar preconceitos e estereótipos, ocorreram também debates sobre as Teorias Raciais que influenciaram um racismo histórico e seus reflexos na atualidade, além da discussão sobre as relações raciais no contexto brasileiro.

É importante ressaltar que os professores dessa escola utilizam livro didático, porém desenvolvem muito dos materiais apresentados em sala de aula. As “fichas” citadas ao longo do texto a seguir são produções dos professores, feitas especialmente para as aulas.

A justificativa dos conteúdos integrados de Ciências e Humanidades para esse trimestre foi:

No século XIX, vivenciou-se o Evolucionismo, o Imperialismo e os avanços da segunda Revolução Industrial no contexto europeu. Uma das teorias mais destacadas desse período era a da evolução das espécies por meio da seleção natural de Charles Darwin (1809-1882), que logo passava a servir de modelo para outros discursos cientificistas que já vinham sendo gestados desde o século XVIII.

Porém, ao mesmo tempo em que as teorias científicas contribuíram para a evolução da humanidade, elas também justificaram atitudes racistas e etnocêntricas para a expansão imperialista pelo mundo. Desse modo, no segundo trimestre, vamos investigar os desdobramentos históricos e científicos sobre o conceito de raça e a teoria evolucionista. Para isso, analisaremos como se desenvolveram as políticas imperialistas e as missões civilizadoras naquele contexto; compreenderemos a teoria evolucionista de Charles Darwin e como ela foi utilizada; e, decorrente do racismo e preconceito historicamente construído, vamos discutir os estereótipos criados para investigar a África moderna.

O programa de Historia

Os objetivos da disciplina de História do segundo trimestre pretenderam compreender o processo de dominação imperialista no contexto das mudanças econômicas e tecnológicas dos séculos XIX e XX, reconhecer as representações e ideologias mobilizadas para justificar as ações imperialistas, perceber as consequências desse processo para as populações africanas e asiáticas, assim como suas ações de luta e resistência. Os objetivos incluem igualmente a mobilização dos conceitos de cultura e etnocentrismo para entender a relação de dominação entre os povos, compreender as motivações políticas, econômicas e ideológicas da Primeira Guerra Mundial e os seus desdobramentos. A disciplina trata dos conceitos relacionados ao racismo científico, darwinismo social, eugenia, etnocentrismo, cultura e respeito à diversidade.

Nas aulas em que foram discutidos os conceitos de Cultura, Etnocentrismo e Relativismo Cultural, foram levantadas questões sobre a diversidade cultural e de como podemos diferenciar e respeitar as outras culturas sem utilizar concepções de hierarquia e desigualdade, ou concepções de progresso e atraso, ou de normalidade e diferença. A cultura é tudo aquilo que nos torna humanos e podemos pensar cultura de diversas formas, sendo que as culturas circulam e dialogam entre elas e não necessariamente essas relações são de igualdade; o que costuma usualmente acontecer é a análise de outras culturas usando a nossa própria cultura como referência, e por consequência julgarmos as outras culturas como inferiores e não como diferentes, ou interpretando a diferença como inferioridade relativa.

Deste modo, na análise de África, um cuidado necessário para obter um olhar diferenciado de África é buscar formas menos eurocentradas para esse estudo. Mas como fazer isso? Buscar referências africanas, pontos de resistência por exemplo, são aspectos importantes para humanizar e reconhecer as diferentes formas de luta, conhecimento e cultura africanas. No debate sobre o Imperialismo é fundamental colocarmos o quão cruel foi a invasão europeia na África, mas também é necessário exaltar a força do povo africano e sua resistência, para não reproduzir nos alunos a ideia que os africanos são povos fracos, que simplesmente aceitam o que é imposto. É preciso mostrar a tensão dos conflitos, percebendo ambos os lados.

Podemos perceber que geralmente o tema imperialismo colonial é um dos dois momentos históricos que trata sobre a África (o outro período é o da escravização). Isso faz com que os estudantes fiquem com um olhar periférico do continente, em que só se estuda sobre no momento em que está sendo explorado/dominado. Estudar o Imperialismo é estudar um período de domínio europeu no continente africano e a África acaba ficando estigmatizada como um lugar de pessoas que vivem de forma submissa, pobre, inferior.

Portanto, é importante refletir como abordar esse tema, já que, ao mesmo tempo, os professores colocam o imperialismo colonial como um importante período histórico que influenciará toda dinâmica da atualidade africana. É essencial ficar atento para não se colocar somente o ponto de vista dos dominadores, como durante muitos anos foi feito. É preciso compreender os processos dos africanos, sua resistência e luta.

Uma das fichas apresentadas para os alunos foi a do “Colonialismo como a Glória do Império”, que pedia a definição de Imperialismo, seu período histórico e como o imperialismo era visto pelos próprios imperialistas. Na visão dos europeus, pelo menos no discurso, o imperialismo estava levando a fé, a paz, a justiça, a prosperidade, o humanismo e a liberdade de pensamento. Uma das formas de mostrar o ponto de vista dos africanos foi apresentando a vida e obra de Fela Kuti por via da exibição de um documentário, a auscultação de algumas músicas e análise de conteúdo destes materiais.

A seguir teremos os planos de aula do trimestre produzidos pelo professor da disciplina de História.

Tema da aula 1: Aprofundando o conceito de Imperialismo.

Conteúdos: Imperialismo e suas formas de atuação.

Etapas (como será a aula?): Leitura e discussão da ficha.

Tarefa (em sala e para casa): Começamos a fazer em sala e vão terminar em casa.

Recursos (Quais materiais serão utilizados?): ficha.

Tema da aula 2: Consolidando o conceito e entendendo o processo de partilha da África, Sensibilização para o projeto de pesquisa do segundo trimestre.

Conteúdos: Entender a formulação de Lenin sobre o que é o Imperialismo e a visão europeia sobre o processo imperialista.

Etapas (como será a aula?): Leitura e discussão da ficha.

Tema da aula 3: Conquista e resistência africana.

Objetivos: Perceber a forma e estratégias de dominação imperialista na África. Tentar

compreender o imperialismo a partir dos africanos.

Tarefa (em sala e para casa): Ficha e imagens. Observar e analisar documentos.

Tema da aula 4: Fela Kuti e a resistência cultural.

Objetivos: Conhecer a figura do nigeriano Fela Kuti e sua luta anti-colonial e pós-

colonial através da arte.

Etapas (como será a aula?): Exibição de trecho de documentário Fela Kuti e audição de músicas. Analisaremos o estilo musical e as letras.

Tema da aula 5: O Imperialismo cultural.

Conteúdos: A justificativa ideológica do Imperialismo, Teorias raciais, Eugenia, Darwinismo Social.

Etapas (como será a aula?): Discussão, trechos do livro e do documentário da BBC sobre racismo.

Tarefa (em sala e para casa): Pesquisar e registrar uma definição dos conceitos no caderno .

Tema da aula 6: Imperialismo Cultural

Conteúdos: Como a mentalidade colonial atuou e atua sobre os povos colonizados.

Etapas (como será a aula?): Atividade do livro sobre o personagem Tim Tim de Herge. Discutir sobre como o personagem estabelece relações com os povos africanos.

Tema da aula 7: Cultura e Senso Comum.

Conteúdos: Discutir os conceitos de Cultura e Senso Comum.

Objetivos: Perceber os usos cotidianos da palavra cultura e tentar elaborar uma definição a partir dos estudos antropológicos.

Etapas (como será a aula?): Pedir para os alunos dividirem o caderno em duas partes e escreverem o significado da palavra cultura em um dos lados. Ao final da sequência, voltaremos ao caderno para escreverem novamente e percebermos se mudaram sua visão do que é cultura. Apresentação de um trecho onde se exemplifica o uso cotidiano de cultura e problematizar.

Tarefa (em sala e para casa): Registrar no caderno o resultado das discussões.

Tema da aula 8: Cultura como manifestação humana.

Conteúdos: Culto, inculto, cultura. Homem x Natureza. Instinto x Cultura.

Objetivos: Entender a cultura como característica da humanidade. Etapas (como será a aula?): Debate sobre os temas da aula.

Tarefa (em sala e para casa): Registrar o conceito de senso comum.

Tema da aula 9: Etnocentrismo (a relação com o outro). Objetivos: Discutir a dificuldade de entender o diferente.

Tarefa (em sala e para casa): Ficha sobre cultura e etnocentrismo definir o conceito de etnocentrismo.

Recursos (Quais materiais serão utilizados?): Ficha.

Tema da aula 10: Continuação.

Conteúdos: Qual o limite da diversidade cultural?

Recursos (Quais materiais serão utilizados?): Debater textos da ficha.

Tema da aula 11: Interculturalidade/ Alteridade.

Conteúdos: Buscar uma relação de igualdade e respeito entre culturas.

Tema da aula 12: Finalizar o debate com o registro no caderno do conceito de cultura.

Tema da aula 13: A I Guerra Mundial

Conteúdos: Antecedentes. Relacionar o Imperialismo e a guerra. Nacionalismo. O

universo da guerra.

Etapas (como será a aula?): Uso de slides com mapas e imagens

Tema da aula 14: Preparação das pesquisas

Tema da aula 15: Apresentação dos temas de pesquisa

Tema da aula 16: Avaliação coletiva das apresentações

Tema da aula 17: Avaliação final do trimestre

O programa de Ciências

Em Ciências, no terceiro trimestre o objetivo da disciplina foi distinguir as teorias evolutivas de Lamarck e Darwin para a evolução, para compreender a adaptação dos seres vivos ao ambiente por meio da seleção natural, explicando o conceito de árvore da vida e elaborando uma árvore filogenética para o gênero Homo.

Neste âmbito, faz-se uma articulação com os debates raciais. A discussão sobre raça aborda a visão biológica, de como a Teoria Darwinista serviu para justificar, através de uma pseudociência, o racismo. Refere-se que quando Darwin pensou em sua Teoria Evolutiva estava refletindo sobre os outros animais e não o gênero Homo. O cientista não havia definido essa divisão hierárquica entre os seres humanos. Porém esse discurso de evolução foi utilizado por alguns pseudocientistas, que tinham a necessidade de afirmar que o gênero Homo era dividido por raças e o homem branco era superior a todas as outras raças encontradas, principalmente ao negro.

A temática da raça e do racismo é assim articulada neste programa por forma a realçar os mecanismos ideológicos associados a teorias pseudo-científicas com vista a que os alunos possam perceber a diferença entre ciência e manipulação político- ideológica e de relações de poder que se estabelecem com base em teorias científicas deturpadas com um propósito. Estes aspectos são discutidos de forma que os alunos ganhem maior conscientização das diversas formas de manipulação político-ideológica e as desconstruam de forma crítica e científica.

A operacionalização destas discussões dá-se por via da reflexão conjunta crítica em sala de aula debatendo textos, estimulando argumentação entre alunos, visualizando documentários e promovendo a realização de trabalhos escritos que contestem a visão dominante.

Seguem abaixo os planos de aulas, objetivos e operacionalização da disciplina.

Tema da aula 1: O que Darwin nunca soube.

Objetivos: Distinguir as teorias evolutivas de Darwin e Lamarck. Exemplificar a teoria de Darwin para a evolução.

Etapas: Assistir ao filme “O que Darwin nunca soube (What Darwin never knew)” no youtube. Registrar as principais informações sobre as descobertas de Darwin na sua viagem pela América do Sul, a evidenciação da Seleção Natural e o papel do DNA, molécula desconhecida nos tempos de Darwin.

Tema da aula 2: As teorias da evolução.

Conteúdos: Jean Lamarck; Charles Darwin; Thomas Mathus; Alfred Wallace; Gregor Mendel. Lamarckismo, Darwinismo. Diferença entre as teorias.

Etapas: Leitura do livro Ciência Hoje na Escola: Evolução - Volume 9. Artigo: A evolução de uma teoria (pgs. 6 a 11). Após a leitura responder no caderno as seguintes questões: Liste os principais pensadores sobre o conceito de evolução, apresentados no texto.

Tema da aula 3: Teorias Evolutivas de Darwin e Lamarck.

Objetivos: Distinguir as teorias evolutivas de Darwin e Lamarck. Exemplificar a teoria de Darwin para a evolução. Contribuição/Construção do conceito de evolução.

Etapas: Monte uma linha do tempo com esses cientistas e suas contribuições. Marque os cientistas contemporâneos. Explique o conceito de evolução segundo Lamarck (Lamarckismo). Explique o conceito de evolução segundo Darwin (Darwinismo). Diferencie as teorias: Lamarckismo X Darwinismo.

Tema da aula 4: Experimento de observação da camuflagem.

Conteúdos: Camuflagem; instinto de sobrevivência; teste experimental; análise estatística. Preenchimento de tabela.

Objetivos: Exemplificar a teoria de Darwin para a evolução.

Etapas: A cada dois grupos: Selecionar os corredores, a pessoa que fará o registro e um ajudante para organizar as tampinhas no espaço. Coletar as tampinhas de acordo com as regras da ficha. Fazer os registros da ficha.

Recursos (Quais materiais serão utilizados?): 25 Tampinhas coloridas (5 vermelhas, 5 laranjas, 5 amarelas, 5 verdes, 5 azuis). Cronômetro. Ficha: Observando a Camuflagem. Pátio com chão azul.

Tema da aula 5: Conclusão experimento camuflagem.

Conteúdos: Adaptação e seleção natural; a influência do tempo na seleção natural; montagem de gráfico de barras. Análise estatística.

Etapas (como será a aula?): apresentar o procedimento de converter tabela em gráfico de barras. Os alunos construirão seus próprios gráficos. Após os gráficos prontos discussão sobre o resultado do experimento do ponto de vista natural levantando os conceitos de camuflagem, adaptação e seleção natural. Montar com a turma um gráfico com o resultado geral total da turma. Corrigir a ficha. Construir gráficos a partir dos resultados dos grupos e o resultado total da turma.

Tema da aula 6: A Árvore da Vida.

Conteúdos: Seleção Natural; Árvore da vida; antecessor comum.

Objetivos: Compreender a adaptação dos seres vivos ao ambiente por meio da Seleção Natural. Explicar o conceito de Árvore da Vida.

Etapas (como será a aula?): trabalhar os tópicos: As células contém o segredo, comparando os animais, comparando embriões, Alteração no plano geral levam a evolução. pags 24 a 28 do livro Ciência Hoje na Escola: Evolução - Volume 9. Mostrar o vídeo Evolução da série Cosmos de Carl Sagan[1]. Leitura de trechos dos tópicos Adaptações evolutivas em orquídeas, Adaptações evolutivas em serpentes e Em evolução não existe intenção (pags. 58 a 60), que se relacionam com o vídeo. Entregar a ficha Árvore da Vida para os alunos. Exemplificar alguns tipos de árvores filogenéticas.

Tarefa (em sala e para casa): Questões relativas ao artigo: “embriões a serviço da evolução”.

1. Qual a função do DNA das células?
2. O que vem a ser os órgãos homólogos citados no texto?
3. Qual a explicação dada por Darwin para os órgãos homólogos.
4. Explicar a imagem dos embriões. A partir do conceito de “plano geral”.
5. O que pode acontecer quando de alguma forma há uma alteração no “plano geral” de um embrião animal.

Para casa: Leitura do artigo: A árvore dos parentescos.

Recursos : Livro - Ciência Hoje na Escola: Evolução - Volume 9; Ficha árvore da vida; computador, projetos e internet.

---

1 O vídeo pode ser encontrado no site https://youtu.be/mbXkhtTNDi8 (última visualização 12/11/2018)

Tema da aula 7: Seleção natural, adaptação.

Objetivos: Exemplificar a teoria de Darwin para a evolução. Compreender a adaptação dos seres vivos ao ambiente por meio da Seleção Natural. Explicar o procedimento experimental, com os alunos divididos nos 6 grupos de pesquisa. Realizar a prática experimental dos alicates com as sementes. Discutir o resultado do experimento a partir do roteiro utilizado. Distribuir as fichas A Evolução e a diversidade pelo bico das aves.

Tarefa: Experimento com os “bicos” de alicates e as diferentes sementes. Ficha: Adaptação das espécies - A Evolução e a diversidade pelo bico das aves.

Recursos (Quais materiais serão utilizados?): Prática com as diferentes sementes e os diferentes “bicos” de alicates.

Tema da aula 8: Seleção Natural x Seleção Artificial.

Conteúdos: Seleção Natural, Seleção Artificial, Seleção SEM intenção, compreender a adaptação dos seres vivos ao ambiente por meio da Seleção Natural.

Etapas (como será a aula?): Entregar a ficha Seleção Natural x Seleção Artificial - O ponto de vista do milho. Leitura coletiva do texto. Debate sobre as principais ideias levantadas no texto. Responder as questões da ficha.

Tarefa (em sala e para casa): Resolver as questões da ficha. Recursos (Quais materiais serão utilizados?): Ficha, Livro A Origem das Espécies.

Tema da aula 9: Mutações ao acaso.

Conteúdos: Mutação, alteração de características em uma população, adaptação.

Objetivos: Exemplificar a teoria de Darwin para a evolução Compreender a adaptação dos seres vivos ao ambiente por meio da Seleção Natural. Etapas (como será a aula?): Entregar a ficha Adaptação e a Seleção Natural para os alunos. (grupos de acordo com a pesquisa). Explicar o procedimento experimental. Os grupos realizam os três casos propostos para a prática experimental. Discussão dos resultados do experimento e levantamento de hipóteses para justificar esses resultados.

Tarefa (em sala e para casa): Realizar as simulações dos três casos de mutação apresentados. Para casa: Responder as questões da ficha.

Recursos (Quais materiais serão utilizados?): Ficha: Adaptação e a Seleção Natural.

O programa de Geografia

O objetivo do trimestre em Geografia é de analisar criticamente estereótipos sobre o continente africano, identificando a diversidade natural e cultural da África, identificando as marcas da herança colonial europeia na organização espacial do continente africano e suas consequências para o desenvolvimento da região, analisando, comparando e interpretando os dados socioeconômicos dos países africanos e pesquisando as contribuições da matriz do continente na cultura e sociedade brasileira.

As questões relacionadas à África trouxeram muitos estereótipos demonstrativos do desconhecimento sobre o tema. Foram trabalhados os conceitos de xenofobia, preconceito, estereótipo, diversidade natural e cultural da África, intolerância, raça - na questão social - e etnia, entrando-se assim nas questões das relações étnico-raciais.

A operacionalização do programa e das reflexões baseou-se na análise de gráficos, tabelas e mapas da realidade de diversos países africanos para se perceber a sua pluralidade e diversidade socioeconômica, geográfica e humana, levando a reconhecer as contribuições da matriz africana na cultura e sociedade brasileira. A partir da análise de mapas que têm como centro o continente africano, os alunos apropriam-se da leitura das legendas e informações visuais, além da percepção da dimensão do território, quando comparada com os outros continentes, e sua diversidade física, especialmente em relação à Europa, usualmente o centro da maioria dos mapas que os alunos conhecem.

Foram debatidos textos centrados no uso do termo raça, racismo, intolerância, xenofobia, preconceito, etnocentrismo, antissemitismo e o projeto Genoma Humano diante do racismo e da discriminação. De igual modo foi elaborada uma ficha de estudo refletindo sobre a questão da origem e da identidade; conceitos fundamentais para compreendermos sobre nós mesmos, como seres humanos sociais, que interagem e se identificam de diferentes formas.

Concomitantemente, foram constituídos grupos de pesquisa entre alunos para analisarem diferentes povos e culturas (Fang/Igbo/Iorubá/Hauça, Balunda (Lunda)/Ngoni, Berbere/Árabe/Tuaregue/Tibu, Malgaxe, Galla (oromo)/Suaíli/Amharique (língua amárica dos etíopes), Africânder (boêres)/Zulu/Hotentotes/Khoisan), para assim, aprenderem sobre a diversidade entre os povos africanos.

Além disso, foi proposta uma pesquisa individual sobre a biografia de personalidades africanas. Foram propostas personalidades que ganharam o Prêmio Nobel, mulheres da paz, celebridades, mulheres cientistas, homens cientistas. Estudaram-se personalidades africanas contemporâneas como Nelson Mandela, Fela Kuti, Ondjaki e Mia Couto. Com isso, os estudantes puderam ampliar seu olhar sob os africanos e identificar pessoas importantes mundialmente, que muitas vezes são invisibilizadas.

A pesquisa sobre personalidades da era moderna ou contemporânea permite destruir algumas imagens estereotipadas do continente, usualmente caracterizado de forma homogênea como um lugar de pobreza extrema e de cidades precárias sem grandes infra-estruturas. É preciso desmitificar nosso senso comum, para que possamos chegar mais perto de compreendermos a realidade africana.

Sinopse e objetivo central da disciplina:

No século XIX, vivenciou-se o Evolucionismo, o Imperialismo e os avanços da segunda Revolução Industrial no contexto europeu. Uma das teorias mais destacadas desse período era a da evolução das espécies de Charles Darwin (1809-1882), que logo passava a servir de modelo para outros discursos cientificistas que já vinham sendo gestados desde o século XVIII. Porém, ao mesmo tempo em que as teorias científicas contribuíram para a evolução da humanidade, elas também justificaram atitudes racistas e etnocêntricas para a expansão imperialista pelo mundo.

Desse modo, no segundo trimestre, vamos investigar os desdobramentos históricos e científicos sobre o conceito de raça e a teoria evolucionista. Para isso, analisaremos como se desenvolveram as políticas imperialistas e as missões civilizadoras naquele contexto; compreenderemos a teoria evolucionista de Charles Darwin e como ela foi utilizada; e, decorrente do racismo e preconceito historicamente construído, vamos desconstruir os estereótipos criados sobre o continente africano.

Especificamente em Geografia, vamos analisar a importância da África considerando diferentes momentos históricos e olhares para seu território e suas populações. Partiremos das teorias científicas biológicas e antropológicas que tratam sobre as diásporas realizadas pela humanidade, desde a pré-história até aquelas que ainda ocorrem nos dias de hoje para discutir a origem e o desenvolvimento do conceito de raça, mas também o etnocentrismo e o racismo.

Levantaremos questionamentos sobre a possibilidade de tratar o continente como uma unidade, propondo a observação atenta da formação de sua diversidade natural, étnica, social e política. Além disso buscaremos reconhecer as contribuições africanas para o conhecimento, para a cultura e para a economia em diversos países e, ao mesmo tempo, buscaremos compreender as contradições envolvidas no problema das migrações africanas no mundo contemporâneo. Por fim, discutiremos as relações colocadas entre o tradicional e o moderno, tentando desconstruir

estereótipos como o de um continente atrasado e dependente, constante influenciado e submetido às intempéries dos países detentores do poder e do capital.

Abaixo iremos apresentar os planos de aula da professora regente.

Tema da aula 1: Avaliação do 1º Trimestre, combinados para o 2º Trimestre e apresentação do tema de estudo do 2º trimestre.

Conteúdos: Avaliação coletiva do 1º trimestre. Organização do registro no caderno. Combinados para o 2º trimestre. Conhecimentos prévios sobre África.

Objetivos: Apresentar a avaliação da turma no 1o Trimestre. Discutir a importância do registro no caderno. Discutir a importância dos prazos. Discutir a importância da dedicação na realização das atividades. Firmar novos combinados para o 2º Trimestre. Levantar os conhecimentos prévios sobre África e os conceitos espontâneos sobre os assuntos que serão trabalhados no 2º trimestre.

Etapas (como será a aula?): Avaliação coletiva sobre o 1o trimestre e discussão sobre os resultados de cada turma, sobre a construção das respostas nas Fichas de Atividades, sobre a organização do registro no caderno, sobre os prazos de entrega das atividades. Apresentação do tema de estudo do 2º trimestre. Aplicação de Ficha diagnóstica para o levantamento dos conhecimentos prévios sobre o continente africano e sua relação com os demais continentes em relação às influências socioculturais, históricas, políticas e culturais.

Tarefa (em sala e para casa): Em sala: Questões individuais da Ficha de Atividade diagnóstica.

Recursos (Quais materiais serão utilizados?): Ficha de Atividade 6: “O que sabemos sobre a África?”. Caderno.

Tema da aula 2: O que sabemos sobre o conceito de raça?

Conteúdos: Projeto do 2º Trimestre e temas de pesquisa. Conceitos de raça, de etnia,

de racismo e de preconceito.

Objetivos: Discutir os resultados das respostas dos alunos sobre seus conceitos espontâneos relacionados aos termos raça, etnia, racismo e preconceito. Reconhecer as representações estereotipadas da África em nosso cotidiano. Apresentar os temas de pesquisa do 2º trimestre.

Etapas (como será a aula?): Apresentação dos resultados tabelados das respostas dos alunos sobre as questões iniciais da Ficha 6. Discussão sobre os conceitos espontâneos dos alunos de cor e de raça, de etnia, de racismo e de preconceito. Leitura e discussão da justificativa do Projeto do 2º Trimestre e apresentação dos temas de pesquisa de Ciências e Humanidades.

Tarefa (em sala e para casa): Para casa: Leitura e análise do texto “Os primeiros homens povoam a Terra” e dos três mapas sobre as teorias das migrações dos hominídeos e de sua dispersão para os demais continentes. Elaboração de um parágrafo escrito no caderno analisando as ideias principais do texto e dos mapas.

Recursos (Quais materiais serão utilizados?): Datashow. Caderno. Ficha 7: “Os primeiros homens povoam a Terra”.

Tema da aula 3: Todos viemos da África?

Conteúdos: Origem dos seres humanos. Primeiras migrações dos humanos pelos

continentes.

Objetivos: Discutir a origem dos seres humanos e sua relação com o continente africano. Analisar a problemática e as incertezas do conhecimento científico sobre este tema. Analisar o processo de irradiação e das migrações dos primeiros humanos pelos diferentes continentes.

Etapas (como será a aula?):

- Discussão sobre as teorias da origem e da evolução da espécie humana: *Qual é a relação entre a origem dos seres humanos e o continente africano”? Quais são as teorias que explicam o surgimento, a evolução e a irradiação de nossa espécie pelo planeta”?*
- Análise coletiva das informações do texto e do mapa contidos na Ficha 7 “Os primeiros homens povoam a Terra”: *Como e onde surgiram as diferentes espécies de hominídeos”? Quais foram os percursos migratorios do processo de irradiação dos humanos pelos diferentes continentes”? O que marca a Revolução do Neolítico e o início da Historia humana”?*

Tarefa (em sala e para casa): Em sala: Ficha 7.

Para casa: leitura do texto da Ficha 08 sobre o conceito de raça. Recursos (Quais materiais serão utilizados?): Ficha 7. Geoatlas. Ficha 8.

Tema da aula 4: Todos viemos da África? (continuação).

Conteúdos: Origem dos seres humanos e o continente africano. Primeiras migrações dos humanos pelos continentes.

Objetivos: Discutir a origem dos seres humanos e sua relação com o continente africano. Analisar a problemática e as incertezas do conhecimento científico sobre este tema. Analisar o processo de irradiação e das migrações dos primeiros humanos pelos diferentes continentes.

Etapas (como será a aula?): Finalização da Ficha 7 em grupo.

Tarefa (em sala e para casa): Em sala: Ficha 7

Para casa: leitura do texto da Ficha 08 sobre o conceito de raça. Recursos (Quais materiais serão utilizados?): Ficha 7. Geoatlas. Ficha 8.

Tema da aula 5: DNA África.

Conteúdos: A importância do conhecimento da origem africana pelas populações afrodescendentes brasileiras.

Objetivos: Identificar a importância do conhecimento da origem africana pelas populações afrodescendentes brasileiras. Identificar os principais pontos de origem dos africanos que vieram para o Brasil. Identificar as consequências da escravidão no Brasil.

Tema da aula 6: DNA África.

Conteúdos: A importância do conhecimento da origem africana pelas populações afrodescendentes brasileiras.

Objetivos: Identificar a importância do conhecimento da origem africana pelas populações afrodescendentes brasileiras. Identificar os principais pontos de origem dos africanos que vieram para o Brasil. Identificar as consequências da escravidão no Brasil.

Etapas (como será a aula?): Sensibilização inicial sobre a importância de conhecermos a nossa origem e problematização desta questão para os afrodescendentes no Brasil hoje. Exibição do documentário “Brasil DNA África”. Discussão coletiva das ideias principais abordadas no documentário.

Tarefa (em sala e para casa): Para casa: elaborar um texto sobre os pontos mais marcantes do documentário e responder às questões: *Qual é a importância de falar sobre a origem do negro no Brasil de hoje”? Qual é a importância de conhecermos melhor a África”?*

Recursos (Quais materiais serão utilizados?): Documentário. Projetor. Caderno.

Tema da aula 7: África: origem, estereótipos e racismo.

Conteúdos: Conceitos de etnia, raça, racismo, preconceito, etnocentrismo, intolerância.

Objetivos: Diferenciar os conceitos de etnia, raça, racismo, preconceito, etnocentrismo, intolerância.

Etapas (como será a aula?): Discussão sobre os conceitos abordados no texto “Raça, racismo e preconceito” (Ficha 07). Elaboração de registro síntese a partir da discussão coletiva. Leitura e compartilhamento dos textos produzido pelos alunos (no dever de casa) sobre o documentário “DNA África”. Discussão sobre o impacto gerado em cada aluno e a percepção sobre a relação entre a origem e os estereótipos africanos que reconhecemos no cotidiano.

Recursos (Quais materiais serão utilizados?): Ficha 8. Caderno.

Tema da aula 8: As consequências da escravidão no Brasil de hoje.

Conteúdos: A desigualdade racial no Brasil.

Objetivos: Identificar as consequências sociais da escravidão no Brasil. Reconhecer os dados que expressam a desigualdade racial. Refletir sobre o problema do racismo no Brasil hoje.

Etapas (como será a aula?): Continuação da leitura dos textos produzidos pelos alunos sobre a origem dos brasileiros negros e do debate sobre o assunto. Sensibilização para a questão da desigualdade racial no Brasil, como consequência da escravidão, a partir da apresentação do vídeo “*Dois minutos para entender a desigualdade racial no Brasil*”, da Revista “*Superinteressante”,* e da entrevista “Emicida fala sobre racismo para Pontejornalismo”. Discussão coletiva mediada sobre o racismo e os fatores de desigualdade social por raça no Brasil. Análise dos fatores em grupo e registro da atividade no caderno.

Tarefa (em sala e para casa): Finalizar a análise dos fatores de desigualdade racial no Brasil.

Recursos (Quais materiais serão utilizados?): Projetor e internet. Tablet. Caderno.

Tema da aula 9: As paisagens naturais do continente africano.

Conteúdos: Geografia física da África: relevo, clima, vegetação e hidrografia.

Objetivos: Identificar as principais regiões naturais da África. Reconhecer a diversidade de paisagens e de potencialidades naturais do território africano.

Etapas (como será a aula?): Exercício de análise coletiva dos mapas África Físico, Político, Clima e Vegetação para a discutir da geografia física da África. Aproveitando os mesmos grupos do

drive, a turma será organizada para a realização de uma pesquisa em grupo sobre os aspectos naturais da geografia da África (relevo, hidrografia, clima, vegetação e paisagens) e de uma região natural específica por grupo. As informações recolhidas deverão ser registradas na Ficha 8 “Paisagens Naturais da África”. Após a conclusão da pesquisa, cada grupo deverá elaborar uma apresentação de slides com imagens sobre a região natural pesquisada para apresentar para a turma.

Tarefa (em sala e para casa): Pesquisar uma das personalidades africanas da lista da Ficha 8 (Mulheres e homens que já receberam o Nobel, atletas, cientistas, escritores etc).

Recursos (Quais materiais serão utilizados?): Ficha 8. Computadores Google. Materiais de Pesquisa: livro didático, Atlas e internet. Acessar: https://educacao.uol.com.br/disciplinas/geografia/africa---geografia-fisica-espaco- natural-relevo-hidrografia-clima-e-vegetacao.htm

Tema da aula 10: As transformações políticas, os aspectos sociais e culturais da África hoje.

Conteúdos: As transformações políticas, os aspectos sociais e culturais da África hoje.

Objetivos: Identificar as formas de regionalização da África. Identificar os principais conflitos sociais, econômicos e políticos que existem na África. Realizar estudos de caso sobre personalidades importantes socialmente, culturalmente e cientificamente.

Etapas (como será a aula?): Exercício de análise coletiva dos mapas África Político e no período da colonização européia e discussão inicial sobre identidade africana, continente multiétnico. Continuação da pesquisa em grupo, mas agora sobre os aspectos da geografia humana: regiões culturais e econômicas, conflitos e personalidades. As informações recolhidas deverão ser registradas na Ficha 9 “África: continente multiétnico”. Após a conclusão da pesquisa, os grupos deverão elaborar completar sua apresentação de slides com imagens e informações sobre a nova pesquisa desta semana para apresentar para a turma.

Tarefa (em sala e para casa): Finalizar a pesquisa.

Recursos (Quais materiais serão utilizados?): Computadores Google. Caderno. Ficha9.

Tema da aula 11: Apresentações dos trabalhos feitos pelos grupos.

Etapas (como será a aula?): Apresentações dos grupos que pesquisaram cada região da África (aspectos físicos, culturais e linguísticos) e registro dos alunos que assistem no caderno: 1-

Desertos do Saara e Kalahari, 2- Floresta Tropical do Congo, 3 – Savana, 4 - The Great Rift Valley e os grandes lagos, 5 - África do Sul, 6 – Madagascar.

Tema da aula 12: Apresentações dos Seminários de Pesquisa de Ciências e Humanidades.

Temas: “Todos viemos da áfrica?” e “África, um continente atrasado?”.

Tema da aula 13: Avaliação Final individual.

Etapas (como será a aula?): Avaliação Final individual - Ficha de Atividade com questões dissertativas sobre as diferentes temáticas discutidas nas aulas (a diversidade das paisagens naturais da áfrica, a diversidade cultural dos povos étnicos e linguísticos, as macro-regiões africanas, as influências externas no continente e as consequências da desigualdade racial no Brasil).

Recursos (Quais materiais serão utilizados?): Ficha de Atividade “O que sabemos sobre a África”.

Pesquisa Integrada

Para além das abordagens dos programas das três disciplinas, procurou-se a integração das disciplinas. A operacionalização desta integração deu-se por via da definição de perguntas gerais que permitissem articular as mesmas temáticas segundo diferentes perspectivas das diferentes disciplinas: A África como berço da humanidade (Todos viemos da África?); Darwin e a Teoria da Evolução (A natureza escolhe os mais fortes?); Imperialismo e a Missão Civilizadora (Os europeus civilizaram o mundo?); Cultura e etnocentrismo (Pode a cultura legitimar a dominação?); O tradicional e o moderno na África (A África é um continente atrasado?); Árvore da vida e o gênero Homo (O homem veio do macaco?).

Coube aos alunos fazerem a escolha de seus grupos por temas de interesse e o grupo teve a liberdade de levar a pesquisa para onde havia maior interesse dos integrantes, abrindo-se aqui a possibilidade de apropriação do processo por parte dos próprios alunos.

No grupo “Imperialismo e a Missão Civilizadora” os alunos apresentaram o que é o imperialismo, o imperialismo na África, o imperialismo na Austrália, e o imperialismo Norte Americano. Foi debatida a política de expansão ao redor do mundo, seu início com a questão da Segunda Revolução Industrial, o Congresso de Berlim para definir as regras da partilha da África e a escravatura no continente. Debateu-se sobre as diversas áreas e riquezas e o interesse

europeu, como no Congo Belga que possuía uma rica área de minério, colonizada pela Bélgica. Também foi exaltada a resistência africana, como os Zulus, que fizeram um ataque aos representantes ingleses da região. No grupo, “Pode a cultura legitimar a dominação?”, os alunos trouxeram novamente o conceito do imperialismo, a definição do que é a cultura, exemplos de povos africanos, como o povo Zulu, Fula e os Bérberes (conjunto de povos). Também falaram um pouco de como foi a resistência dos povos africanos. Além disso, se discutiu a influência da cultura africana no Brasil, como na música, religiões e linguagem. “Todos Viemos da África?”, foi o grupo que apresentou a Teoria que comprova que o surgimento da humanidade se deu na África e em seguida se espalhou para os outros continentes através de um longo processo de migração. Eles também apresentaram uma teoria que dizia que o surgimento teria se dado na Europa, teoria esta surgida neste ano de 2017 por alguns cientistas. Contudo, a teoria que tem mais material e comprovações, pelo menos atualmente, é a da África.

Por último, o grupo “O continente africano e suas diferentes visões” debateu importantes questões relacionada à atual pesquisa. Os estudantes discutiram como a África é vista como um continente atrasado e que possuímos uma imagem distorcida em nosso imaginário do que é o continente, para além dos estereótipos habituais que ignoram a pluralidade linguística em África, reduzindo o continente à pluralidade das línguas dos povos colonizadores, ou ainda do mais comum estereótipo segundo o qual a África é um continente homogêneo, um só país, uma só cultura, baseada essencialmente numa visão racializada: África como país dos negros.

No próximo capítulo entraremos na análise do estudo de caso e na avaliação das novas metodologias aplicadas para podermos aferir do impacto desse modelo interdisciplinar no espaço de um trimestre na escola pesquisada.

Capítulo 3 – Estudo de caso e análise de dados

Analisamos quinze questões respondidas pelos estudantes antes e depois de um trimestre que desenvolveu os estudos sobre as relações raciais no Brasil e os estereótipos existentes da África. Foram vinte e dois alunos respondendo o questionário de uma turma de oitavo ano de uma escola particular. Analisamos as questões através de gráficos que puderam nos ajudar a interpretar as respostas dos estudantes e comparar os questionários feitos. Toda a pesquisa junto aos alunos contou com todas as devidas autorizações dos órgãos pedagógicos e administrativos da escola.

É importante nos atentarmos que como a análise do trabalho é feita através de respostas discursivas, a tabulação é feita com toda a resposta do aluno, podendo assim haver um aluno em mais de uma opção de resposta em cada questão dada nos gráficos. Além de analisarmos (quantitativamente) os gráficos abaixo, também serão analisadas (qualitativamente) as questões discursivas relevantes. Como também faremos os comentários, quando necessário, às questões vividas durante o processo de resposta dos questionários.

As legendas foram realizadas através dos textos produzidos pelo alunos. Em algumas situações, numa mesma opção há mais de uma frase ou palavra que pode ser agrupada na mesma opção. Isso foi feito com o intuito de sabermos quais termos, palavras e categorias foram utilizadas pelos estudantes para analisarmos com mais qualidadeseus discursos. Fazer uma análise quantitativa de questõs discursivas é bastante complexo, há a necessidade de um olhar bastante cuidadoso no processo de interpretação. Porém, também traz um encaminhamento mais rico de palavras e reflexões. Por isso, devemos desfrutar das possibilidades desse tipo de análise, ampliando os dados apresentados e a percepção.

Quando aplicamos o questionário no início do trimestre, tivemos um resultado bastante positivo, visto que os alunos se incomodaram com o tema, se afetaram com a discussão, desejaram saber mais sobre as questões, e questionaram nunca terem debatido esses temas anteriormente. Esse ponto já foi bastante favorável em nosso trabalho, mostrando o quão urgente é falarmos sobre as questões raciais e os estereótipos, no qual diz respeito a nós, às nossas subjetividades, às nossas origens e de como interagimos com o mundo. Muitos apresentaram não saber sobre si, quanto a sua cor, sua origem e, consequentemente, sobre o outro, dificultando assim a compreensão dos racismos e preconceitos existentes em nossa sociedade.

Uma de nossas alunas, de contexto de adoção, que identificou-se como morena no início do questionário, teve bastante dificuldade em responder as questões apresentadas. Apagou o que havia respondido, conversou comigo e com a professora regente, chorou e se comoveu bastante. Falou sobre não conhecer sua origem, de não saber qual sua raça/cor, e de compreender que sua

raça/cor não era a mesma de seus pais adotivos. Cuidamos da situação, mas não foi possível para ela finalizar aquele questionário.

Contudo, no final do trimestre, depois de ela se envolver bastante nos debates e trabalhos, ela respondeu o questionário final, e ficou satisfeita em conseguir resolver essas questões. Por isso, no início do trimestre temos vinte e um alunos respondendo as questões e sempre tabulado com um aluno não tendo respondido a questão, já no final do trimestre temos vinte dois alunos. Fizemos questão de computá-la na pesquisa, afinal foi uma das grandes vitórias desse trabalho. Poder ver uma aluna se entendendo melhor e conseguir olhar para suas questões em sala de aula, já foi um grande ganho da pesquisa.

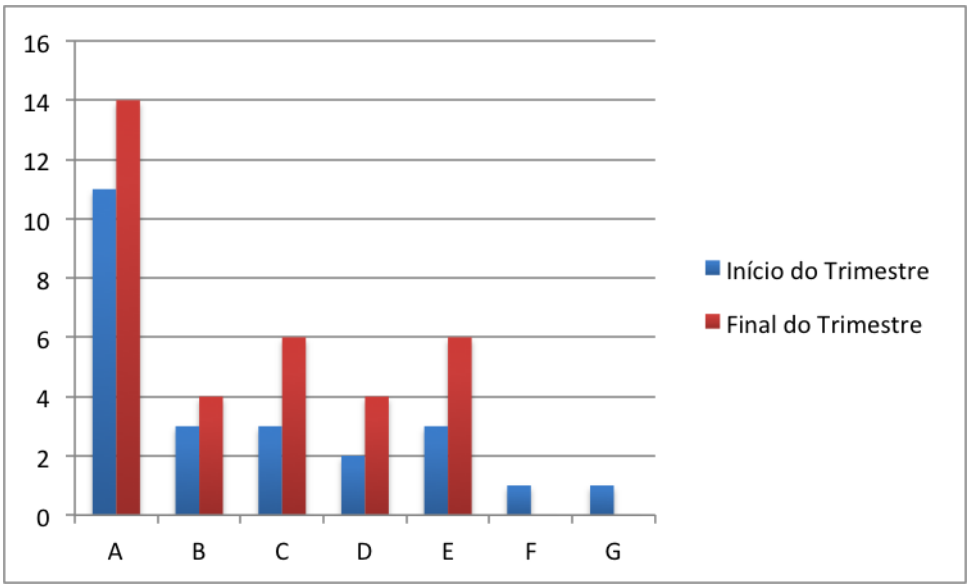
Outro ponto a se colocar, há cinco estudantes nesse grupo que estão em um contexto de inclusão, existem diferentes questões que não vamos nos aprofundar, que vão do autismo até dificuldades de aprendizagem. Entretanto, todos têm a dimensão dos temas trabalhados e não achamos necessário incluir quem seriam esses alunos, e muito menos excluí-los do inquérito, afinal não faria sentido no que acreditamos sobre educação.

Ao final da análise de cada questão apresentamos uma sugestão das aulas determinantes e/ou mais significativas para a construção das reflexões necessárias para o resultado final do trimestre. Porém, acreditamos que as aulas transbordam umas as outras, e por isso não seria possível calcular com exatidão a influência de cada aula.

As perguntas, gráficos e análises serão apresentados a seguir para finalmente obtermos a análise final da pesquisa.

Questão 1 - O que você entende por raça

Gráfico 1: O que você entende por raça?



Fonte: Gráfico elaborado pela autora

A - Identificam a questão da cor e aparência como determinante para se definir raça

B - Definem raça como etnia

C - Relacionam raça a origem, sua história, ancestralidade

D - Falam que não existem diferentes raças relacionadas ao ser humano, e sim a raça humana

E - Falam sobre raça ser uma forma de diferenciação, de perceber as diferentes características do ser humano

F - Acham existir relação entre raça, nacionalidade e cultura G - Não respondeu a questão

A pergunta “O que você entende por raça?” é o nosso ponto de partida para a reflexão do trimestre. A raça pode ser utilizada para os seres humanos? O ser humano tem diferentes raças do ponto de vista biológico? Por que afirmarmos que existem raças em nossa sociedade, se esse conceito já gerou tanta morte e discriminação? Podemos ressignificar esse termo? Será que não é melhor usarmos o termo etnia? Estarei sendo racista se falar da existência da raça para o ser humano? Os estudantes trouxeram essas dúvidas e questões ao longo do processo de resolução do questionário e durante as aulas.

Sabemos que já está mais do que comprovado que não existe diferentes raças humanas, que todos somos iguais biologicamente. Contudo, utilizamos o termo raça em nosso trabalho com

os adolescentes por entendermos que as questões sociais geram uma necessidade de colocarmos esse termo e ressignificá-lo. As questões raciais estão postas, negligenciando ou não esse termo. O racismo está diretamente relacionado a um preconceito existente de uma raça para com outra, de um grupo de pessoas que se identificam e tem características físicas distintas de outras, além de possuirem outras ancestralidades e subjetividades postas.

Uma das lutas dos movimentos negros é a ressignificação do termo raça, para que nos racializando possamos compreender em que local social nos encontramos, além de poder começar a compreender o que nosso corpo diz sobre nossa realidade e vivências. Por isso, ao invés de deixarmos de racializar os negros, passamos a racializar os brancos também, para que se identifique seus privilégios por apenas possuírem um fenótipo específico. A professora de Geografia utilizou o livro Racismo, Preconceito e Intolerância (BORGES & MEDEIROS 2002)[2] para apresentar aos alunos o debate sobre raça humana, o uso do termo raça, racismo, intolerância, xenofobia, preconceito, estereótipo, etnocentrismo e antissemitismo.

Analisando o gráfico, segundo os estudantes, a cor da pele, tanto no início do trimestre como no final, é visto como o maior fator de influência para se determinar raça. Essa afirmativa faz sentido pensando no contexto brasileiro, no qual o fenótipo é determinante para compreensão de raça, racismo, em que a cor da pele é o fenótipo de maior impacto social. Podemos perceber que aumenta a quantidade de alunos que relacionam raça a cor da pele, ou aparência. Compreendendo assim, que mais alunos assimilaram essa relação.

No início do trimestre, três alunos relacionam raça a etnia. Já no segundo temos quatro alunos, não sendo observado uma mudança relevante. Os alunos que relacionam raça a origem, sua história e ancestralidade dobrou o número, de três para seis. Tiveram alguns trabalhos que podem ter levado a essa reflexão dos alunos, como o documentário apresentado falando sobre as ancestralidades das pessoas negras e o desconhecimento delas sobre sua origem.

No início do trimestre, dois alunos falaram que não existem diferentes raças relacionadas ao ser humano e sim a raça humana; no final do trimestre, quatro crianças compartilharam essa afirmação. O que é curioso é que em nenhum momento do trabalho fala-se para utilizarmos raça humana, ao invés de definirmos as diferentes raças. Pelo contrário, o trabalho que foi feito relacionou-se a definirmos as raças sociais, como foi explicado acima.

Portanto, percebemos que esse tema não foi debatido suficientemente em sala de aula, pois acreditamos que quando se nega o conceito de raça e se estabelece o discurso da raça humana como sendo única, sem perceber as distinções sociais que essas características se apresentam, há um esvaziamento no debate e falta de entendimento das questões raciais que

2 BORGES, Edson; MEDEIROS, Carlos Alberto; DaADESKY, Jacques. Racismo, preconceito e intolerância. São Paulo: Atual, 2002.

foram bastante discutidas em sala de aula. Acreditamos que uma das possibilidades desse atravessamento seja referente a conversas que possam ter aparecido sobre esse tema com pessoas externas a sala de aula, como familiares. E entendemos que o senso comum sempre terá muita influência nas formações de opiniões, principalmente no que se refere aos adolescentes que ainda estão formando suas ideias e concepções.

Também dobrou de três para seis os alunos que falam sobre raça ser uma forma de diferenciação, de perceber as diferentes características do ser humano. Essa opção parece vaga, mas achei interessante colocá-la, diferenciando-a da opção em que os alunos falam sobre a questão da cor e aparência como determinante para se definir raça, pois nessa opção da diferenciação, percebemos que os alunos se atentaram que é através do diferente que a identidade é colocada. É através da comparação de certas características que nos identificamos com certos grupos e não com outros.

Somente no início do trimestre uma aluna relaciona raça a nacionalidade e cultura. Em uma nação podemos encontrar uma predominância de uma raça e compreendermos que a origem faz referência à sua constituição física. Entretanto, o recorte de nacionalidade não é o mais adequado para definirmos às questões raciais já que raça como a entendemos transborda aos limites e fronteiras nacionais. Por outro lado, a questão cultural pode estar relacionada como uma consequência de origem e ancestralidade, que abarca as subjetividades do ser. Ou seja, podendo ser abarcada na opção da origem, história e ancestralidade.

Aulas mais significativas para construir as reflexões necessárias para essa questão:

- História: A justificativa ideológica do Imperialismo, Teorias raciais, Eugenia, Darwinismo Social. Discutir os conceitos de Cultura e Senso Comum. Buscar uma relação de igualdade e respeito entre culturas.

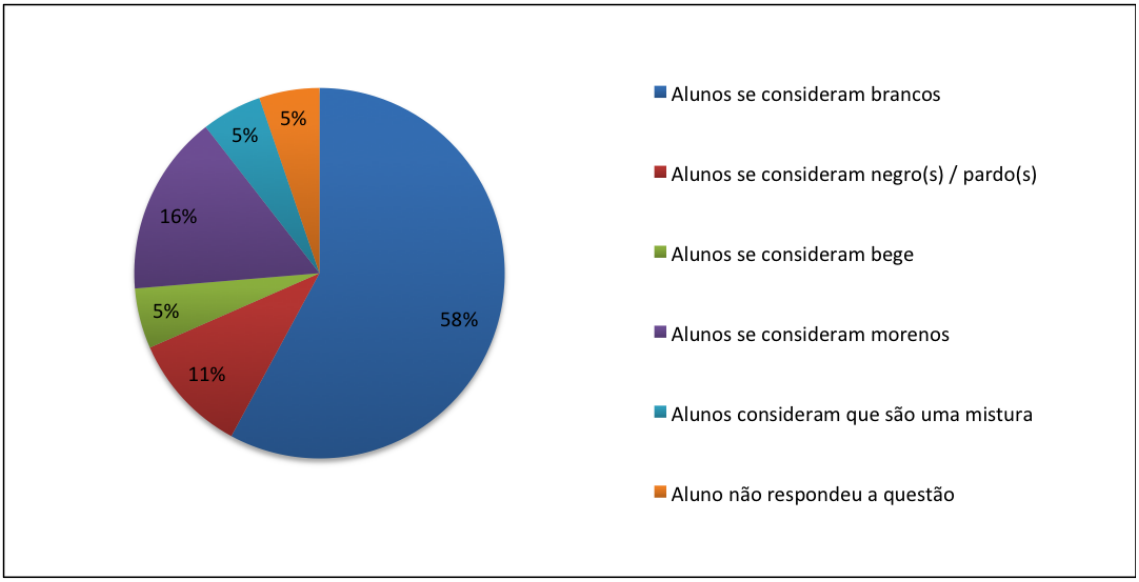
- Ciências: As teorias da evolução.

- Geografia*:* O que sabemos sobre o conceito de raça? DNA África. África: origem, estereótipos e racismo.

- Pesquisa integrada.

Questão 2 - Qual a sua cor ou raça?

Gráfico 2: Qual a sua cor/raça?



Fonte: Gráfico elaborado pela autora

A pergunta “Qual sua cor/raça?”, foi uma das perguntas que mais gerou questionamentos e vontade de debater dos estudantes em sala de aula. Essa pergunta só foi feita no início do trimestre com a intenção de demarcarmos seus lugares de fala na pesquisa apresentada e compreender quais as questões e conflitos que vêm desse contexto social. A partir dessa pergunta, podemos afirmar a maioria branca, e as questões da branquitude como fundamentais para esse debate.

Podemos perceber uma grande dúvida no que se refere a cor e raça, principalmente quando os alunos colocam-se como “misturados”, “morenos”. Apresentou-se seis vezes a palavra “acho”, uma a palavra “não sei” no que diz respeito a sua cor/raça. Além de expressarem que não sabem muito bem como se definirem, respondendo: “mas não sei muito bem qual é minha raça”, “mas pra mim é difícil dizer qual é a minha raça”, “mas as vezes tenho dificuldade em saber”.

Além disso, durante o desenvolvimento do questionário muitos incomodavam-se por não saberem responder algo tão pessoal, algo que dizia sobre eles. Muitos tentavam puxar assunto com os colegas para ver se conseguiam tirar conclusões, sendo interrompidos por minha intervenção ou da professora, pois a ideia era que tirassem as suas próprias conclusões sem se basearem no que o outro pudesse dizer para eles. Muitos questionaram com falas como “a gente nunca conversou sobre isso, fica muito difícil responder essas questões”. Deixando claro, portanto, a falta desse diálogo tanto no espaço escolar como em suas vidas de uma maneira geral.

No início do trimestre, quatorze estudantes se veem como brancos, e dois se definem como negros, se considerarmos a definição do IBGE, em que o pardo também é considerado negro. Contudo, o aluno que se identificou como pardo, não se identifica como negro. Os outros estudantes falaram sobre a cor morena. Um aluno ainda afirmou “não me incluo na cor branca nem na cor negra”, porém não consegue se definir e se justifica comentando “esqueci o nome da raça entre elas”. Ainda teve um aluno que só se definiu por sua descendência falando vir de “mistura da América do Sul com a Europa”. Como podemos perceber, a maioria da turma é caracterizada como branca, e quando se é branco não há muita dúvida quanto a isso.

Já os alunos não brancos, se incomodaram, questionaram e negaram de uma certa forma serem considerados negros. Mesmo falando que possui “uma família de origem indígena, com familiares negros”, um dos estudantes expõe “sou um moreno bem claro”. Podemos refletir sobre a necessidade de ele afirmar o “bem claro”, por que não poderia só dizer moreno? E se sua família é negra e indígena, será que ele se identifica nesse contexto familiar ou se integra a cor “social” que melhor se enquadra em seu contexto de classe média alta?

Nossa aluna que não conseguiu responder o primeiro questionário, teve essa pergunta como lugar de reflexão e dor. Para ela, não saber sua origem, estava diretamente relacionado a não saber sua raça. Pensar em sua raça fez vir em sua memória sua relação com a irmã de sangue que já não estava com ela. Fez ela lembrar que gostava de ir a praia e ficar “mais morena”, para parecer mais com a irmã. Trouxe a reflexão de que ela não pertencia de uma certa forma ao meio dos pais, e que a nova família tinha características que sempre a fariam diferente. Teve choro, mas muita vontade de saber sobre tudo aquilo também. Nossa pele é memória, é identidade, afeto e emoção.

Muitas reflexões podem vir a respeito desta pergunta que parece simples. Entretanto, a pergunta nos mostrou o quão não conhecemos de nós e como essa reflexão não é colocada para esse grupo social. Ser branco é ser o padrão, é não precisar se racializar no mundo, é estar representado nas mídias, nos meios de comunicação e nas esferas de poder. Visto isto, não refletir sobre essas questões é gerar preconceitos e a não compreensão de seu lugar no mundo. Por isso, a questão abaixo continuará a provocar essa reflexão, qual o impacto da sua cor/raça sobre a sua vida?

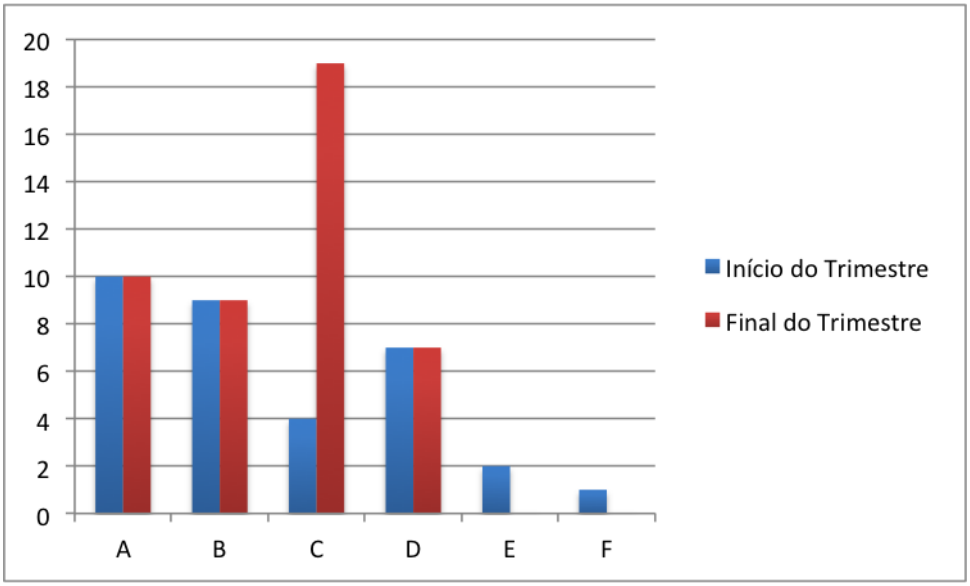
Aulas mais significativas para construir as reflexões necessárias para essa questão:

- Geografia: O que sabemos sobre o conceito de raça? DNA África. África: origem, estereótipos e racismo.

- Pesquisa integrada.

Questão 3 - Qual o impacto da sua cor/raça sobre sua vida?

Gráfico 3: Qual o impacto da sua cor/raça sobre sua vida?



Fonte: Gráfico elaborado pela autora

A - Não veem impacto na sua vida

B - Percebem impacto na sua vida

C - Não percebem impacto na sua vida, mas afirmam um impacto negativo para outros grupos

D - Acreditam que o impacto que vivem são de ter vantagens, privilégios, ou não sofrer preconceito racial (o que já é um privilégio em nossa sociedade)

E - Questionam que podem não perceber o impacto

F - Não respondeu a questão

O primeiro ponto importante a se destacar nessa questão foi o acréscimo de outra pergunta a questão no final do trimestre. Isso justifica-se pela percepção de que quando perguntávamos sobre o impacto na vida desses alunos, alguns pontuaram não perceber impacto na sua vida, mas colocavam as questões de outros grupos como um ponto a se analisar, mesmo sem perguntarmos. Por isso, vimos a necessidade de acrescentar a pergunta com o intuito de se analisarem e observarem o próximo, o outro. Como chegaria até nós o impacto que os estudantes acreditam existir na sociedade? Poderemos analisar o que os alunos respondem quanto ao impacto da cor/raça de outras pessoas. Todavia, poderemos comparar apenas a presença ou a

falta de impacto na vida dos próprios estudantes, pois foi a pergunta que coube aos dois questionários.

Antes do trimestre, dez alunos não viam impacto da sua cor/raça em suas vidas, e nove alunos percebiam impacto. No final do trimestre, permaneceram os mesmos números, por isso constatamos que não houve grandes avanços no que diz respeito às reflexões quanto a branquidade. Acredito que os debates sobre o assunto foram insuficientes e os alunos brancos não se descobriram sendo influenciados em suas vidas devido seu fenótipo, seu tom de pele, seu cabelo.

Esse poderia ser um grande passo dado em nossos estudos críticos, porém não foi conquistado com êxito. Provavelmente faltaram trabalhos com os alunos sobre o assunto e um debate mais profundo sobre essas questões. Para o fim da desigualdade racial, os brancos precisam passar a se racializar e entender que sua raça influencia em todas as suas relações sociais. O que é possível nós brancos fazermos pela luta de igualdade, além de não sermos racistas? Enquanto não nos racializarmos, essa pergunta não será respondida e não avançaremos.

Foi intrigante no início do trimestre dois estudantes questionarem que podriam não perceber o impacto em suas vidas. No caso eles refletiram que provavelmente há um impacto, porém não conseguem diagnosticar o que seria de fato. Já no segundo questionário, ninguém chegou a essa reflexão.

Chamou-nos atenção no primeiro questionário, quatro alunos não perceberem impacto na sua vida, mas afirmarem um impacto negativo para outros grupos raciais. Podemos afirmar que existe uma consciência de que a raça influencia socialmente. No entanto, por conta da falta de debates, tanto nas escolas como nas mídias e no ambiente familiar da influência da raça para os brancos, há um grande furo na compreensão dos privilégios que fazem parte da vida cotidiana do homem e da mulher branca.

Como fizemos a pergunta “em que a cor/raça impacta na vida de outras pessoas?”, todos os alunos que responderam a questão e identificaram a influência da raça na vida de outras pessoas, dando ênfase ao impacto negativo para essas pessoas, que em sua maioria foram explicitadas, “os negros sofrem preconceito, racismo”.

Aulas mais significativas para construir as reflexões necessárias para essa questão:

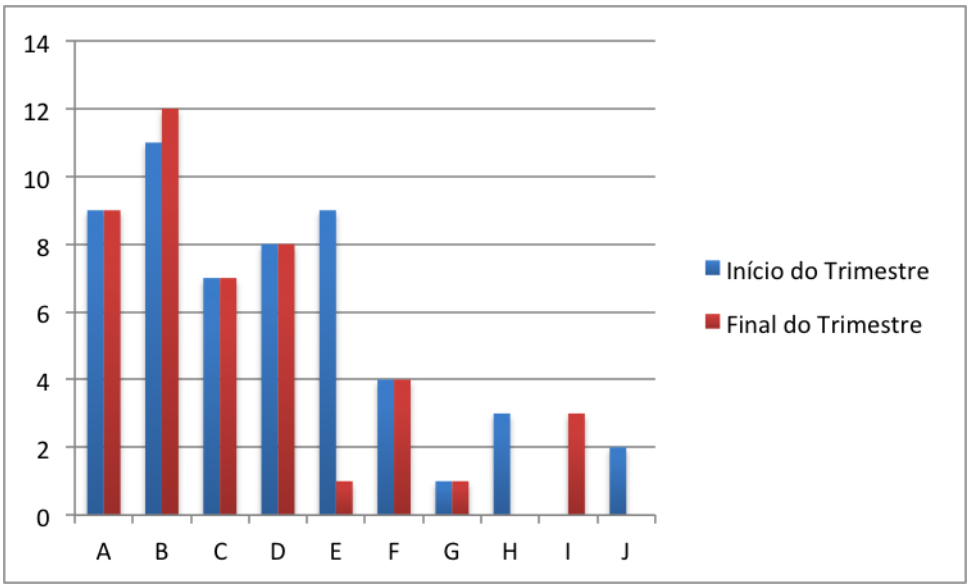
- História: A justificativa ideológica do Imperialismo, Teorias raciais, Eugenia, Darwinismo Social. Discutir os conceitos de Cultura e Senso Comum. Buscar uma relação de igualdade e respeito entre culturas.

- Geografia: O que sabemos sobre o conceito de raça? DNA África. África: origem, estereótipos e racismo.

- Pesquisa integrada.

Questão 4 - Você acredita que o termo raça pode ser empregado até os dias atuais para se referir ao ser humano?

Gráfico 4: Você acredita que o termo raça pode ser empregado até os dias atuais para se referir ao ser humano?



Fonte: Gráfico elaborado pela autora

A - Sim

B - Não

C - Remeteram o termo raça a questões pejorativas, um termo no qual as pessoas são preconceituosas, e discriminam o outro.

D - Defenderam que a única raça que temos é a raça humana (6), ou que somos todos da mesma espécie (2)

E - Falam do conceito de raça somente através da visão biológica

F - Deixam claro que existe o conceito através da visão social do termo

G - Não responderam com clareza se acham possível utilizarmos o termo raça ou não

H - Acham que ao invés de usarmos o termo raça, deveríamos utilizar o termo etnia I - Origem, ancestralidade, identidade

J - Não responderam a questão

Essa questão é uma provocação a uma demanda que acreditávamos que teríamos ao longo da pesquisa. Atualmente, podemos falar sobre raça? Não seria isso um racismo? O ser

humano possui diferentes etnias? Biologicamente o ser humano não possui diversas raças, contudo socialmente vemos essa marca registrada em nossas relações e eliminá-la do nosso vocabulário poderia somente silenciar algo que precisava ser falado, precisava ser debatido. Por isso, essa pergunta veio com o intuito de compreender o que os alunos pensavam sobre a questão.

Realmente, nenhum dos alunos, tanto no primeiro como no segundo inquérito, demonstraram acreditar que existiriam diferentes raças do ponto de vista biológico, como pseudocientistas afirmavam antigamente. Este fato já nos conforta um pouco, por compreender que essa falsa ciência que foi propagada durante séculos, já não tem mais nenhuma influência social direta. Contudo, sabemos que todas essas especulações e mentiras inventadas acerca dos povos negros e dos povos brancos continuam sendo perpetuadas dentro do senso comum. Nas entrelinhas e muitas vezes nas linhas mesmo, o homem branco é visto como superior, mais capaz, mais competente, inteligente e bonito.

Visto isto, como realizar o debate sobre como uma visão racial faz com que tenhamos percepções distintas de cada grupo, se afirmarmos que não existe raça para o ser humano? O objetivo dessa questão era compreender se os alunos captaram ao longo das aulas essa demanda. E como pudemos observar não houve uma percepção dos alunos sobre a necessidade desse conceito. Tanto no primeiro como no segundo questionário, oito alunos defenderam que a única raça que temos é a raça humana, ou que somos todos da mesma espécie. Ou seja, a percepção da necessidade de racializar socialmente não ocorreu, deixando aí uma lacuna importante no debate das relações raciais.

Concluímos que foi insuficiente o debate de raça no trimestre, faltando a melhor compreensão dos alunos à necessidade de racializarmos, para nos compreendermos melhor e cuidarmos de uma racialização que gera racismo e preconceito.

Aulas mais significativas para construir as reflexões necessárias para essa questão:

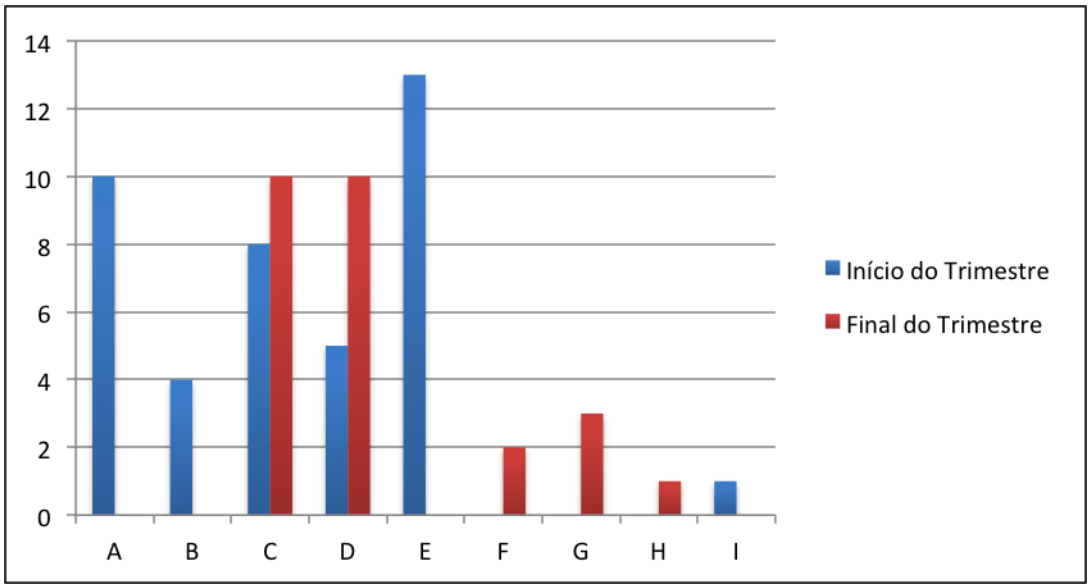
- História: A justificativa ideológica do Imperialismo, Teorias raciais, Eugenia, Darwinismo Social. Discutir os conceitos de Cultura e Senso Comum. Etnocentrismo (a relação com o outro), discutir a dificuldade de entender o diferente. Buscar uma relação de igualdade e respeito entre culturas. As teorias da evolução.

- Geografia: O que sabemos sobre o conceito de raça? DNA África. África: origem, estereótipos e racismo.

- Pesquisa integrada.

Questão 5 - O que você sabe sobre a África?

Gráfico 5: O que você sabe sobre a África?



Fonte: Gráfico elaborado pela autora

A - “A África é um continente”

B - “A África é um país”

C - Diversidade natural, cultural, de idiomas e crenças

D - Falam sobre os estereótipos existentes

E - Relacionou a África a pobreza, desgraça, savana, animais selvagens, falta de água, ou aos povos escravizados

F - Origem da humanidade veio da África

G - Exploração da Europa e resistência africana

H - Não respondeu com coerência I - Não respondeu a questão

Foi bastante curioso como no texto dos alunos, eles apresentavam o seu desconhecimento sobre a África, falando sobre sua visão “limitada e preconceituosa” do continente. Como disseram, reconheciam não saber muito sobre a realidade do território, mas muitos exaltaram a visão que eles conheciam, vinda principalmente das mídias, como um lugar de “pobreza e desgraça”, como afirmou um aluno. Também afirmaram sobre um estereótipo em que acreditavam que “as pessoas que vivem lá, vivem na selva ou em savanas, junto com animais, e achavam que a África só tinha negros e que ela é um país, e até mesmo que, a “África é toda pobre”. Podemos perceber que os estudantes conseguem identificar que esses estereótipos são memórias construídas com o que

apresentaram de África até hoje para eles. Contudo, não conseguiram trazer pontos da realidade que contraponham com essa visão.

Outra questão interessante, foi a quantidade de alunos que falou que a África é um continente e alguns acrescentavam, “um continente com muitos países diversos”. O curioso não foi explicar algo sobre a África falando que era um continente. Na realidade, a informação sobre ser um continente vinha como a própria resposta em si, “O que você sabe sobre a África?” “Sei que é um continente...”. Fico imaginando se a pergunta fosse “O que você sabe sobre a Europa?”, acho difícil imaginar que as pessoas restringissem a resposta “a Europa é um continente”. Existe um acervo tão grande desses alunos para falar sobre a Europa, história, culturas, países, línguas, que nem parece razoável compararmos. Isso deve-se ao saber colonial que temos sobre o mundo, que aprofundamos o debate no capítulo I desta dissertação.

Agora, mais problemático do que dizer que a África era um continente, como uma informação a ser dada por si só, foram os alunos que quando afirmaram uma característica da África disseram “a África é um país que...”, mostrando o desconhecimento e desatenção de alguns alunos sobre a questão. Esse foi um comentário entre eles durante o semestre, quando diziam sobre alguém não saber sobre alguma coisa, usavam o exemplo de a África ser um país, brincando com a “ignorância” dos amigos. Mas até alunos que tinham o conhecimento que África não é um país, e sim um continente, escreveram em seu questionário como se fosse um país. A partir disso, podemos ver como mesmo eles tendo um conhecimento mínimo sobre o assunto, o senso comum passa as informações erradas para eles e essas questões gravemente errôneas continuam assimiladas.

Oito alunos conseguiram identificar que a África é um lugar de bastante diversidade cultural e alguns ainda falaram sobre a diversidade religiosa, econômica e política. Esse ponto foi basicamente o único positivo nas informações que os alunos possuíam sobre África.

Um quantidade significativa de alunos falou sobre a diversidade natural, cultural, de idiomas, crenças e/ou sobre os estereótipos existentes. As respostas foram bem mais bem explicadas e entendidas pelos estudantes, mostrando estarem apropriados do debate sobre os estereótipos africanos e a diversidade da África.

Essas respostas vão ao encontro do objetivo que os professores se propuseram. Não havia tempo hábil para aprofundar a história da África, nem desmembrar com profundidade as questões espaciais, naturais e sociais de África. Portanto, o grande objetivo desse trimestre era desmitificar a África com os estereótipos existentes no Brasil. Acreditamos que a resposta do trabalho foi realizada com êxito, havendo assim uma gênese de aprendizagem, em parte, decolonial.

Aulas mais significativas para construir as reflexões necessárias para essa questão:

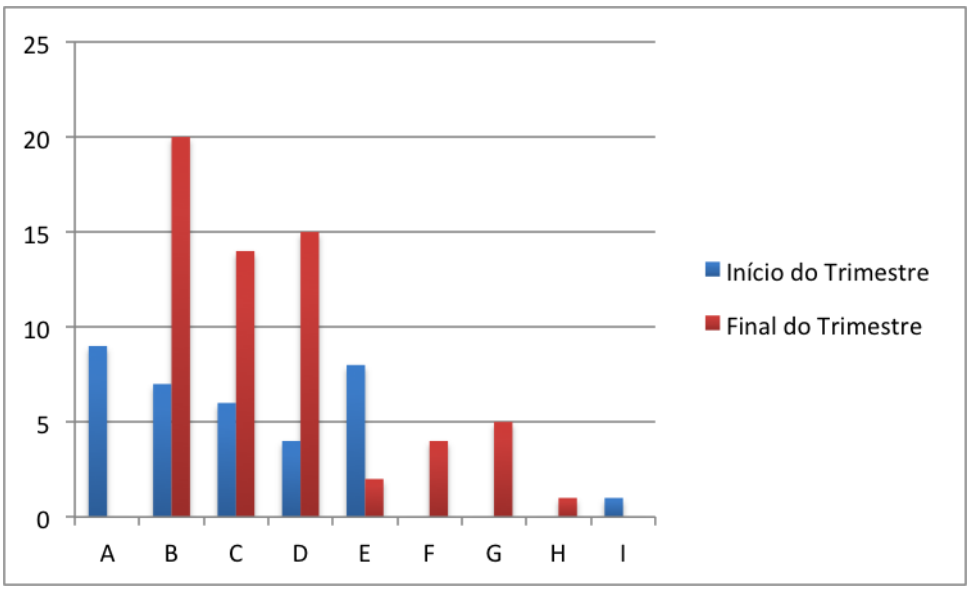
- História: Imperialismo e suas formas de atuação. Consolidando o conceito e entendo o processo de partilha da África. Perceber a forma e estratégias de dominação imperialista na África. Tentar compreender o imperialismo a partir dos africanos. Conhecer a figura do nigeriano Fela Kuti e sua luta anti-colonial e pós-colonial através da arte. A justificativa ideológica do Imperialismo, Teorias raciais, Eugenia, Darwinismo Social. Como a mentalidade colonial atuou e atua sobre os povos colonizados. Discutir os conceitos de Cultura e Senso Comum.

- Geografia: Todos viemos da África? DNA África. África: origem, estereótipos e racismo. As paisagens naturais do continente africano. As transformações políticas, os aspectos sociais e culturais da África hoje.

- Pesquisa integrada.

Questão 6 - Qual a influência da cultura africana sobre a construção da identidade brasileira?

Gráfico 6: Qual a influência da cultura africana sobre a construção da identidade brasileira?



Fonte: Gráfico elaborado pela autora

A - Alunos utilizaram a palavra escravos ou escravidão, para explicar a influência da africana sobre a construção da identidade brasileira

B – Dança e música (samba, funk, rap, jongo, capoeira) C - Comida (feijoada) D – Religiões

E – Culturas, costumes, estilo de vida

F - Maneira de se vestir, roupas, vestimentas

G – Palavras, língua

H - Pensamento, visão de mundo

I - Não respondeu a questão

No início do trimestre, sete estudantes falaram sobre danças, música ou capoeira, enquanto no questionário final vinte crianças falaram sobre as danças e músicas, aumentando a especificação com os exemplos de samba, funk, rap, jongo e capoeira. Percebemos um grande crescimento nesse lugar, devido ao trabalho de apresentar os aspectos sociais e culturais da

África nas aulas de Geografia, por exemplo. Foram apresentados diferentes povos e diferentes formas de se expressar.

Já nas aulas de história, com o tema “A música como arma”, em que conta a história de Fela Kuti e suas lutas sociais e políticas, é apresentada a influência de que muitos músicos brasileiros, como Gilberto Gil e Criolo, obtiveram com esse artista. Além disso, os debates em sala de aula puderam suprir o entendimento da importância da cultura negra para o Brasil, na construção da identidade brasileira, iniciada no período colonial, em que muitos africanos vieram forçadamente para o Brasil, porém deixaram suas marcas e culturas.

Analisando os gráficos, podemos perceber que houve um grande crescimento no conhecimento dos alunos perante a questão. O acervo de palavras aumentou, os exemplos concretos da influência da cultura africana em nosso país aumentou significativamente. Mais crianças usaram os exemplos citados por alguns no primeiro questionário, como as danças, músicas e capoeira, a comida, as religiões, as culturas e costumes. Novos exemplos foram apresentados e especificados, como as palavras, língua, estilo de vida, pensamento, visão de mundo, maneira de se vestir, roupas e vestimentas.

No primeiro questionário, uma das coisas que mais chamou a atenção foi a quantidade de estudantes falando sobre a questão da escravidão, quando a pergunta era a influência da cultura africana na construção da identidade brasileira. Entendemos que a grande maioria dos africanos que vieram para o Brasil de forma forçada, tendo como consequência a escravização.

Contudo, a pergunta estava diretamente interessada em compreender sobre a cultura africana e muitos alunos falaram sobre a questão da escravização e não deram exemplos dessa cultura em nosso país. Acredito que essa questão apareceu porque além da falta de conhecimento sobre o assunto, a cultura africana e os negros sempre estão relacionados a escravidão, fazendo com que esse lócus social seja sempre visto de uma maneira subjugada, menosprezada e subserviente.

Aulas mais significativas para construir as reflexões necessárias para essa questão:

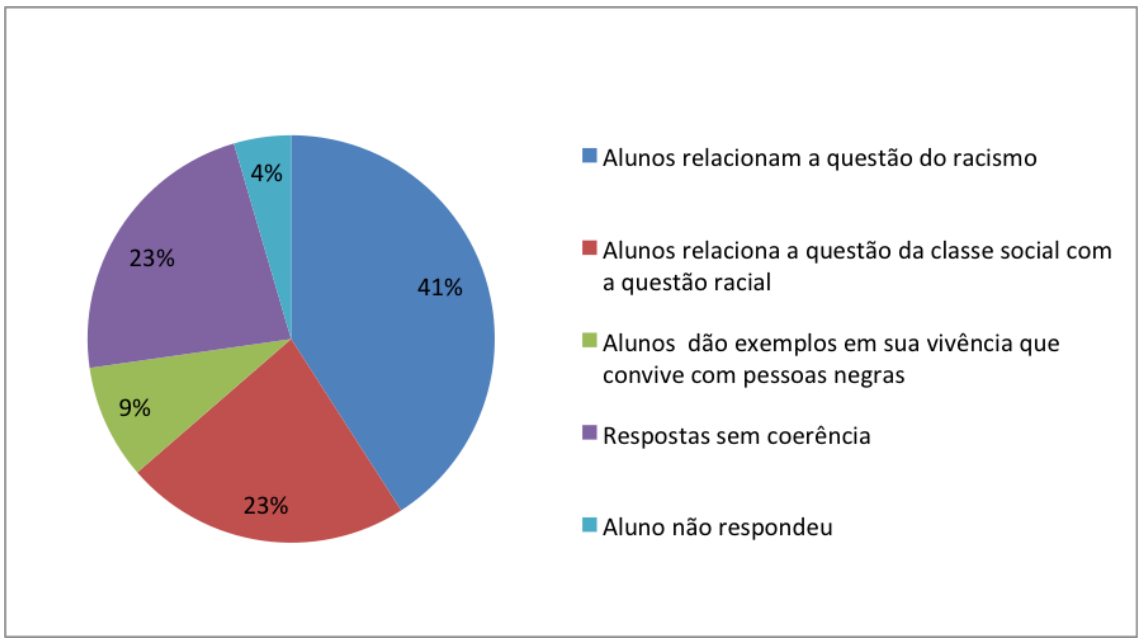
- História: Conhecer a figura do nigeriano Fela Kuti e sua luta anti-colonial e pós-colonial através da arte. Etnocentrismo (a relação com o outro), discutir a dificuldade de entender o diferente.

- Geografia: DNA África. África: origem, estereótipos e racismo. As consequências da escravidão no Brasil de hoje. As transformações políticas, os aspectos sociais e culturais da África hoje.

- Pesquisa integrada.

Questão 7 – Expressões da desigualdade

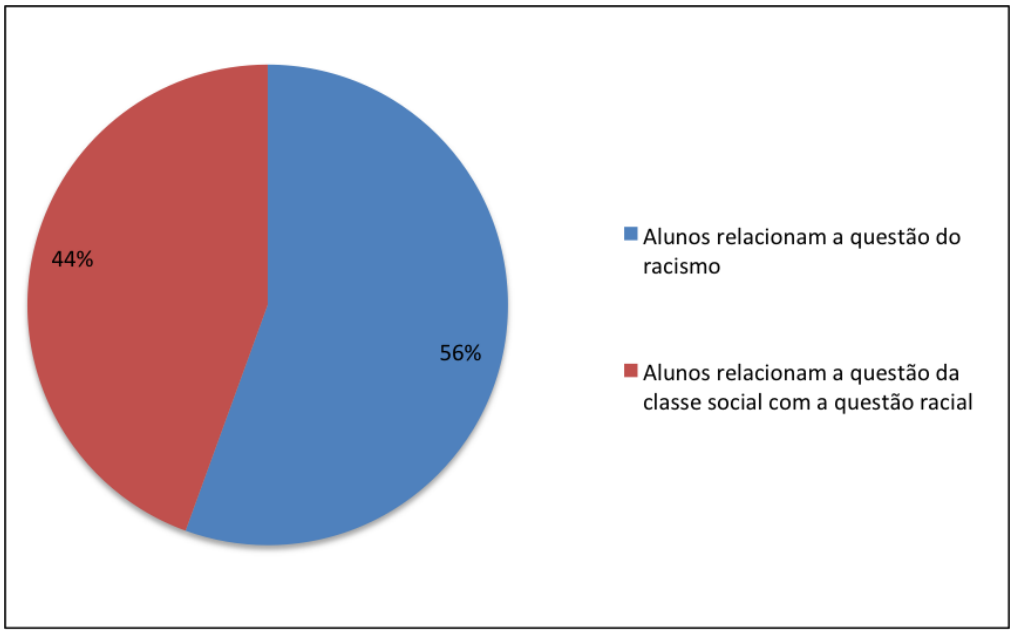
Gráfico 7.1: Início do trimestre – Se o Brasil possui a maior população negra fora da África no mundo, porque não observamos essa realidade em nosso cotidiano?



Fonte: Gráfico elaborado pela autora

Gráfico 7.2: Final do trimestre – Identifique expressões da desigualdade racial em nosso país.

Fonte: Gráfico elaborado pela autora



O que precisamos nos atentar nessa questão é saber que as perguntas diferem de forma significativa. Na primeira questão temos a pergunta “Se o Brasil possui a maior população negra fora da África no mundo, porque não observamos essa realidade em nosso cotidiano?”. Primeiro, pressupomos uma vivência da qual eles fazem parte - a maioria encaixa-se numa classe média alta, em que a maioria dos negros que eles convivem são os porteiros, trabalhadores dos serviços gerais na escola, etc. Suas maiores referências são brancas e a maior parte de seus amigos também. Essa pergunta pôde trazer reflexões profundas sobre as suas vivências.

Dois dos alunos dão exemplos em suas vivências, que convivem com pessoas negras: “Quando ando na rua a maioria dos trabalhadores são negros, o meu professor de futebol é negro”, “eu observo essa realidade nas ruas, no aterro, no meu basquete”. Querendo justificar a presença de negros em seus cotidianos, os estudantes demonstram que essa relação é feita em lugares específicos, que não é em qualquer espaço que esse encontro é feito e que não é a maioria das trocas que eles tem. Ou seja, evidencia a importância de eles pensarem o porquê de só encontrarem pessoas de outra raça em espaços determinados, mais distantes de seu meio.

Nove estudantes relacionam a questão do racismo e cinco relacionam a questão da classe social estar relacionada à questão racial. Essas respostas foram as mais coerentes que delimitaram os motivos para essa separação racial que é evidente. Ver que mais da metade da turma está atenta a essa situação é interessante.

Cinco alunos responderam sem coerência, nos mostrando o quão difícil é para esses meninos e meninas falar e pensar sobre essa questão. Não estavam habituados a pensar nessa falta de representatividade negra em suas vidas e nem a compreender que eles próprios estão em um lugar de privilégio e, por esse motivo, não identificarem pessoas negras em seus meios pode ser desconfortante. É preciso esclarecer sobre essas ausências e falar sobre as desigualdades que estão estampadas em nossos rostos.

Já a questão do segundo inquérito, “Identifique expressões da desigualdade racial em nosso país?”, é apresentada de forma menos pessoal, mas que trata do mesmo cerne. Quais são os fatores da desigualdade racial que vemos no Brasil? Essa alteração foi uma escolha da professora de Geografia. Nesta questão, cresce significativamente o número de alunos que falam sobre a relação com o racismo e o número de alunos que relacionam a questão da classe social com a questão racial. Além disso, são muitos os exemplos dos estudantes perante essas relações preconceituosas e problemáticas.

Dez estudantes referem que grande parte das pessoas negras vive em situação de pobreza, em periferias, comunidades e/ou lugares precários. Quatro alunos referem sobre a maior parte dos moradores de rua e a maior parte da população carcerária também ser negra. Cinco alunos referemo facto de a qualidade de vida ser influenciada pela raça. Um aluno refere o facto de as religiões africanas serem muito mal vistas por parte da população. Cinco dizem que os cargos mais bem pagos são ocupados por brancos ou que há a predominância de pessoas brancas na política, morando em condomínios e com melhores condições de vida. Quatro alunos escrevem sobre a dificuldade em arranjar trabalho por conta da cor da pele, ou sobre a influência da raça para o sucesso numa entrevista de emprego. Cinco estudantes referem que há desigualdade econômica, educacional e de tratamento entre brancos e negros.

Essas respostas nos dizem bastante sobre o trabalho feito durante o trimestre; o quanto a percepção desses alunos cresceu quanto a essa discussão tão necessária.

Aulas mais significativas para construir as reflexões necessárias para essa questão:

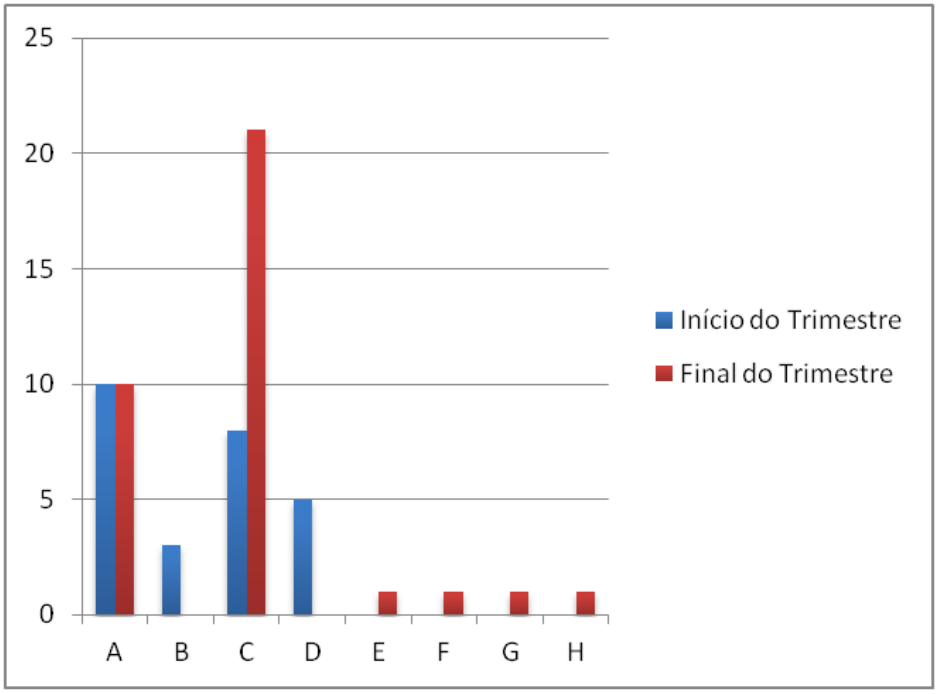
- História: A justificativa ideológica do Imperialismo, Teorias raciais, Eugenia, Darwinismo Social. Buscar uma relação de igualdade e respeito entre culturas.

- Geografia: DNA África. África: origem, estereótipos e racismo. As consequências da escravidão no Brasil de hoje.

- Pesquisa integrada.

Questão 8 - Quais as consequências da escravidão sobre a construção de nossa sociedade?

Gráfico 8: Quais as consequências da escravidão sobre a construção de nossa sociedade?



Fonte: Gráfico elaborado pela autora

A - Racismo / preconceito / visão de inferioridade do povo negro

B - Cultura africana presente na identidade brasileira

C - Maioria da população pobre é negra, Desigualdade com a questão racial, afirmando que a classe mais baixa é de maioria negra

D - Não souberam responder

E - Negros ajudaram na construção de nossa sociedade, pessoas que trouxeram cultura, rituais, costumes, comida, crenças para o país.

F - África vista como atrasada

G - Mais de 50% da população é negra

H - Perda de gerações

A primeira consequência a ser considerada do primeiro questionário para o segundo foi que aumentaram muito os argumentos e acervo de reflexões sobre o tema. No primeiro inquérito,

cinco alunos não responderam a questão e os outros se delimitaram em respostas mais simples e diretas. Falaram sobre o racismo, preconceito, visão de inferioridade do povo negro, da cultura africana presente na identidade brasileira. Oito alunos referiram que a maioria da população pobre é negra.

Já no segundo questionário, a quantidade de alunos que falaram sobre discriminação dos negros, preconceito racial, racismo e inferiorização dos negros permaneceu a mesma, porém já teve uma explosão de exemplos para esses preconceitos e racismos estudados e debatidos em sala de aula. Devemos ainda destacar que todos os alunos, exceto um, relacionaram desigualdade com a questão racial, afirmando que a classe mais baixa é de maioria negra, mostrando um grande ganho de conhecimento adquirido.

Além de outras reflexões que não haviam vindo inicialmente, encontramos colocações como: os negros ajudaram na construção de nossa sociedade, pessoas que trouxeram cultura, rituais, costumes, comida, crenças para o país, a justificativa para a percepção de a África ser vista como atrasada, a ideia de que mais de 50% da população é negra, e que houve a perda de muitas vidas nessa empreitada injusta e cruel que foi o tráfico de escravos e a escravatura.

Aulas mais significativas para construir as reflexões necessárias para essa questão:

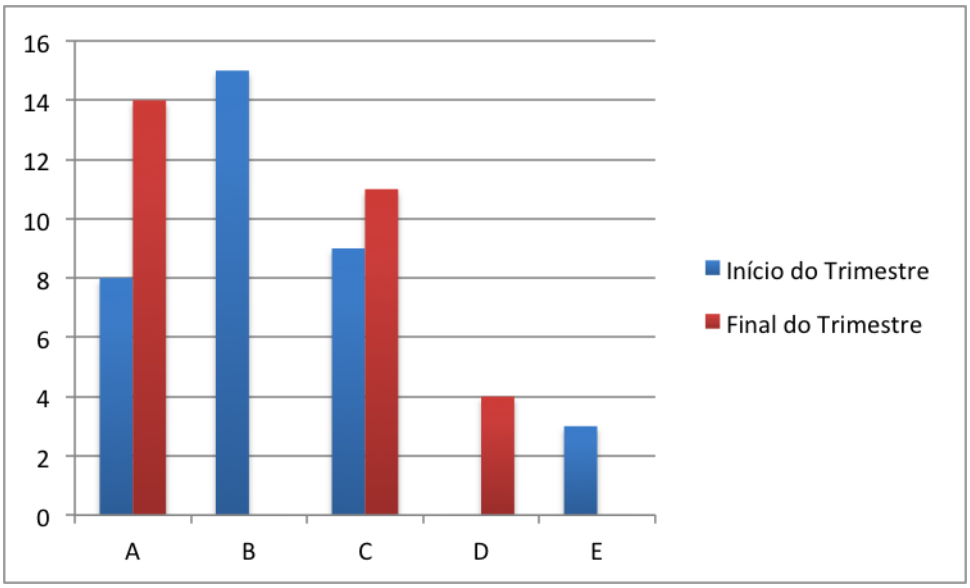
- História: Como a mentalidade colonial atuou e atua sobre os povos colonizados. Discutir os conceitos de Cultura e Senso Comum. Etnocentrismo (a relação com o outro), discutir a dificuldade de entender o diferente. Buscar uma relação de igualdade e respeito entre culturas.

- Geografia: DNA África. África: origem, estereótipos e racismo. As consequências da escravidão no Brasil de hoje.

- Pesquisa integrada.

Questão 9 - Qual a influência dos europeus sobre o continente africano?

Gráfico 9: Qual a influência dos europeus sobre o continente africano?



Fonte: Gráfico elaborado pela autora

A - Influência cultural, econômica e política

B - Acreditam que essa influência é/foi negativa

C - Escravização de africanos

D - Exploração de matérias-primas

E - Não responderam

Mais alunos responderam a questão no segundo questionário. Todos aprofundaram melhor as respostas, respondendo com maior propriedade sobre o tema. Cresceu a quantidade de alunos referindo a influência cultural, econômica e política do colonizador e a relação com a escravização de africanos. Além disso, surgiu uma nova referência, a da exploração de matérias-primas.

Aulas mais significativas para construir as reflexões necessárias para essa questão:

- História: Imperialismo e suas formas de atuação. Consolidando o conceito e entendo o processo de partilha da África. Perceber a forma e estratégias de dominação imperialista na África. Tentar compreender o imperialismo a partir dos africanos. A justificativa ideológica do Imperialismo, Teorias raciais, Eugenia, Darwinismo Social. Como a mentalidade colonial atuou e atua sobre os

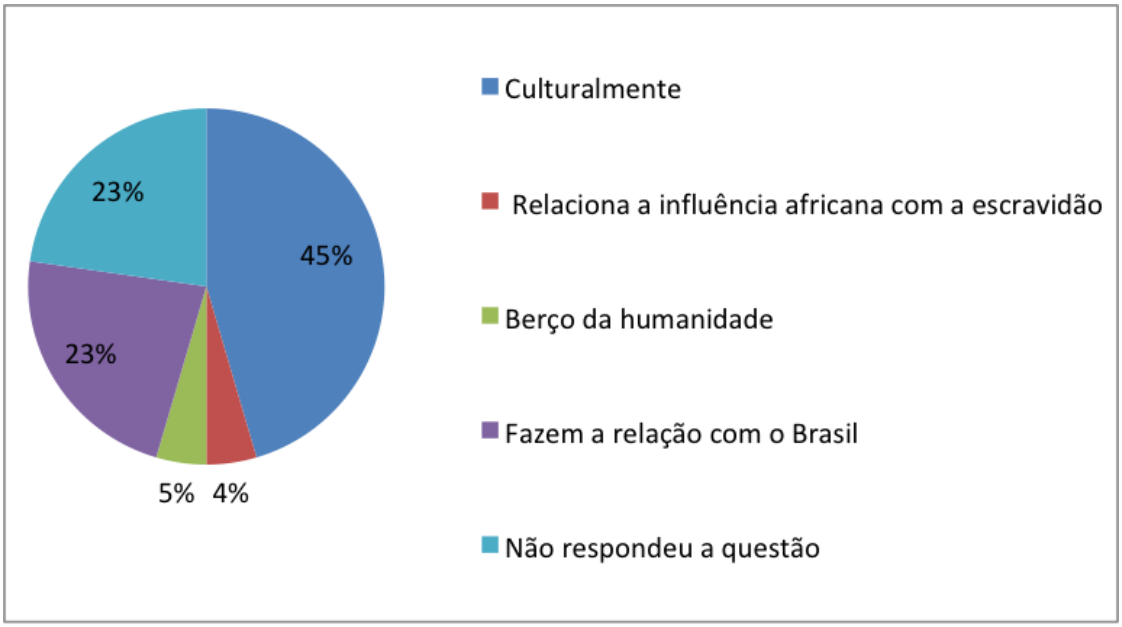
povos colonizados. Discutir os conceitos de Cultura e Senso Comum. Etnocentrismo (a relação com o outro), discutir a dificuldade de entender o diferente.

- Geografia: África: origem, estereótipos e racismo. As transformações políticas, os aspectos sociais e culturais da África hoje.

- Pesquisa integrada.

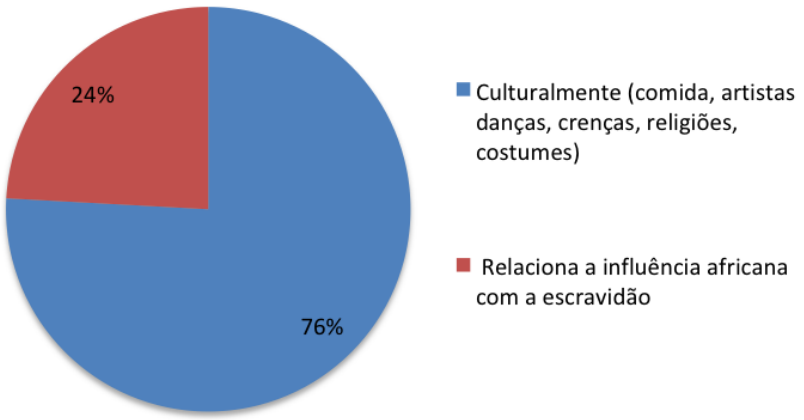
Questão 10 - Qual a influência dos africanos sobre os outros continentes?

Gráfico 10.1: Início do trimestre – Qual a influência dos africanos sobre os outros



Fonte: Gráfico elaborado pela autora

Gráfico 10.2: Final do trimestre – Fale um pouco sobre a influência dos africanos nos outros continentes



Fonte: Gráfico elaborado pela autora

Tal como pudemos perceber nas outras questões que abordaram África, também nesta questão, o acervo dos alunos teve um crescimento significativo. Todos os alunos no segundo inquérito falaram sobre a questão cultural, exemplificando a comida, os artistas, as danças, crenças, religiões e costumes existentes. Bastante diferente do contexto do primeiro inquérito, no qual muitos só percebiam a relação de África com o Brasil, em que a metade da turma falou sobre a questão cultural, mas não exemplificou e cinco alunos não responderam a questão. Ou seja, mais alunos estavam mais apropriados com o tema.

O que não foi colocado nessa questão, mesmo no último inquérito, foi a relação das riquezas acumuladas pelos países considerados “desenvolvidos”, ou seja, a relação dos países mais ricos do mundo com África. Não foi comentada por nenhum aluno a relação da riqueza de países que exploraram os países africanos no período Imperialista serem os países mais desenvolvidos economicamente. Por que essa associação ainda é difícil de ser feita, mesmo estudando-se tanto o período Imperialista? Foi uma das questões indagadas.

Aulas mais significativas para construir as reflexões necessárias para essa questão:

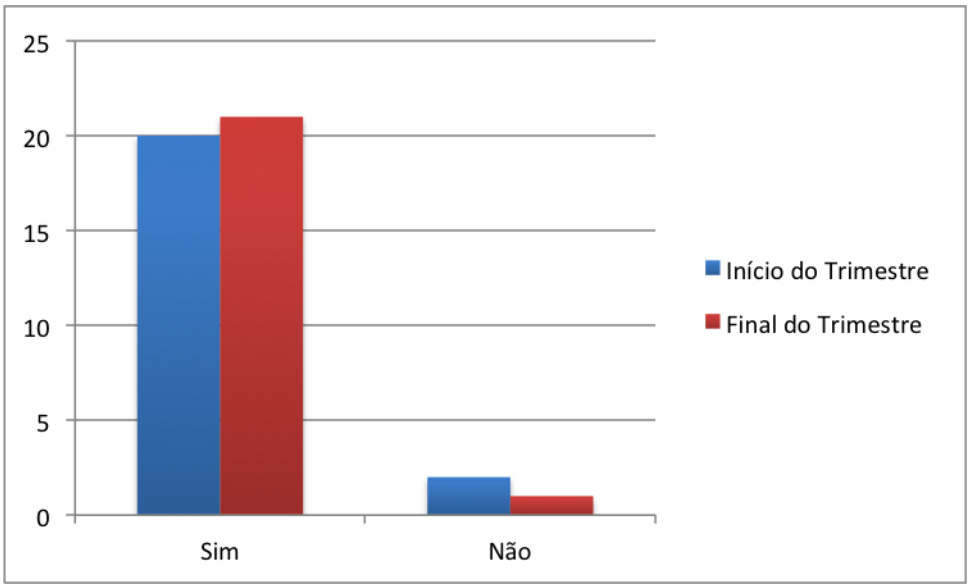
- História: Conhecer a figura do nigeriano Fela Kuti e sua luta anti-colonial e pós-colonial através da arte. Etnocentrismo (a relação com o outro), discutir a dificuldade de entender o diferente.

- Geografia: DNA África. África: origem, estereótipos e racismo.

- Pesquisa integrada.

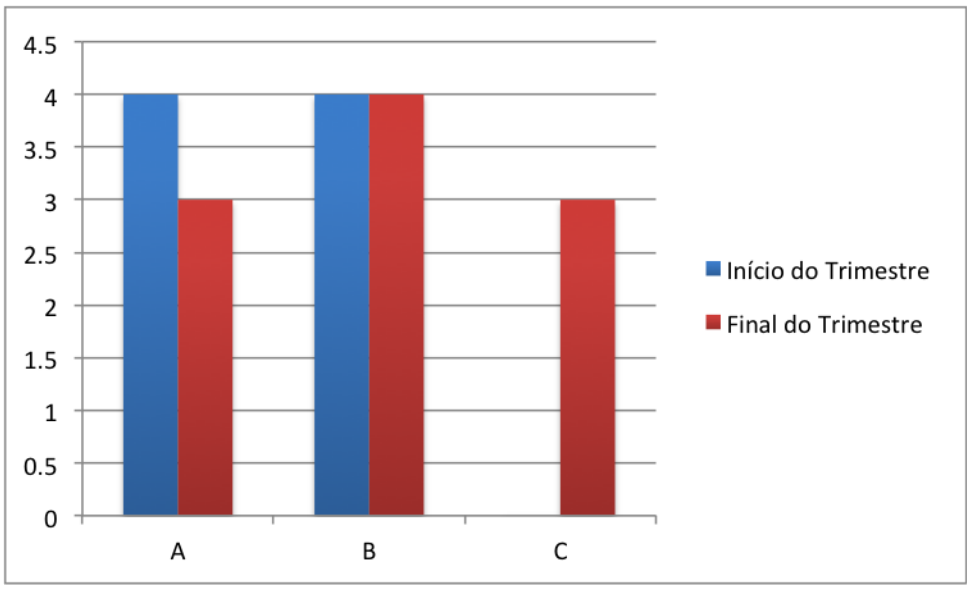
Questão 11 - O continente africano é considerado mais primitivo ou atrasado do que outros países?

Gráfico 11.1: Atualmente, o continente africano é considerado mais primitivo ou atrasado do que outros países?



Fonte: Gráfico elaborado pela autora

Gráfico 11.2: Por quem?



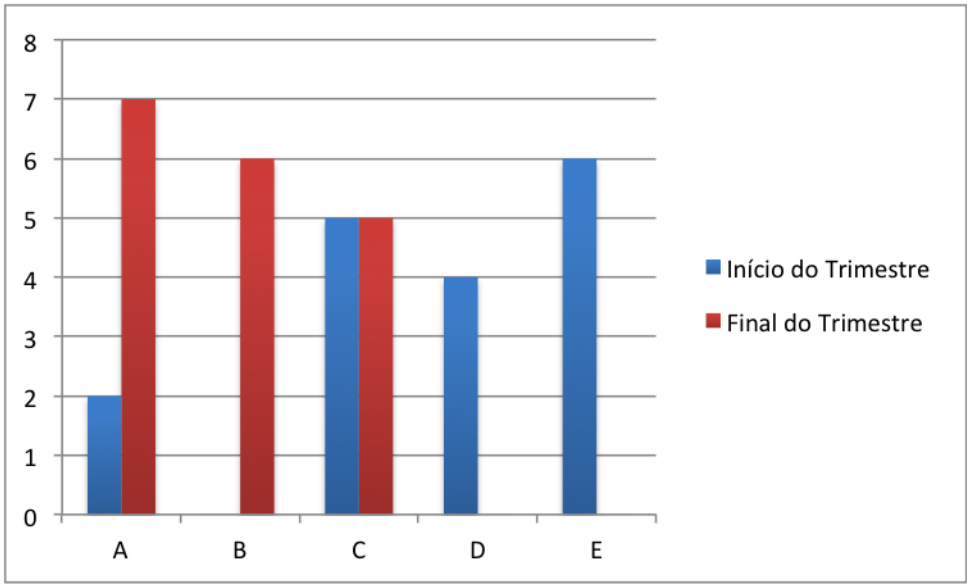
Fonte: Gráfico elaborado pela autora

A – Pela maioria dos ocidentais / europeus

B – Por quase todo mundo

C – Pela mídia

Gráfico 11.3: Por quê?



Fonte: Gráfico elaborado pela autora

A - Por causa da exploração europeia

B - Por conta da mídia

C - Por causa dos estereótipos criados

D - Por causa da pobreza

E - Por conta da escravidão

No primeiro questionário, vinte alunos responderam que o continente africano ainda é considerado mais primitivo ou atrasado do que outros países e dois alunos não responderam a questão. Já no segundo questionário, vinte e um alunos concordaram com a afirmativa e um aluno não respondeu. Ou seja, todos acreditaram tanto no início como no final do trimestre que há algum grupo que considera a África como atrasada ou primitiva.

No primeiro inquérito, quatro pessoas acreditavam que a África é considerada atrasada pela maioria dos ocidentais/europeus. Quatro alunos, consideraram que a África é considerada atrasada por quase todo mundo. No que diz respeito aos motivos, dois alunos afirmaram que seria por causa da exploração europeia, cinco por causa dos estereótipos criados, quatro estudantes que seria por causa da pobreza e seis alunos por conta da escravidão.

No segundo inquérito, três alunos acreditavam que a África é considerada atrasada pela maioria dos ocidentais/europeus. Quatro estudantes responderam que a África é considerada

atrasada “por quase todo mundo” e três referiram que seria pela mídia que a África seria considerada atrasada. Sete alunos disseram que os motivos seriam a exploração europeia e a mídia e cinco afirmaram que seria por causa dos estereótipos criados.

Não observamos uma grande mudança nas respostas dos dois questionários. A maioria não foi feita com resposta completa e muito pouco argumentou-se. O problema que foi diagnosticado foi o fato de terem três perguntas numa mesma questão, dificultando responderem tudo, muitos se perdiam no caminho.

Podemos, no entanto, concluir que é significativo pensar que todos os alunos da turma levantaram a hipótese de que existem grupos que consideram a África um continente primitivo ou atrasado. Essa afirmativa está de uma certa forma no pensamento de todos e se detecta este estereótipo existente do continente.

Aulas mais significativas para construir as reflexões necessárias para essa questão:

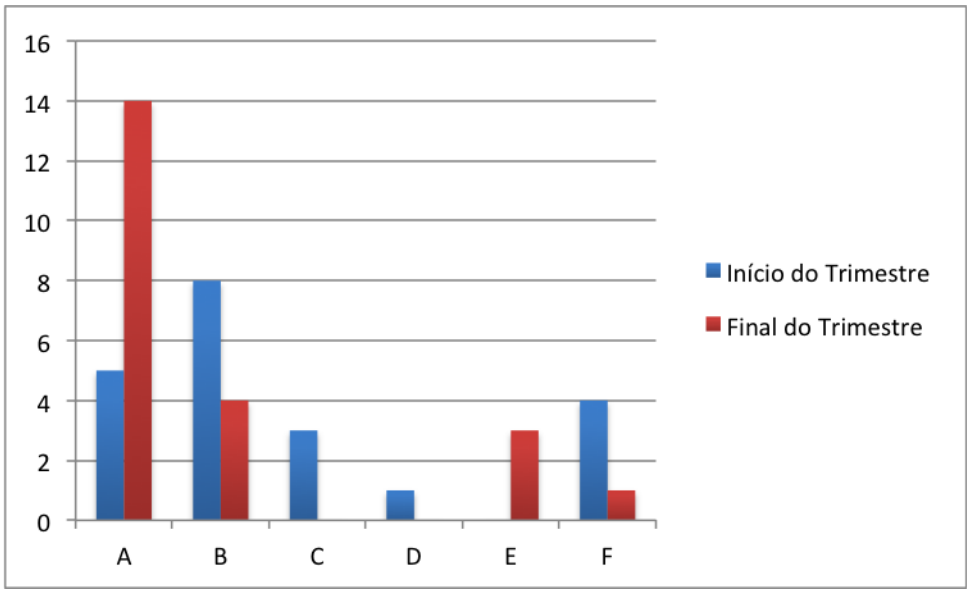
- História: Imperialismo e suas formas de atuação. Consolidando o conceito e entendo o processo de partilha da África. Como a mentalidade colonial atuou e atua sobre os povos colonizados. Discutir os conceitos de Cultura e Senso Comum. Etnocentrismo (a relação com o outro), discutir a dificuldade de entender o diferente. Buscar uma relação de igualdade e respeito entre culturas.

- Geografia: África: origem, estereótipos e racismo. As paisagens naturais do continente africano. As transformações políticas, os aspectos sociais e culturais da África hoje.

- Pesquisa integrada.

Questão 12 - Qual é a importância do continente africano para a história da humanidade?

Gráfico 12: Qual é a importância do continente africano para a história da humanidade?



Fonte: Gráfico elaborado pela autora

A - África como berço da humanidade

B - Mão de obra escrava na colonização

C – Culturalmente

D - Fonte de matérias-primas para o mundo

E – Respostas sem coerência

F - Não respondeu a questão

No início do trimestre foi difícil para os alunos não associarem o continente africano com a escravidão ou como uma fonte de matérias-primas, nove estudantes fizeram essa relação direta. Isso denota o lugar de conhecimento desses estudantes sobre o continente africano, seus povos e afrodescendentes. Normalmente, as escolas abordam África quando estão falando do período colonial do Brasil ou do Imperialismo, ou seja, fica difícil para os alunos não associarem África a escravização, guerras, pobreza e submissão.

Já no último questionário, apenas duas crianças relacionaram África à mão de obra escrava, remetendo ao período colonial. Duas crianças relacionam o continente ao sofrimento e

resistência do povo africano. Ou seja, compreendem todo sofrimento que envolveu os povos africanos devido às invasões europeias, contudo também exaltam sua resistência e luta.

Também podemos perceber que aumentou significativamente o número dos alunos que relacionaram a África ao berço da humanidade. No primeiro questionário foram cinco alunos que referiram que os primeiros hominídeos vieram da África. No segundo questionário foram quatorze alunos que se referiram ao facto. Essas respostas afirmam que o trabalho feito relacionado a história da humanidade foi bem aproveitado e assimilado.

Aulas mais significativas para construir as reflexões necessárias para essa questão:

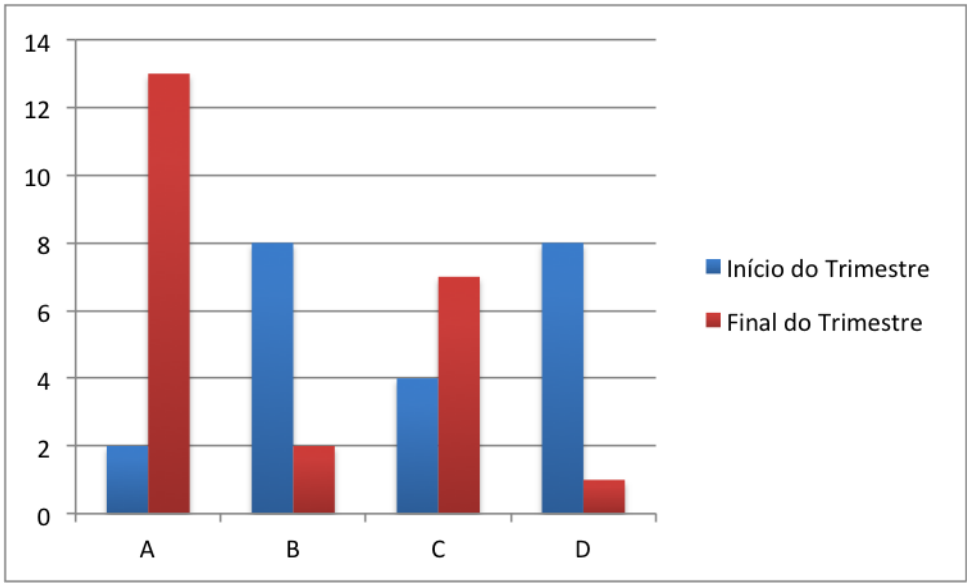
- História: Conhecer a figura do nigeriano Fela Kuti e sua luta anti-colonial e pós-colonial através da arte.

- Geografia: Todos viemos da África? DNA África. As transformações políticas, os aspectos sociais e culturais da África hoje.

- Pesquisa integrada.

Questão 13 - Qual a importância da África para o conhecimento, no passado e no presente?

Gráfico 13: Qual a importância da África para o conhecimento, no passado e no presente?



Fonte: Gráfico elaborado pela autora

A - Berço da humanidade

B - Cultura brasileira influenciada pela África

C - Escravidão, preconceito e racismo

D - Não respondeu a questão

Quando fizemos as análises do questionário, pudemos perceber que obtivemos algumas respostas muito semelhantes nas questões “O que você sabe sobre a África?, “Qual é a importância do continente africano para a história da humanidade?”, e “Qual a importância da África para o conhecimento, no passado e no presente?”. Os pontos principais debatidos foram a questão do surgimento dos hominídeos em África (berço da humanidade), as questões que envolvem racismo, preconceito e estereótipos, as consequências da escravidão e do Imperialismo e a questão cultural.

Aulas mais significativas para construir as reflexões necessárias para essa questão:

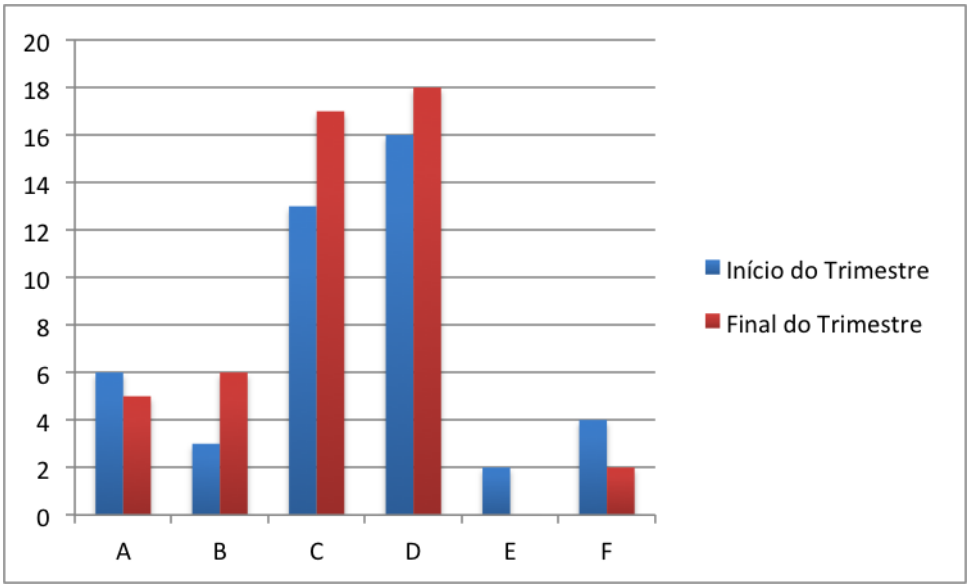
- História: Conhecer a figura do nigeriano Fela Kuti e sua luta anti-colonial e pós-colonial através da arte.

- Geografia: Todos viemos da África? As transformações políticas, os aspectos sociais e culturais da África hoje.

- Pesquisa integrada.

Questão 14 - A África pode ser considerada uma unidade no sentido geográfico e cultural? Justifique a sua resposta.

Gráfico 14: A África pode ser considerada uma unidade no sentido geográfico e cultural? Justifique a sua resposta.



Fonte: Gráfico elaborado pela autora

A - África pode ser uma unidade geográfica

B - África pode ser uma unidade cultural

C - África não pode ser uma unidade geográfica

D - A África não pode ser uma unidade cultural

E - Alunos respondem que sim, porém justificam dizendo sobre a diversidade da África

F - Não respondeu a questão

No primeiro questionário, seis alunos acreditavam que a África poderia ser considerada uma unidade geográfica, enquanto treze não se posicionavam desse modo. Já na questão cultural, três colocaram que a África pode ser uma unidade cultural, embora dezesseis assim não considerassem. Mais estudantes acreditavam que poderia ser uma unidade geográfica mais do

que uma unidade cultural, porém a maioria dos alunos não achava que a África poderia ser considerada uma unidade.

Quatro alunos não responderam a questão, considerando que não era uma questão simples. Oito alunos justificaram que não acreditam na unidade, pois dentro da África existem vários países com culturas e línguas diferentes, portanto, há uma diversidade grande. Dois alunos respondem que a África seria uma unidade geográfica e política, porém justificam falando sobre a diversidade da África. Ou seja, não compreenderam a questão, uma vez que o fato de o continente ser diverso não justifica uma unidade.

Já no segundo questionário, cinco alunos acreditavam que a África poderia ser considerada uma unidade geográfica e dezessete não acreditavam. Na questão cultural, seis colocaram que a África pode ser uma unidade cultural e dezoito não. Aumentou o número de alunos que justificaram a resposta “não”, com a grande diversidade que há no continente e no segundo inquérito foram quatorze alunos que assim fizeram. Além disso, aumentou o repertório dos alunos, suas justificativas vieram com os vários biomas existentes, religiões, culturas, paisagens, rios, montanhas, relevos, povos, línguas, clima, vegetação, pratos, músicas, alimentos, países, fauna e flora.

Assim, podemos concluir que os alunos absorveram melhor os motivos da grande diversidade existente no continente africano. Também reduziu em dois o número de alunos que não responderam a questão. Já os alunos que responderam com o “sim”, um deles não justificou e os outros dois justificaram com argumentos que também não cabiam, assim como no primeiro questionário, exaltando sua diversidade, mostrando assim que não compreenderam o que se pedia na questão.

Só podemos pensar na unidade geográfica se considerarmos somente o território abarcado, mas por ser um território de longa extensão, existem diferentes climas, vegetações, povos, línguas, culturas. Por mais que de alguma forma elas se conectem, faz bastante sentido a maioria dos alunos argumentar que a África não pode ser considerada uma unidade geográfica.

Já na questão cultural, também podemos observar contornos em comum entre os povos do continente africano, mas colocá-los como uma unidade cultural seria muito razo para a grande diversidade de línguas, costumes, danças, músicas, comidas existente na África. Por isso, concluímos que com um aumento significativo de respostas discursivas foi bastante efetivo o estudo do trimestre, trazendo novos olhares e percepções para a turma.

Aulas mais significativas para construir as reflexões necessárias para essa questão:

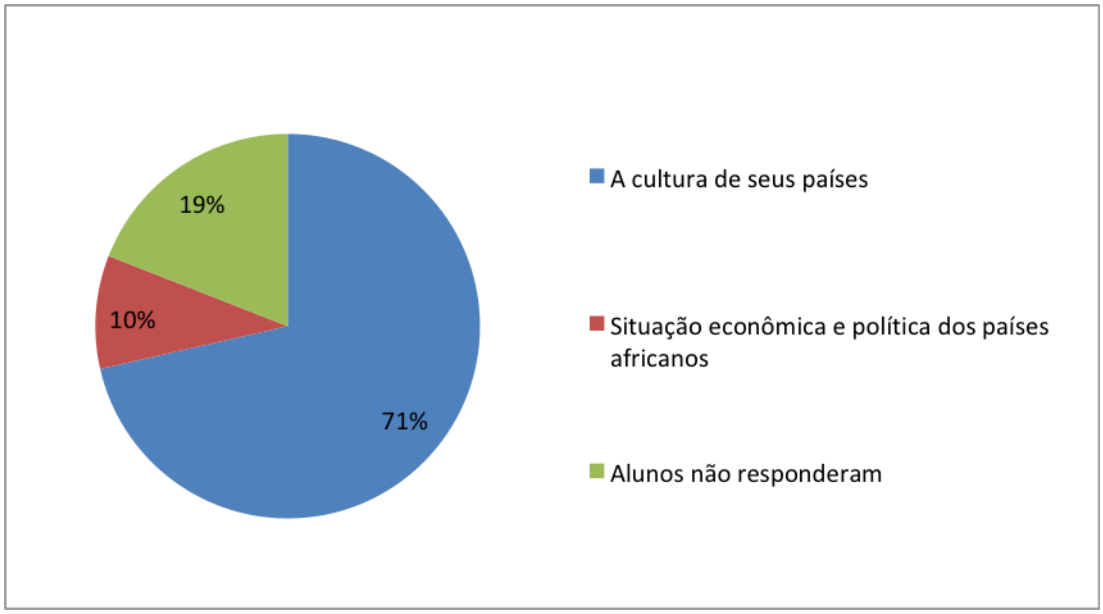
- História: Imperialismo e suas formas de atuação. Consolidando o conceito e entendo o processo de partilha da África. Entender a cultura como característica da humanidade. Qual o limite da diversidade cultural? Buscar uma relação de igualdade e respeito entre culturas.

- Geografia: DNA África. As paisagens naturais do continente africano. As transformações políticas, os aspectos sociais e culturais da África hoje.

- Pesquisa integrada.

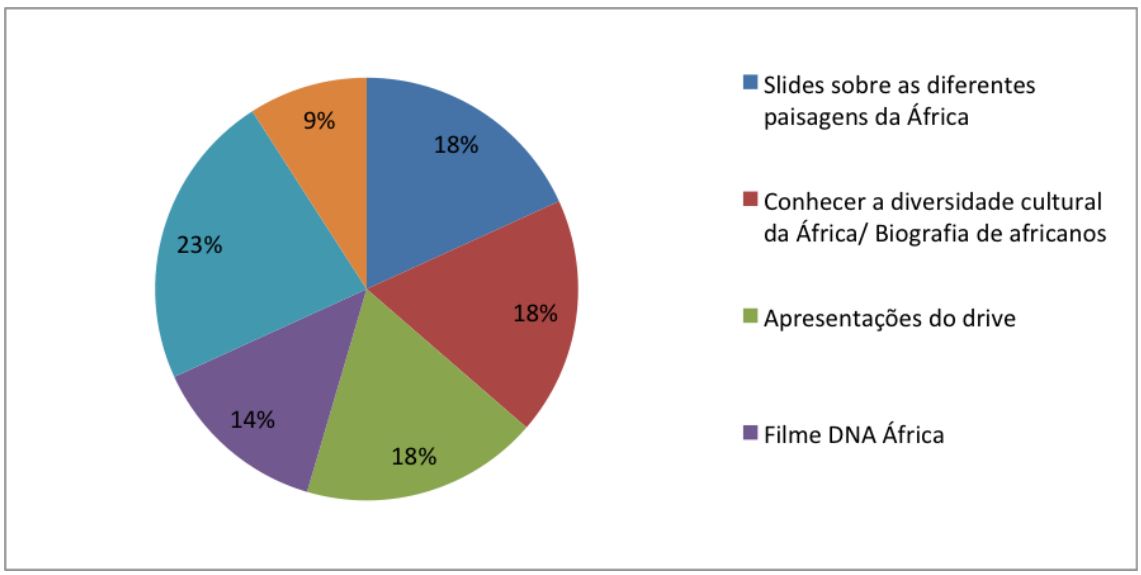
Questão 15 – O que gostaria de aprender e o que aprendeu?

Gráfico 15.1: Início do trimestre – O que você gostaria de aprender sobre a África, que você não sabe ou gostaria de aprofundar?



Fonte: Gráfico elaborado pela autora

Gráfico 15.2: Final do trimestre – Qual das atividades realizadas neste trimestre foi mais significativa para você? Por quê?



Fonte: Gráfico elaborado pela autora

A questão do primeiro questionário foi fundamental para pensarmos quais caminhos seguir e o interesse dos alunos quanto a África. Já o segundo questionário serviu para analisarmos quais foram as melhores escolhas e soluções de trabalho, para guiar os próximos passos em sala de aula.

Os slides sobre as diferentes paisagens da África foram apresentados pelos alunos através de uma pesquisa em grupo que depois foi apresentada para a turma. Cada grupo ficou com uma localidade. O primeiro grupo ficou com a Floresta Tropical do Congo, o segundo com a Savana Africana, o terceiro com o deserto do Saara e o deserto do Kalahari, o quarto com Madagascar e Florestas de Baobás, o quinto com o Grift Valley (com o Monte Kilimanjaro, Monte Quênia, Lago Vitória, Lake Magadi, Lake Tanganyika e Lake Niassa), e por fim, o sexto com a África do Sul (com as paisagens naturais, Lesoto, Suazilândia, Cratera Vredefort).

Este trabalho fez com que os alunos vissem diferentes paisagens africanas e compreendessem com seus próprios olhos o quão diverso é esse continente. O objetivo da pesquisa não era esgotar a diversidade africana, mas sim apresentar diferentes lugares, com diferentes características, que trouxessem novas visões para os alunos e uma nova percepção do continente. O objetivo principal: desmitificar a África, apenas representada com savanas e o deserto do Saara.

O trabalho trouxe resultados bastante positivos, foi gratificante observar as pesquisas e como os alunos ficaram impressionados com a beleza e diversidade africana. Quatro alunos

apontaram esse trabalho como o mais significativo do trimestre, mostrando o quão importante é desmitificar territórios e paisagens.

Quatro alunos falaram que a aprendizagem mais significativa do trimestre foi conhecer a diversidade cultural da África e a biografia de alguns africanos. Esta ficha foi chamada de “Aspectos Sociais e Culturais da África”. Uma das pesquisas era referente a alguns povos e culturas, para aprendermos um pouco sobre as diversidades existentes. A turma foi dividida em seis grupos, o primeiro pesquisaria os Fang, Igbo, Iorubá e Hauça, o segundo ficaria com os Balunda (Lunda) e Ngoni, o terceiro com os Berbere, Árabes, Tuaregue e Tibu, o quarto com os Malgaxe, o quinto com o Galla (oromo), Suaíli, amharique (língua amárica dos etípoes), e por último, o sexto com os africânders (boêres), Zulus, Hotentones, Khoisan.

Os grupos pesquisaram as seguintes informações sobre os grupos étnicos e linguísticos que vivem na região: história, línguas faladas, religiões, costumes culturais, atividades econômicas principais, recursos naturais e conflitos atuais. Os grupos apresentaram em forma de slides, sendo bastante ilustrativo e de fácil compreensão dessa diversidade.

No trabalho da biografia de uma personalidade africana, cabia a pesquisa de “quem é (foi)?”, “quando e onde nasceu? Ainda vive? Onde?”, sua história, a importância e principais contribuições dessas personalidades. As personalidades eram referências de africanas e africanos que ganharam o Prêmio Nobel (Albert Lutuli, Desmond Tutu, Nelson Mandela, Muhammad Anwar Al Sadat, Mohamed ElBaradei e Kofi Annan) , Mulheres da Paz (Wangari Maathai, Ellen Johnson Sirleaf, Leymah Gbowee), celebridades (Cihua Achebe, Youssou Nadour, Didier Drogba, Lurdes Mutola, Paulo Flores, Isabel João, Malangatana, Stwart Sukunma), Mulheres cientistas (Rapelang Rabana, Nagwa Abdel Meguid, Juliama Rotich, Nashwa Eassa, Godliver Businge, Hallowed Olaoluwa, Tolu Oni, Evelyn Gitau), e por fim, Homens cientistas (Wilfred Ndifon, Mouhamed Moustapha Fall, Noble Banaadda, Mohlopheni Jackson Marakalala).

Esse trabalho da biografia foi importante para desmistificar as populações e personalidades africanas. Muitos dos alunos relataram só imaginar pessoas pobres e um estilo de vida bastante rural, com essa diversidade de personalidades pudemos ampliar nossas visões e conhecer pessoas com uma relevância mundial.

Todo semestre há um trabalho em grupo no qual Ciências, História e Geografia estão integradas, existem seis grupos, sendo dois grupos para cada matéria. As pesquisas são realizadas ao longo de algumas semanas, na qual tem por objetivo a compilação dos materiais encontrados na pesquisa, um texto de apresentação, introdução, desenvolvimento, conclusão e, por fim, a montagem de slides e a apresentação final para toda a turma.

A realização de todo o processo é realizado com o Google drive, para que todos possam contribuir ao longo da semana e os professores possam acompanhar o processo. Por isso, no

gráfico este trabalho foi apresentado como os trabalhos de apresentações do drive. Nesse trabalho exaltam-se tanto suas próprias apresentações, na qual se aprofundaram no tema e expuseram para a turma, como o assistir a apresentação dos colegas, podendo aprender de forma diferente e mais interativa. Quatro alunos preferiram esse trabalho, achando mais produtivo e elaborado. Como é o único trabalho que dura muitas semanas, há um envolvimento bastante grande de todos os alunos para a produção e finalização de todo o processo.

O filme do DNA África durou dois tempos e também foi bastante significativo para a turma. O documentário debate a falta de conhecimento da população negra sobre sua origem, relacionado diretamente com os apagamentos históricos que a escravização provocou. São apresentadas mulheres e homens negros, famosos ou não, que não conheciam a sua origem e tinham o interesse de conhecer. Através de um exame de DNA conseguia-se limitar as origens de seus antepassados. O filme apresentava o sentimento dessas pessoas antes e depois de descobrirem de onde vieram. Alguns deles tiveram a oportunidade de ir até a região da África onde se encontravam os povos de seus antepassados e vivenciar um momento com eles, compartilhando esse sentimento de curiosidade e busca.

A turma ficou bastante tocada com as questões postas e posteriormente houve um debate sobre o assunto. Três alunos destacaram essa atividade. Acredito que realmente foi um recurso visual bastante interessante que acrescentou muito na compreensão dos alunos sobre os apagamentos que a escravização causou e como isso é significativo até hoje para essas pessoas que não puderam conhecer a fundo sua própria história.

As discussões relacionadas a raça e racismo e o questionário antes do trimestre acredito que tenham sido os trabalhos que mais mexeram com as percepções de si e de suas percepções sobre seu entorno. Talvez por essa justificativa, essa opção foi a mais escolhida entre os alunos como a mais significativa do trimestre. Acredito que talvez essa discussão pudesse ter sido mais aprofundada no debate de branquitude, em que os alunos perceberiam melhor seus lugares no espaço e como interagem com o mundo.

A atividade do homo sapiens fez com que os alunos percebessem uma grande importância do continente africano sobre toda a humanidade, a origem de todos os nossos antepassados estão lá. O trabalho foi realizado através de mapas que mostravam os percursos dos primeiros hominídeos e de um texto falando sobre a teoria que se refere ao surgimento da humanidade na África. Podemos perceber que essa foi uma atividade marcante para os alunos, ajudando na análise das outras questões que perguntavam sobre a importância da África e afins, todas tiveram resultados significativos quanto às respostas da África como berço da humanidade. Dois alunos que exaltaram esse trabalho como o mais significativo.

Analisando esta última questão do inquérito final, podemos perceber que várias atividades mobilizaram a turma e acrescentaram nessa nova forma de pensar os preconceitos, racismos e estereótipos. Pensando que é um período curto para aprofundar tantas questões, acredito que foi possível apresentar uma grande diversidade de formas de trabalho e focos de pesquisa para que o trimestre pudesse trazer os melhores resultados possíveis.

Considerações finais

Analisar os resultados de um trabalho que pretendia gerar transformações na forma de ver o mundo de alunos de uma classe média alta de maioria branca do Rio de Janeiro era o principal objetivo da pesquisa em questão. Tentaríamos perceber se através da Geografia crítica podemos fazer uma educação transformadora, na qual adolescentes repensem seu lugar no espaço e possam influenciar em um mundo menos preconceituoso e desigual.

Conseguir fazer um trabalho decolonial é um grande desafio dentro do espaço escolar. Temos a questão do tempo, que muitas vezes faz não ser possível desenvolver um projeto de qualidade, extenso o suficiente para gerar reflexões. Temos a questão de a maioria das instituições manterem um tradicionalismo em que fica difícil propor coisas distintas dos livros didáticos. Temos o racismo institucional e a resistência dos profissionais à sua volta de fechar um projeto. Podemos inclusive ter uma resistência dos alunos quanto ao aprofundamento de alguns temas, ainda mais quando lhes instigamos novas concepções.

Agora talvez a questão mais difícil e desafiadora seja o professor estar preparado para fazer diferente, para pensar de uma maneira menos eurocêntrica, que o educador tenha recursos necessários para usar outros autores diferentes do que maioria das pessoas usam; que conheça autoras mulheres e negras, autores periféricos; que o professor identifique seu lugar de fala e possa ensinar isso a seus alunos; transformar-se para obter uma educação transformadora. Tudo isso requer envolvimento, esforço, rodas de conversas e apoio de outros profissionais que estão em busca da mesma coisa.

Podemos concluir dentre todo o trabalho produzido que as expectativas de conseguir transformar os estereótipos de África foram alcançadas devido ao grande envolvimento dos alunos quanto as discussões e respostas dos questionários. Seus vocabulários foram ampliados e África não é mais visto como um continente limitado, pobre, rodeado de savanas e único. A diversidade do continente foi bastante entendida pelos alunos, vendo a partir daí a possibilidade de ampliarem novos estudos em outras oportunidades, para assim terem um estudo mais aprofundado de África.

Já nas questões raciais, acreditamos que foram bastante proveitosas as aulas e debates sobre o tema e o próprio questionário trouxe reflexões a eles que não haviam sido feitas anteriormente. Contudo, observamos que ficaram algumas lacunas, principalmente referente às questões de branquitude que envolvem diretamente a maioria dos alunos da pesquisa. Continuar debatendo as questões raciais na escola é uma necessidade para que esses alunos não reproduzam o racismo.

Podemos concluir que este trabalho, feito pelos professores de Geografia, Ciências e História, não é por completo decolonial e ainda é preciso avançar em pontos importantes, como utilizar mais autoras e autores negros, debater a história da África além do período do Imperialismo e aprofundar o debate sobre as relações raciais, incluindo no programa a questão da branquitude. Ainda assim, notamos importantes alterações em sala de aula nos estereótipos construídos ao longo de suas vidas através do senso comum.

Apesar do curto espaço de tempo de aprendizado, os resultados foram encorajadores para se produzir mais nesse âmbito. O projeto teve o mérito de ser um primeiro primeiro passo efetivamente dado. Os estudantes avançaram para conquistarmos uma sociedade menos preconceituosa, mas esperamos que os educadores perseverem na luta anti-racista nesse espaço tão importante que é o ambiente escolar. A educação pode ser transformadora.

Bibliografia

APPLE, Michael W. **As tarefas do estudioso/ativista crítico em uma época de crise educacional.** Revista Pedagógica – Chapeco: UNOCHAPECÓ - Ano -17 - n. 30 vol. 01 - jan./jun. 2001, p 29-66.

BORGES, Edson; MEDEIROS, Carlos Alberto; DaADESKY, Jacques. **Racismo, preconceito e intolerância.** São Paulo: Atual, 2002.

BRASIL. Lei n 10.639, de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática sHistória e Cultura Afro-Brasileiras, e dá outras providências. **Diário Oficial (da) República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 9 jan 2003.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais:** Geografia. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC/ SEF, 1998.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. OLIVEIRA, Luiz Fernandes. **Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil.** Belo Horizonte: Educação em Revista. v.26, n.01, p.15-40, abr. 2010.

CANO, Ignacio. **Nas trincheiras do método:** o ensino da metodologia das ciências sociais no Brasil. Porto Alegre: Sociologias Dossiê, ano 14, n 31, set/dez2012. p. 94 – 119.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Formação de professores raça/etnia:** reflexões e sugestões de materiais de ensino em português e inglês. 2. ed. Cascavel: Assoeste, 2006.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Teoria Racial Crítica e Letramento Racial Crítico**: Narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de línguas. Paraná: Revista da ABPN, 2014.

HERNANDEZ, Leila leite. **A África na Sala de Aula**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

MIGNOLO, Walter. **A colonialidade de cabo a rabo**: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade IN: LANDER, Edgardo. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas. Buenos Aires- Clascso, 2005.

MIGNOLO, Walter. **Desobediência epistêmica**: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Rio de Janeiro: Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324, 2008.

MOURA, Glória. O direito a diferença. In: **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MOURA, Clovis. **O racismo como arma ideológica de dominação.** Disponível em: http://www.escolapcdob.org.br/file.php/1/materiais/pagina_inicial/Biblioteca/70_O_racismo_como_arma_ideologica_de_dominacao_Clovis_Moura_.pdf

MUNANGA, Kabengele. Org. **Estratégias e Políticas de combate a discriminação racial – Editora** da Universidade de São Paulo: Estação Ciência, 1996.

MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil de hoje:** história, realidades, problemas e caminhos. São Paulo: Global; Ação Educativa, 2004.

OLIVEIRA, Talita de; PINHÃO, Carolina. "**As marcas negras"**: ressignificando grilhões do passado em práticas letradas. Rio de Janeiro: Revista Tecnologia e Cultura, 2012.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. "Apresentação". In: Lander, Edgardo (Org.) **A Colonialidade do saber**: Eurocentrismo e Ciências sociais – Perspectivas latino- americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **De Saberes e de Territórios**: diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana. IN: Revista GEOgrafia. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF, ano VIII, N. 16, 2006, pp. 41-55.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** IN LANDER, Edgardo. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino americanas. Buenos Aires-Clascso, 2005.

SANTOS, Boaventura de Souza & MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Renato Emerson dos. **Ensino de Geografia e Currículo**: Questões a partir da lei 10.639. Terra Livre, São Paulo / SP. Ano 26, V.1, n. 34. p. 141 – 160. Jan – Jun /2010.

SILVA, Maria José Lopes da. **As Artes e a Diversidade Étnico-Cultural na Escola Básica**. In: Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

ANEXO I – Primeiro Questionário

1 - O que você entende por raça?

2 – Qual sua cor/raça?

3 - Qual o impacto da sua cor/raça sobre sua vida?

4 – Você acredita que o termo raça pode ser utilizado até os dias atuais para se referir ao ser humano?

5 – O que você sabe sobre a África?

6 - Qual a influência da cultura africana sobre a construção da identidade brasileira?

7 – Se o Brasil possui a maior população negra fora da África do mundo, por que não observamos essa realidade em nosso dia a dia?

8 – Quais as consequências da escravidão para a construção de nossa sociedade?

9 – Qual a influência dos europeus sobre o continente africano? 10 – Qual influência dos africanos sobre os outros continentes?

11 - Atualmente, o continente africano é considerado mais primitivo ou atrasado do que outros países? Por quem e por quê?

12 – Qual é a importância do continente africano para a história da humanidade?

13 - Qual a importância da África para o conhecimento, no passado e no presente?

14 - A África pode ser considerada uma unidade no sentido geográfico e cultural? Justifique a sua resposta.

15 - O que você gostaria de aprender sobre a África, que você não sabe ou gostaria de aprofundar?

ANEXO II - Segundo Questionário

Questão 1 – O que você entende por raça?

Questão 3 – Em que sua cor/raça impacta sua vida? E a de outras pessoas?

Questão 4 – Você acredita que o termo raça pode ser empregado nos dias atuais referindo-se ao ser humano?

Questão 5 - O que você aprendeu sobre a África e considera mais importante?

Questão 6 – Identifique exemplos da influência da cultura africana na construção da identidade brasileira

Questão - 7 Identifique expressões da desigualdade racial em nosso país.

Questão 8 – Cite algumas consequências da escravidão para a construção de nossa sociedade.

Qustão 9 - Fale um pouco sobre os europeus no continente africano.

Questão 10 - Fale um pouco sobre a influência dos africanos nos outros continentes.

Questão 11 - O continente africano ainda é considerado mais primitivo ou atrasado do que outros países? Por quem e por quê?

Questão 12 - Qual é a importância do continente africano para a história da humanidade?

Questão 13 - Qual a importância da África para o conhecimento do passado e do presente?

Questão 14 - A África pode ser considerada uma unidade no sentido geográfico e cultural? Justifique a sua resposta.

Questão 15 - Qual das atividades realizadas neste trimestre foi mais significativa para você? Por quê?